

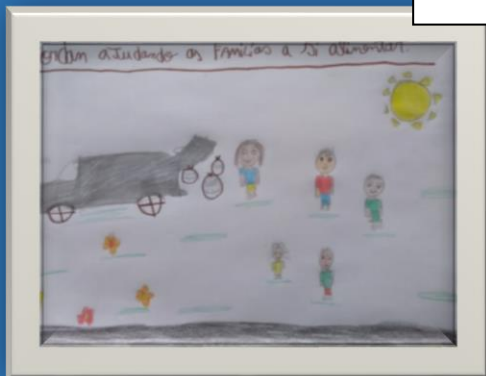


**UNIVERSIDADE FEDERAL
DO ESPÍRITO SANTO
PRÓ-REITORIA DE
EXTENSÃO**

Boletim 02

**FORDAN:
CULTURA NO
ENFRENTAMENTO ÀS
VIOLÊNCIAS**

**UM ANO
DE ENFRENTAMENTO
À PANDEMIA
DA COVID 19
(04/2020 - 04/ 2021)**



Versão 09 de abril de 2021

Autores:

Os créditos deste documento são para toda equipe abaixo, incluindo acessórias e parcerias.

Coordenação Geral

Rosely Maria da Silva Pires

Equipe Políticas Sociais e Jurídicas

Andreia Gomes Matias
Janilce de Souza Lan dos Santos
Sheila da Penha Vasconcelos Ribeiro
Layla dos Santos

Equipe Saúde

João Pedro Oliveira Silva
Luiza Santos Busatto
Brenner Araujo Acker
Danúbia Galvão de Oliveira
Debora Rosa Pereira
Mariane Silva da Silva
Maria Julia Polessa Leão
Liliane Aguido Ferreira
Lucimara dos Santos Oliveira

Equipe Cultura e Educação

Gislene Tschaen Gonçalves
Rosemery Casoli
Arleth Boone
Leonardo Luíz da Silva Araujo
Vinicius Vasconcelos Ribeiro
Ruan Sodre
Douglas Josephe
Eliz Duarte

Equipe Desenvolvimento de Campanhas

Lizio Silva Pires
Olavo Silva Pires

Equipe Escuta Psi

Maria de Fátima Sodré
Sócrates Pereira Silva
Suely Fernandes Ferreira

Breno Moreira Cabral
Viviane Pereira Silva
Ludimila Monjardim Casagrande

Assessoria de pesquisa
Karen Calegari Santos Campos
Michel Binda Beccalli

Parceria Jurídica
Maria Gabriela Agapito da Veiga Pereira da Silva
Cristiana Ribeiro da Silva
Arthur Bastos Rodrigues
Camila Coelho Moreira
Harlen Vieira de Andrade

Consultorias
Ethel Leonor Noia Maciel
Heloisa Ivone da Silva de Carvalho
Aloisio Carlos da Silva

Parcerias
PROEX - Pró-Reitoria de Extensão da UFES
LAPVIM /UFES - Laboratório de Pesquisas sobre Violência contra a Mulher no
Espírito Santo
SPB - Sociedade Brasileira de Psicologia
Subsecretaria de Estado de Políticas para Mulheres

Pires et al. Fordan “Cultura no Enfrentamento às Violências”: Um Ano de Enfrentamento à Pandemia do Covid 19 (04/ 2020 - 04/2021), 2021. 83f. (Série Boletim Fordan na Covid, 02)

Versão online

1. Covid 19. 2. Periferia. 3. Acolhimento. Projeto de Extensão. Universidade Federal do Espírito Santo

Sumário

Apresentação do boletim	7
1 CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19	11
1.1 COVID E PERIFERIAS	11
1.2 O FORDAN NA/COM/PELA PERIFERIA	13
2 FORDAN UM ANO NO ENFRENTAMENTO À PANDEMIA: PESQUISA COM AS FAMILIAS E A EQUIPE.....	17
2.1 TRABALHO MULTIDISCIPLINAR DA EQUIPE FORDAN: UM ANO DE ENFRENTAMENTO À COVID 19 (2020 a 2021).....	18
2.1.1 Principais demandas atendidas neste ano de pandemia	19
2.1.2 Os maiores desafios enfrentados pela equipe.....	20
2.1.3 Demandas do projeto que mais sensibilizaram a equipe	21
2.1.4 Vitórias importantes do projeto.....	22
2.1.5 Vitória ligada ao atendimento às famílias.....	23
2.1.6 A importância do trabalho para a formação profissional e pessoal da equipe... 24	24
2.1.7 Qual foi o maior aprendizado da equipe neste um ano de pandemia.....	26
2.1.8 Dados sobre a covid-19	27
2.1.9 Como foi realizado o levantamento de dados que estamos disponibilizando aqui?	28
2.1.10 Quais os maiores problemas que enfrentou na pandemia?	37
2.1.11 Como o projeto Fordan/UFES te ajudou?.....	38
3 FORDAN NO ENFRENTAMENTO AS VIOLENCIAS E FORTALECIMENTOS DAS MULHERES EM ISOLAMENTO SOCIAL	40
3.1 METODOLOGIAS DA EQUIPE SAÚDE DO FORDAN NO COVID-19: O CUIDADO COMO FORMA DE FORTALECIMENTO DE MULHERES E SUAS FAMÍLIAS EM VULNERABILIDADE SOCIAL	40
3.2 INTRODUÇÃO	40
3.3 OS CUIDADOS COM A MULHER EM ISOLAMENTO SOCIAL: A PRODUÇÃO DE UMA METODOLOGIA DA SAÚDE.....	42
3.3.1 Dados De Vitória Es/Dados De São Pedro	42
3.3.2 O cuidado da equipe saúde com as mulheres como forma de fortalecimento e os desafios de trabalho não presencial	43
3.3.3 O cuidado da equipe saúde com as filhas e filhos das mulheres	45
3.4 CONCLUSÃO	47
4 MULHERES EM VULNERABILIDADE SOCIAL DURANTE O ISOLAMENTO PELA COVID-19: A GARANTIA DOS DIREITOS COMO PREVENÇÃO E ENFRENTAMENTO À VIOLENCIA DOMÉSTICA 50	
4.1 O FORTALECIMENTO EMOCIONAL COMO BASE DA SEGURANÇA DA MULHER	51

4.2 A GARANTIA DE DIREITOS COMO PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA.....	51
5 DA ESCUTA AO ENFRENTAMENTO: SER LGBTQ+	54
5.1 EXPERIÊNCIAS PESSOAIS	57
5.1.1 Debora Rosa Pereira	57
5.1.2 Vinicius Vasconcelos Ribeiro	59
5.1.3 Breno Moreira Cabral	60
5.1.4 Brener Araújo Acker	64
5.2 DA ESCUTA AO ENFRENTAMENTO.....	66
6 A ARTE COMO CONTEXTO DO DIA-A-DIA: PROCESSOS DE FORTALECIMENTO INTRAFAMILIAR EM MOMENTOS DE ISOLAMENTO SOCIAL	69
6.1 INTRODUÇÃO	69
6.2 A METODOLOGIA DA PESQUISA-INTERVENÇÃO COMO AUXILIAR NA ELABORAÇÃO DAS ATIVIDADES CRIATIVAS	70
6.3 O DIÁLOGO DA ARTE COM O UNIVERSO DE MULHERES DA GRANDE SÃO PEDRO ACOLHIDAS PELO PROJETO FORDAN NO CONTEXTO DO ISOLAMENTO SOCIAL	71
6.4 O DIÁLOGO DA ARTE COM O UNIVERSO DE JOVENS DA GRANDE SÃO PEDRO ACOLHIDOS PELO PROJETO FORDAN NO CONTEXTO DO ISOLAMENTO SOCIAL	73
6.5 O DIÁLOGO DA ARTE COM O UNIVERSO DE CRIANÇAS DA GRANDE SÃO PEDRO ACOLHIDAS PELO PROJETO FORDAN NO CONTEXTO DO ISOLAMENTO SOCIAL	75
6.5 CONSIDERAÇÕES.....	76
7 ENTREVISTAS COM PARCEIRAS E PARCEIROS QUE FIZERAM A ACESSORIA À EQUIPE E COORDENAÇÃO DO FORDAN.....	79
7.1 ETHEL LEONOR NOIA MACIEL.....	79
7.2 ALOIZIO CARLOS DA SILVA	80
7.3 HELOISA IVONE DA SILVA DE CARVALHO	81
7.4 JULIANE BARROSO.....	84
8 ANEXO.....	87

Apresentação do boletim

Este boletim é o marco de um ano no enfrentamento à Covid-19. O trabalho foi realizado pelo projeto de extensão, da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), “Fordan: Cultura enfrentamento as violências”. Neste período de um ano, com início em março de 2020 ao final de março de 2021, concluímos uma fase do trabalho de monitoramento e acolhimento de um conjunto de 174 pessoas (mulheres e suas famílias) em vulnerabilidade social. Este boletim tem o objetivo de apresentar como o trabalho foi iniciado, a sua continuidade – tendo em vista que o primeiro boletim foi lançado em 18 de maio de 2020 – bem como dar visibilidade aos dados encontrados na pesquisa e no monitoramento.

O boletim 01 apresentou como o trabalho se realizou naquele momento de muita incógnita sobre o espraiamento da pandemia. As questões-problema foram: o trabalho remoto; o socorro às famílias; a entrega de cestas básicas de maneira segura e atenta aos protocolos; a observação de como as famílias monitoradas respondiam à essa importante crise; a identificação e análise das principais demandas; o mapeamento de comorbidades dos sujeitos que compõem as famílias; entender quais as características da periferia; e verificar quais os principais pontos sobre a letalidade desse vírus na periferia.

Já neste boletim 02, apresentamos narrativas que se propõem como um exercício de escuta importante tanto para quem escreve quanto para quem lê, por provocar a reflexão do que tem sido essa pandemia que assolou o mundo inteiro. Nessa esteira, o boletim 02 traz algumas experiências que consideramos muito importantes. Por meio do registro e reflexão produzidos pelos profissionais que atuam nos núcleos de Saúde, Psicologia, Sócio jurídico, Cultura e Educação e das ações de distribuição de alimentos no bairro, é possível acompanhar as principais demandas enfrentadas pelo Fordan. Através desses registros, foi possível perceber como o trabalho de toda a equipe na/com a periferia produziu o fortalecimento de todo o grupo de maneira individual e coletiva; o que nos aponta para uma relação dialógica nas intervenções construídas com a comunidade: na medida em que buscamos fortalecer as famílias e os seus sujeitos, também nos fortalecemos enquanto grupo.

Destarte, partimos de uma dimensão que propõe o trabalho na reconstrução de si e do mundo, num movimento dialógico em que a equipe - ao levar informações, ao fazer o socorro, ao fazer a escuta -, também busca orientações e reflexões para si, para sua

família, assim como produz a escuta da sua própria dor e isso tem sido importante para o seu fortalecimento individual e coletivo.

Outra dimensão foi a pesquisa realizada com as mulheres, que buscou compreender os impactos da pandemia. As principais questões abordadas foram: foram contaminadas pelo covid-19? Se sim, quais foram os sintomas? A internação foi necessária? A unidade de saúde foi acionada? Houve a perda de algum ente da família? Recebeu auxílio emergencial do governo? Quais foram as principais dificuldades que passou? O que o projeto Fordan representou para essas famílias nesse momento?

Esse mapeamento foi fundamental para entendermos o que as famílias nos diziam quando afirmavam: “você cuidam de nós”. Ao compreender essa afirmação, não só qualitativamente como também quantitativamente, percebemos, por meio da experiência, que, para enfrentar uma pandemia, garantir o alimento, a vacina, o atendimento do SUS para a periferia é fundamental, mas garantir que essa periferia se sinta cuidada e assistida é igualmente importante. O “cuidado” reflete o acesso a serviços de saúde, ao acesso às políticas sociais, à orientação jurídica, a um atendimento humanizado. As instituições precisam estar melhor preparadas para lidar com essa periferia, nesse momento de tanta fragilidade, de medo, de desemprego, de fome de tudo. Ao acionar esses serviços, a mulher precisa ser minimamente bem atendida.

Uma terceira dimensão do boletim 02, é a apresentação de alguns textos. A ideia inicial foi lançar um boletim com textos que problematizam os contextos da intervenção, mas a nossa pauta em 2020 esteve mais centrada em salvar vidas, levar comida e monitorar as mulheres e suas famílias. A produção acadêmica foi colocada em segundo plano pela necessidade de garantir as vidas que estávamos monitorando; no entanto, a equipe participou de alguns eventos e os textos que foram publicados divulgando os resultados do trabalho foram aproveitados nesse boletim. Foi o caso dos textos: da arte, da equipe mulher, o texto da saúde e, em especial, destacamos o texto LGBTQI+. Este texto tem o objetivo de apresentar uma escuta sobre as violências que os e as LGBTQI+ passam para se afirmarem, para se potencializarem. É um texto muito sensível, com teor narrativo onde algumas pessoas da equipe não só contam as suas histórias, mas também se apresentam dentro dessas histórias.

A última parte do boletim traz entrevistas com pessoas que, nesse processo, colaboraram com o projeto. Na área de direitos humanos, temos a professora Heloisa Ivone da Silva que foi uma pessoa fundamental para o enfrentamento às violências, como racismo, violência contra mulher e pedofilia digital contra crianças. Ela deu suporte à

equipe e à coordenação, orientava os encaminhamentos aos conselhos e foi fundamental para abrir muitas portas para que a nossa população pudesse ser melhor atendida.

Outra importante entrevista foi realizada com professora Ethel Maciel (UFES). Ethel foi fundamental para o trabalho da equipe saúde. A partir dos seus conhecimentos e pesquisas, das orientações em relação aos protocolos de enfrentamento ao Covid-19, nos ajudou a organizar todo o processo de monitoramento das famílias. Apesar de uma intensa agenda de trabalho, que a sua atuação exige, Ethel esteve sempre disponível à dirimir dúvidas e conversar com a equipe.

A entrevista com o professor Aluizio Carlos da Silva, que é o nosso parceiro no atendimento psicanalítico às famílias, traz destaque a importância do trabalho da equipe do núcleo de atendimento psicológico; uma vez que no boletim 01 foi identificado um alto índice de problemas emocionais na população acolhida. Nossos dados vão ao encontro das pesquisas nacionais que também mostram esse índice altíssimo em relação aos problemas emocionais no Brasil como um todo.

O boletim contém entrevista com a subsecretária de Estado de Políticas para as Mulheres, Juliane Barroso. Juliane é uma das parceiras do Fordan, que representa esse apoio ao nosso trabalho na periferia. Entre outras ações, numa parceria intermediada pela própria, a equipe de mulheres do Fordan, constituída por Janilce de Souza Lan dos Santos, Roberta Suzane Gouvea, Rosemery Casoli e Sheila da Penha Vasconcelos Ribeiro, e por mim, Rosely Maria da Silva Pires, foi produzida a cartilha Maio/2020 de orientações para realização do atendimento não presencial às mulheres em situação de vulnerabilidade durante o período de isolamento social. Anexo estão a cartilha, o Boletim Fordan na Covid 01 e também algumas atividades realizadas ‘online’, como: programação do Seminário sobre 15 anos de trabalho do Fordan na periferia; entrevista concedida a Proex referente ao trabalho do Fordan no enfrentamento á Covid 19; live em parceria com o LAPVIM sobre isolamento social e a letalidade da Covid-19 na população preta e pobre; apresentação do trabalho realizado pelo Fordan na (live) da UFES, referente no Dia Internacional dos Direitos Humanos e; o boletim 01 disponível na página da PROEX/UFES.

É importante evidenciar o processo da produção desse trabalho: todos os sujeitos que compõem a equipe Fordan são autores, ao disponibilizarem as suas narrativas, registrarem e compartilharem as suas discussões. Existe, porém, uma equipe que organizou o trabalho, por isso o boletim tem essa característica em que alguns assinam os textos. Porém optamos pelo contexto geral em que TODAS E TODOS SÃO AUTORES.

Por fim, é necessário abordar a escolha da capa do trabalho. A capa deste boletim 02 contém desenhos produzidos pelas crianças, jovens e adolescentes que realizam atividades culturais online pelo Fordan. Como foi a seleção desses desenhos? Temos um grupo, de whatsapp com onde estão inseridas as crianças (telefone das mães), e adolescentes que realizam as oficinas online de balé, Jazz, desenho, forró. Neste grupo foi solicitado que, quem pudesse, enviasse um desenho que representasse o trabalho do acolhimento do Fordan às famílias. Aproveitamos o desenho dessas crianças e adolescentes para o formato de capa que traz o sentimento da criança e jovem em relação ao trabalho. Algumas frases podem ser lidas nos desenhos: “Fordan ajudando às famílias a se alimentarem”; “amigos”; “estou com vocês”; “Fordan são anjos”.

Na mesma linha, a pesquisa mostra o sentimento do profissional da equipe do Fordan e o sentimento das mulheres, que receberam todo esse trabalho. Nosso foco principal são as mulheres, as cestas básicas chegam para elas, a escuta primeira é realizada com elas, o mapeamento das demandas é feito com elas, e é a partir delas que a equipe chega à criança, ao jovem, ao marido, na medida em que elas nos acionam.

Esperamos que esse boletim 02, com informações técnicas, mas também mapeando afetos, seja útil, principalmente a aqueles que constroem políticas públicas para e de preferência, com e pela a periferia. Boa leitura!

Um abraço,

Rosely Silva Pires – coordenação.

1 CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19

Para entender o que foi o enfrentamento à Covid 19 na periferia, de março de 2020 a março de 2021 - e ainda está sendo mesmo enquanto editamos esse boletim – faz-se necessário discutir a dimensão da pandemia nos territórios, principalmente na região da São Pedro, periferia de Vitória, ES. Esse foi o desafio dos textos: “Covid e Periferias” e “O Fordan na/com/pela Periferia”

1.1 COVID E PERIFERIAS

Michel Binda Beccalli¹

Após 13 meses da confirmação do primeiro caso de Covid19 em território brasileiro, 12 meses de confirmação do primeiro caso em território capixaba e pouco mais de 11 meses de confirmação da primeira morte causada por complicações relacionadas à doença, o estado do Espírito Santo contabiliza, em 31 de março de 2021, 379.612 casos confirmados de Covid19 e 7.439 óbitos, com letalidade média de 2%, após dias seguidos de recordes no número de óbitos diários. Ao observar especificamente os dados do município de Vitória-ES (que conta com aproximadamente 365.855 pessoas, de acordo com dados do IBGE), são contabilizados 41.286 casos confirmados e 799 óbitos, dos quais 383 são correspondentes a pessoas declaradas como pardas e/ou negras.

É necessário destacar que enquanto bairros como Jardim Camburi e Praia do Canto apresentam taxas de letalidade de 1,2% e 1,9%, respectivamente, em regiões como, por exemplo, Santos Reis, a taxa de letalidade chega a 7,9%. Esse cenário é facilmente compreendido na medida em que a capacidade de manter isolamento social e de ter acesso à assistência em saúde estão relacionados às condições de vida de que dispõem os sujeitos e coletividades. Dito de outro modo, as condições de que as pessoas dispõem para manter alimentação, emprego, renda, higiene, etc. estão diretamente relacionadas com o quadro sanitário verificado no Brasil, no estado do Espírito Santo e no município de Vitória.

¹ Michel Binda Beccalli. Possui licenciatura e Mestrado em Educação Física. Doutorando pelo PPGEF/UFES. Funcionário da SEME/PMV. Pesquisador do Fordan/UFES.

Em pesquisa publicada no *The Lancet*², no ano de 2017, realizada com 1,7 milhão de pessoas de diversas partes do planeta, demonstra que o nível socioeconômico se constitui condições de adotar medidas de proteção, promoção e recuperação da saúde. Nesse sentido, as desigualdades sociais são apontadas pelos pesquisadores do estudo mencionado como importante fator de proteção da saúde, na medida em que fornece ao indivíduo como importantes causas de morte, sendo equiparadas ao tabagismo e ao sedentarismo, por exemplo.

No caso específico do município de Vitória, ao observarmos o índice Gini³, é possível perceber crescimento da desigualdade social no município alcançando, no ano de 2010, o valor de 0,6124. O desafio sanitário imposto pelo contexto pandêmico, portanto, é ainda maior se for observada, aliada à situação adscrita, a escalada crescente dos índices de desemprego em âmbito local, regional e nacional, bem como a redução de mecanismos e ferramentas do Estado para auxiliar na amenização dos impactos causados pela Covid19.

Dessa compreensão decorre o entendimento de que a pandemia de Covid19 não somente é agravada pelas condições de vida dos indivíduos e coletividades, mas coloca em foco os efeitos das iniquidades em saúde. Ou seja, além de representar um importante desafio para o Estado e para a sociedade, do ponto de vista epidemiológico, a pandemia de Covid19 traz amplifica os efeitos dessas iniquidades na capacidade de sobrevivência da população.

Trata-se, em última instância, de um desafio à garantia dos Direitos Humanos e Fundamentais, partindo da compreensão de que esses Direitos constituem-se como prerrogativa básica para construir, efetivamente, condições de saúde, entendendo saúde como resultante de um conjunto de elementos como, por exemplo, habitação, alimentação, lazer, transporte, emprego, renda, acesso a serviços de saúde, dentre outros, conforme prevê o Art. 3 da Lei 8.080/1990, amparada na compreensão do Relatório Final da 8ª Conferência Nacional de Saúde e no documento conhecido como Carta de Ottawa. Tais fatores são reconhecidos no campo da Saúde Coletiva como determinantes sociais

² STRINGHINI, S. et al. Socioeconomic status and the 25 × 25 risk factors as determinants of premature mortality: a multicohort study and meta-analysis of 1.7 million men and women. **The Lancet**. v.389. n.10075, mar. 2017. Disponível em: <[https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(16\)32380-7/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(16)32380-7/fulltext)>. Acesso em: 10 abr 2020.

³ O índice Gini destina-se a evidenciar a diferença que existe na concentração de renda por determinados grupos, na medida em que verifica a diferença entre a renda *per capita* dos mais ricos e dos mais pobres. O índice é expresso em uma escala de 0 a 1, considerando que 0 representa situação de igualdade de renda.

da saúde e se referem às condições vida concreta de que dispõem os sujeitos e coletividades.

Diante do exposto, fica evidente o dever do Estado de prover as condições de que necessitam os indivíduos e coletividades para o enfrentamento das adversidades pertinentes ao quadro sanitário, sobretudo no atravessamento de uma pandemia que impõe como medida de controle necessária o distanciamento social e o isolamento social. Ou seja, são necessárias medidas que possam viabilizar a permanência (segura) das pessoas em condições de isolamento social.

1.2 O FORDAN NA/COM/PELA PERIFERIA

Karen Calegari Santos Campos⁴

O ano de 2020 foi palco de um grande marco negativo na história humana. A pandemia foi mundialmente recebida com assombro e, em meio as notícias da circulação do Covid-19 em território europeu, o Brasil se viu na expectativa de enfrentar uma já sabida dolorosa situação em escala tão significativa quanto o seu território geográfico. Nós sabíamos. Assim como um automóvel em grande velocidade em baixas condições estruturais, sabíamos como a tragédia seria inevitável. Em um país em que a dimensão territorial reflete as marcas de uma história de classes diametralmente distintas, infelizmente, não nos surpreende o modo pelo qual os registros apontam para uma profunda letalidade nas periferias.

Um ano depois, em março de 2021, permanecemos em assombro, mas já possuímos pistas e indícios das maneiras pelas quais poderíamos ter antevisto esse eminente impacto e nos assegurarmos contra um mal maior. Durante a escrita deste pequeno texto, chegamos a um terrível número de 3.769 óbitos em 24h no território brasileiro.

Como podemos produzir discursos sobre “um novo normal”? A fome, a miséria, a ausência de condições básicas para a vida digna eram (são!) normais? O Estado tem tratado a todxs com equidade e democracia?

⁴ Licenciada e Mestra em Educação Física pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Pedagoga pela Faculdade Brasileira e Doutora em Educação pela UFES. Coordenadora Pedagógica da Rede de Ensino Doctum. Pesquisadora do Fordan/UFES.

Em meio às crises políticas, econômicas e o colapso dos sistemas de saúde, diante de uma grave pandemia, voltamo-nos, cada vez mais, à necessidade de refletir sobre a condição humana e sobre a sua vulnerabilidade. Outrossim, temos vislumbrado uma significativa movimentação nas formas de nos relacionarmos socialmente e na reinvenção das maneiras de nos percebermos como sujeitos isolados e coletivos.

Nessa esteira, é perceptível o trabalho desenvolvido pelas organizações e movimentos sociais que se configuram como um fôlego de esperança em um cenário de desolação e abandono. Por meio do enfrentamento à barbárie da marginalização, daqueles esquecidos à margem do acesso às garantias fundamentais da dignidade humana, os movimentos sociais se mantem como uma força necessária nos espaços periféricos.

Alfonsin, Berni e Pereira (2020) ao analisar o impacto da pandemia do Covid-19 nas periferias, já nos alertaram sobre a necessidade de combater aquilo que Mbembe (2018) cunhou como “necropolítica”. Segundo os autores, “essa tolerância por parte do poder constituído com vidas descartáveis, com sujeitos sociais indesejáveis; essa tolerância, enfim, com a gestão pública de quem pode viver e quem pode morrer – historicamente determinada por critérios econômicos e raciais” (ALFONSIN, BERNI e PEREIRA, 2020, p.5).

Como resposta à precariedade do suporte do Estado às comunidades periféricas, os movimentos sociais produzem estratégias de mobilização para a constituição de uma rede solidária como forma de resistência à perversidade do abandono produzido pela necropolítica. Com efeito, buscam diminuir os impactos da crise sanitária no cotidiano dos sujeitos socialmente e politicamente invisibilizados.

Ao mirar de maneira específica à comunidade São Pedro, localizada na Grande Vitória (ES), infelizmente constatamos que as denúncias produzidas por Alfonsin, Berni e Pereira (2020) aqui também são perceptíveis. Nesse contexto, objetivamos dar visibilidade ao trabalho desenvolvido pelo Fordan que, assim como seu nome, pratica o enfrentamento às violências que se produzem para/com este lugar – já retratado historicamente como lugar “de toda pobreza”.

O projeto de extensão Fordan, já se configura como *espaçotempo* de enfrentamento nesta região há anos; todavia, mesmo com a sabida trajetória no atendimento às famílias, mulheres, jovens e crianças em situação de vulnerabilidade e

risco social, percebeu a dimensão assustadora do trabalho necessário ao atendimento das demandas agora ampliadas.

É importante ressaltar que as periferias guardam estreita relação às práticas de marginalização social. Os estudos que objectualizam a relação entre a construção e urbanização das cidades e os sujeitos que as habitam, nos possibilitam pistas para compreender que estes espaços se constituem como lugar construído para abrigar àqueles que não possuem condições econômicas de conviver com os padrões instituídos pela classe dominante. Dito em outras palavras, a relação urbanidade x periferia abriga as diferenças de classe e todas as mazelas imbricadas nessa relação (CAMPOS, 2016).

Isto posto, questionamos: se a periferia é ocupada por uma classe trabalhadora que fornece os meios para que as engrenagens do capitalismo funcionem, ela poderia ser “parada” pelo Covid-19? Uma rápida pesquisa nos meios midiáticos, lhe mostrará a complexidade desta pergunta. Não é nosso intuito responder à esta questão neste momento, mas ela certamente se tornou, durante a pandemia, um fúnebre exemplo de como as mazelas sociais impactam sobremaneira nas comunidades periféricas: o desemprego e a necessidade do trabalho corroboram para a manutenção do funcionamento desta engrenagem.

Nesse sentido, as ações desenvolvidas em continuidade no atendimento aos sujeitos da região São Pedro por meio de ações de assistência, jurídicas, de saúde, psicológica, pedagógicas e culturais, tem se constituído, por vezes, como a única mão estendida para minimizar os efeitos nocivos do necessário isolamento social.

Os dados, que serão informados mais à frente neste documento, indiciam que o Fordan se configura como instância de suporte, orientação e socorro em relação à fome, às violências – significativamente alarmantes em relação às mulheres e crianças – e ao abandono dos sujeitos “à sua própria sorte”.

Em meio aos relatos de desemprego, crise financeira agravada pela pandemia, a não equidade no acesso aos direitos e garantias fundamentais à dignidade humana, na fala dos sujeitos acolhidos, o Fordan se tornou um alento para a pobreza, para a fome, as condições precárias de moradia, no acolhimento da dor e no compartilhamento de possibilidades do trabalho solidário.

Mas não é “só” isso. O trabalho desenvolvido pelo Fordan, aponta, a partir dos sujeitos que o vivenciam e o consomem, que o acolhimento e a escuta sensível têm produzido potência de vida naqueles que sofrem pela marginalização e pelas condições específicas de vida – sejam elas coletivas ou individuais.

Como já nos alertou a canção “Comida” (1987), “[...] A gente não quer só comida. A gente quer comida, diversão e arte. A gente não quer só comida. A gente quer saída para qualquer parte”. O que a gente quer mesmo, é ser humano e, por isso, legítimos.

Referências

ALFONSIN, Betânia; BERNI, Paulo Eduardo; PEREIRA, Pedro. **O paradoxo da covid-19 nas periferias**: a retomada da cultura associativa como forma de resistência à necropolítica. Observatório das Metrópoles. Porto Alegre, Julho de 2020. Disponível em https://www.observatoriodasmetropoles.net.br/wp-content/uploads/2020/07/An%C3%A1lise-Nacional_O-paradoxo-da-covid-19-nas-periferias.pdf. Acesso em: 01 de abril de 2021.

ANTUNES, Arnaldo; FROMER, Marcelo; BRITO, Sergio. **Comida**. Intérprete: Titãs. In: Titãs. Jesus não tem dentes no país dos banguelas. Rio de Janeiro: WEA. 1 disco sonoro (LP). Lado A, faixa 2. 1987.

CAMPOS, Karen Calegari Santos. **O corpo no projeto republicano na cidade de Vitória** (1908-1912). 2016. Tese (Doutorado em Curso de Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Espírito Santo.

2 FORDAN UM ANO NO ENFRENTAMENTO À PANDEMIA: PESQUISA COM AS FAMÍLIAS E A EQUIPE

Os textos abaixo têm como objetivo apresentar os dados das duas pesquisas realizadas pelo projeto. A primeira delas com as famílias e a segunda com a equipe. A metodologia utilizada está descrita em cada um dos textos com as devidas apresentações.

A metodologia de trabalho utilizada pelo Fordan é a pesquisa-intervenção⁵, cujo objetivo é mapear os movimentos, os processos de criação, desconstrução e recriação das intervenções. Essa metodologia permite o diálogo entre o pesquisador e o sujeito de pesquisa e possibilita uma relação dialógica entre a teoria e a prática, o que é fundamental para o projeto, pois não trabalhamos com prescrições. Para uma escuta mais sensível à periferia conjugamos a pesquisa-intervenção com o Paradigma Indiciário (descrito no boletim 01), o que tem sido fundamental para observar esse movimento de vida da periferia e a partir do diálogo entre mulheres acolhidas, equipe e pesquisas nacionais produzir propostas metodológicas de enfrentamento às diversas violências sofridas pelas famílias.

Para esta pesquisa, apresentada neste boletim 02, destacamos que a seleção das mulheres pesquisadas foi aleatória. Enviamos a entrevista com perguntas (via WhatsApp) para todas as mulheres e, aquelas que responderam, aproveitamos os dados na íntegra. O desafio foi analisar dois pontos principais da pesquisa: todas continuavam vivas? Tiveram internação pela Covid? Para isso, contamos com os dados da equipe e coordenação do trabalho de acolhimento e monitoramento a todas as famílias.

Nesse sentido, embora só tivéssemos o retorno de 59,6%, das mulheres acolhidas, essas duas questões puderam ser respondidas com precisão, porque comprovamos que elas e seus familiares (filhas, filhos e maridos acolhidos pelo Fordan) continuam vivas e vivos após um ano de enfrentamento a Covid 19.

⁵ PIRES, R. M. S. Pesquisa-intervenção: Narrativa do Projeto Escola Sonhos do Futuro. In: Aloisio Silva. (Org.). Saúde, educação e cidadania: Múltiplos olhares. 1ed. Vila Velha-ES: Píscis, 2009, v. II, p. 123-130.

2.1 TRABALHO MULTIDISCIPLINAR DA EQUIPE FORDAN: UM ANO DE ENFRENTAMENTO À COVID 19 (2020 a 2021)

Em março de 2021, ao completarmos um ano de enfrentamento à COVID-19 junto às famílias de São Pedro, foi realizada uma pesquisa direcionada aos membros da equipe do projeto de extensão FORDAN/UFES, com o objetivo de avaliar o bem-estar dessas pessoas e de compreender melhor as demandas, os desafios enfrentados e os aprendizados adquiridos com essa experiência.

Desse modo, um questionário com perguntas abertas acompanhado de um texto explicativo sobre a pesquisa foi enviado via WhatsApp para todos os 20 participantes da equipe. Destes, 18 pessoas responderam ao questionário e enviaram suas respostas também via WhatsApp. O questionário incluía as seguintes perguntas:

1. Quais foram as principais demandas que você atendeu?
2. Quais foram os maiores desafios enfrentados?
3. Qual foi a demanda que mais mexeu com você?
4. Quais foram as vitórias do projeto que você considerou como importantes?
5. Qual vitória ligada a um atendimento com as famílias tocou você?
6. Qual a importância desse trabalho para sua formação profissional e pessoal?
7. O que você mais aprendeu ao longo deste um ano de pandemia participando deste trabalho multidisciplinar?

Também foram realizadas perguntas em relação à infecção pela COVID-19. As perguntas foram:

1. Você foi infectado?
2. Quais foram os sintomas?
3. Consultou a unidade de saúde?
4. Foi internado?
5. Teve outras doenças?
6. Teve sequelas?

Os dados obtidos a partir desta pesquisa serão apresentados na próxima seção. Na apresentação, as respostas foram mantidas exatamente como elas foram fornecidas para que estas reflitam da forma mais fidedigna possível a realidade vivida pela equipe do FORDAN neste um ano de pandemia.

2.1.1 Principais demandas atendidas neste ano de pandemia

As seguintes respostas foram fornecidas pelos membros da equipe que participaram da pesquisa para a pergunta sobre as principais demandas atendidas pelo projeto de extensão neste um ano de enfrentamento à pandemia:

Suspeita de covid, orientações sobre covid, saúde mental (escuta). (PROFISSIONAL 1)

Dúvidas sobre o isolamento e o uso de máscaras e monitoramento das famílias. (PROFISSIONAL 2)

Violência doméstica e separação/guarda/alimentos. (PROFISSIONAL 3)

Conversa e acolhimento com as mulheres e crianças do Projeto, eu entrava em contato pelo WhatsApp para saber como estavam. (PROFISSIONAL 4)

Na maioria violência doméstica, física e psicológica. (PROFISSIONAL 5)

Entregando cestas básicas e outros kits. (PROFISSIONAL 6)

Mediação de conflito e instrução sobre os métodos de contrair o Covid19 bem como sintomas caso haja infecção. (PROFISSIONAL 8)

Agendar ultrassom pra “uma das mulheres”, monitorar as mulheres e aconselhando elas sempre se cuidando contra o vírus. (PROFISSIONAL 9)

Orientações para obtenção do Auxílio Emergencial do Governo Federal; Solicitações de ajuda para preenchimento de dados no aplicativo caixa telem; Atendimentos de mulheres vítimas de violência doméstica, almejando a separação do agressor e também, mães que estavam batendo nos (as) filhos (as). (PROFISSIONAL 11)

Violência doméstica, surtos, dificuldade com alimentação, ansiedade. (PROFISSIONAL 12)

Mulheres com demandas emocionais e financeiras. (PROFISSIONAL 13)

Foi e ainda está sendo a falta de privacidade para falar com o casal que eu atendo desde março de 2020, atendimento telefônico. (PROFISSIONAL 14)

Recebimento do material escolar online, e material escolar em papel, para as crianças em Ensino fundamental e Ensino médio. (PROFISSIONAL 15)

Pacientes com ansiedade, medo, depressão. (PROFISSIONAL 16)

Atenção a criança, adolescente e jovens e orientações sobre saúde preventiva. (PROFISSIONAL 17)

Eram crianças/adolescentes. (PROFISSIONAL 18)

2.1.2 Os maiores desafios enfrentados pela equipe

Ao serem questionados sobre os maiores desafios enfrentados pela equipe do projeto FORDAN, neste ano de pandemia, obtivemos as respostas a seguir:

Lidar com pessoas desconhecidas, insuficiência de conhecimento para orientar da melhor forma. (PROFISSIONAL 1)

Conseguir comunicar com as pessoas que não tinha nenhum contato físico prévio e conseguir orientar essas famílias da forma adequada sem uma instrução profissional formada. (PROFISSIONAL 2)

O judiciário suspenso, sem poder ajudar as pessoas. (3)

O maior desafio foi ter que ficar em casa e principalmente sem renda, e o desafio de trabalhar com aulas online. (PROFISSIONAL 4)

Foi de uma mãe de 19 anos grávida da segunda filhinha, vivendo um relacionamento abusivo seguido de agressão física e ainda dependente química. Ao dar a luz a criança nasceu com o rostinho todo preto onde o Fordan atuou também na investigação se foi um dano causado pelas drogas ou negligência médica. Costumo dizer que juntas somos fortes. (PROFISSIONAL 5)

Achar o endereço das pessoas. (PROFISSIONAL 6)

A maior parte dos atendimentos e ações terem sido online. (PROFISSIONAL 8)

A perda do bebê da “uma das mulheres”. Manter as famílias atendidas pelo projeto com alimentos em sua casa nesse período de pandemia. (PROFISSIONAL 9)

Manter as famílias atendidas pelo projeto com alimentos em sua casa nesse período de pandemia. (PROFISSIONAL 10)

Maior desafio diante da pandemia do coronavírus, foi nossa luta em defesa da vida, diante de políticas sociais tão sucateadas O acolhimento as pessoas que se encontravam em situações de vulnerabilidade, sejam estas já pré-existentes ou geradas diante ao isolamento social. Buscando sempre que os mesmos tivessem acesso aos seus direitos garantidos. Sejam, aos serviços de saúde, assistência e previdência social, além dos benefícios eventuais. (PROFISSIONAL 11)

A falta de um contato presencial, de poder olhar nos olhos de quem eu estava atendendo. Não saber exatamente naquele momento do atendimento online, telefônico a real situação de quem eu estava atendendo. (PROFISSIONAL 12)

Entender e explicar o processo de isolamento como de extrema relevância para a manutenção da vida das mulheres acolhidas, assim como de seus familiares, uma vez que os mesmos precisavam sair de suas casas para trabalhar e ganhar o sustento para os seus filhos, o que também é de extrema relevância para a manutenção da vida. (PROFISSIONAL 13)

Creio que a casa deles é bem pequena e quando falo com a pessoa do sexo masculino, a outra parte fica escutando e costuma gritar que o que ele esta me

contando é mentira. Isso para mim significa o maior desafio. (PROFISSIONAL 14)

Os pais ou os responsáveis, terem que sair de casa, para ir às escolas para retirarem o material escolar. E a retirada de alimentos nas escolas, com o cuidado da aglomeração de pessoas. (PROFISSIONAL 15)

Adaptar-se às novas formas de trabalhar. (PROFISSIONAL 16)

A conectividade e disponibilidade de horários. (PROFISSIONAL 17)

No primeiro momento foi conquistar a confiança das crianças, para colher informações para que eu pudesse está trabalhando na demanda em que foi proposta. (PROFISSIONAL 18)

2.1.3 Demandas do projeto que mais sensibilizaram a equipe

Quanto às demandas que mais sensibilizaram as pessoas da equipe, as respostas foram as seguintes:

Da mãezinha que perdeu o bebê. (PROFISSIONAL 1)

Foi muito difícil lidar com algo tão sério de forma tão repentina mas tudo se resolveu bem no final. (PROFISSIONAL 2)

Demanda de alimentos em que o pai é negligente e mexe muito com a cabecinha do menor de 05 anos, que está cada vez mais agressivo com a mãe, que já até pensou em se matar. (PROFISSIONAL 3)

Quando uma das mulheres me falou que estava com depressão e que tinha uma filha especial, falta de remédios para essa filha, estava falando com ela todos os dias e pedi para a equipe da saúde entrar em contato, pois essa demanda eu percebi que não daria conta. (PROFISSIONAL 4)

Tivemos Vitória no combate à fome nesse período de pandemia com o desemprego e o emocional totalmente debilitado devido ao confinamento. (PROFISSIONAL 5)

Cestas básicas para as famílias. (PROFISSIONAL 9)

Uma delas foi o atendimento de uma adolescente gestante que esteve várias vezes no hospital. Onde a medicavam e mandavam de volta para casa. A equipe sócio-jurídica mobilizou-se e com ajuda de parcerias, a jovem foi internada e teve o seu bebê. Uma outra demanda, foi a afastamento de uma das mulheres de sua residência e do marido agressor. A mesma estava gestante e tinha quatro filhas meninas. Realizamos atendimento presencial e ela nos confirmou o desejo e necessidade de separar-se imediatamente. A equipe multidisciplinar mobilizou-se e juntos monitoramos a saída dela juntamente com as filhas para outra residência. A acolhida está cada dia mais fortalecida e criando as filhas. (PROFISSIONAL 11)

Sem dúvida os casos de violência contra criança. (PROFISSIONAL 12)

O caso de uma das acolhidas que precisou sair de sua casa, fugindo da violência doméstica, levando consigo suas seis filhas menores de 12 anos, inclusive uma bebê de poucos meses. (PROFISSIONAL 13)

Um dia, ele mandou uma mensagem dizendo que a esposa estava com vontade de comer carne, e ele está com muita raiva porque além de não ter a carne para ela comer, também não tinham dinheiro para comprar, está desempregado e sem fazer bico. (PROFISSIONAL 14)

A interação dos pais e mães nesse processo de aprendizado com os filhos. A falta da internet e um computador, em algumas famílias. (PROFISSIONAL 15)

Manter a qualidade do trabalho no formato online. (PROFISSIONAL 16)

A elaboração das atividades culturais e educativas para as crianças. Pois para muitos pode parecer apenas algo para ocupação. Porém para mim com base na minha profissão demonstrou que nós empostamos com eles e nos preocupamos com eles não só na educação mas também com relação a cultura. E além de ser um método preventivo para a atual situação que estamos vivenciando, que é a necessidade de ficarmos em casa, para juntos vencermos essa pandemia. (PROFISSIONAL 17)

Foi de uma paciente com idade de 11 e 12 anos em que corria risco através da internet... (PROFISSIONAL 18)

2.1.4 Vitórias importantes do projeto

Em relação às vitórias alcançadas com o trabalho no projeto FORDAN, as respostas foram:

Conseguir manter todos vivos, ajudar a fazer o dia deles melhores. (PROFISSIONAL 1)

O contato que tive com algumas pessoas que estão o no projeto, as campanhas de doação, o aprendizado de cada dia, a experiência de ter que lidar com algo novo. (PROFISSIONAL 2)

A continuidade na realização da ajuda mesmo em tempos de tanta dificuldade. (PROFISSIONAL 3)

Que o projeto nesse momento com todas as suas dificuldades se fortaleceu mais e conseguimos manter as aulas mesmo que online, e o tempo todo alertando para o Covid 19. (PROFISSIONAL 4)

O empoderamento de algumas mulheres buscando seu bem estar junto aos filhos. Combate à Pedofilia e aliciamento infantil via zap. (PROFISSIONAL 5)

O reconhecimento na câmara estadual. (PROFISSIONAL 6)

Não tínhamos recebido denunciar de violência doméstica nos momentos anteriores da pandemia, tivemos poucos casos de infecção do vírus e a continuidade na mobilização de serem entregues cestas básicas e kits de cuidados, como álcool. Conseguimos, também, movimentar a criação de um

caderno com propostas muito bacanas de ajudá-los nesse período. (PROFISSIONAL 8)

Todos se cuidaram contra a covid. (PROFISSIONAL 9)

Apesar das dificuldades encontradas, nenhum do colhidos teve perda de pessoas do ciclo familiar para o Covid. (PROFISSIONAL 10)

Todas as demandas foram vitórias importantes. A maior de todas, é estarmos vivos, equipe e acolhidos(as). (PROFISSIONAL 11)

O fato de estarmos em meio há uma pandemia, de conseguirmos manter o nosso trabalho em meio a tantas dificuldades, estresse, cansaço. Reinventarmos o modo como realizamos esse trabalho, eu considero uma vitória. (PROFISSIONAL 12)

A manutenção psicológica das equipes de acolhimento; a segurança de auxiliar as famílias acolhidas mesmo estando todos dentro da insegurança causada pela pandemia. (PROFISSIONAL 13)

É saber que todos estamos empenhados em trabalhar, levando o projeto para frente e auxiliando dentro das possibilidades de cada um. Creio que é o que eu ainda estou atendendo, no começo tanto ela como ele, eram bastante agressivos principalmente nas palavras. Hoje conversam bem equilibrados dentro das possibilidades de cada um. No começo ele falava o tempo todo que queria matar o pai. Hoje ele não toca mais no assunto e nas conversas não relaciona o pai. (PROFISSIONAL 14)

A insistência e interação dos responsáveis, os pais para o estudo dos filhos, desde a busca nas escolas do material escolar, como em ajuda-los a estudar em casa. (PROFISSIONAL 15)

Conseguir alcançar as pessoas mesmo com as dificuldades. (PROFISSIONAL 16)

Ter as famílias assistidas e orientadas e sem nenhum contágio com COVID. (PROFISSIONAL 17)

Através da escuta analítica, pude acolher. Trabalhar a auto estima com as adolescentes. (PROFISSIONAL 18)

2.1.5 Vitória ligada ao atendimento às famílias

Quando perguntados sobre qual vitória alcançada no projeto, em apoio às famílias, mais os sensibilizou, as respostas foram as seguintes:

Não foi diretamente comigo, mas a relação de “colega da saúde” com um casal, como ele consegue influenciar positivamente a relação deles. (PROFISSIONAL 1)

A evolução do contato que tive com uma das pessoas acolhidas ao ela dizer que confiava em mim e que conseguia se abrir pra mim e contar das dificuldades dela para mim. (PROFISSIONAL 2)

Violência obstétrica com a filha de uma das mulheres. (PROFISSIONAL 3)

Foi com a família que tem uma filha especial, e as meninas que continuaram fazendo ballet até em cima da Pedra. (PROFISSIONAL 4)

SINTONIA equipe Fordan. Uma criança de 9 anos num processo de separação dos pais que foi participar do aniversário de sua irmã em outra casa ouviu os bandidos gritando e atirando na casa vizinha, desenvolvendo assim a síndrome do pânico. Foi um trabalho tenso e enriquecedor. (PROFISSIONAL 5)

Me faz me tornar uma pessoa melhor. (PROFISSIONAL 9)

Ver a nossa acolhida de nome fictício bombar, fortalecida, feliz, assim como suas filhas. Antes de se separar do marido e saírem da casa onde o marido da mesma cometia vários tipos de violências, tais como física, psicológica, sexual, patrimonial e moral com a esposa e filhas, elas apresentavam fisionomias tristes, sempre com carinhas de assustadas e acuadas. (PROFISSIONAL 11)

A situação de uma mãe que pediu ajuda dizendo estar sofrendo violência doméstica, mas após averiguação das informações prestadas e conversa com a equipe multidisciplinar chegamos a um consenso de que ela estava na verdade protegendo a filha. Isso foi tocante pra mim porque o trabalho do Fordan busca não só empoderar essas mulheres, mas também fazer com que elas vivam a melhor versão de si mesma. E nessa situação eu senti que o recado foi dado. (PROFISSIONAL 12)

Eu destaco a vitória geral, que é não termos tido óbito de nenhum dos integrantes diretos das famílias acolhidas. (PROFISSIONAL 13)

O casal já sabe conversar e eu entendo quais são as suas necessidades. (PROFISSIONAL 14)

Numa das famílias, a irmã ajudava a outra nos estudos, por ser especial. (PROFISSIONAL 15)

Uma pessoa que venceu a depressão durante o período de pandemia. (PROFISSIONAL 16)

Orientação e acompanhamento do nascimento de um bebê. (PROFISSIONAL 17)

O feedback da família é muito importante no processo do nosso trabalho, mas o que me recordo em que a mãe da analisanda, veio nos contatar que a filha melhorou muito após as escutas analíticas. Isso é muito gratificante. (PROFISSIONAL 18)

2.1.6 A importância do trabalho para a formação profissional e pessoal da equipe

Quanto à importância do trabalho realizado no projeto para a formação profissional e pessoal de cada um, os respondentes indicaram o seguinte:

Experiência com realidades que não são a minha, meu primeiro contato como "enfermeira" com uma população (PROFISSIONAL 1)

Eu estou em processo de formação na faculdade e o projeto é importante para o meu lado profissional pois eu lido com a realidade. Lido com realidades que infelizmente carecem de recursos e atendimento básico de saúde. Essa experiência me ensina a entender as demandas da nossa sociedade e me impulsiona a estudar e ser um profissional melhor. O meu lado pessoal não se

desvincula do meu lado profissional pois nós somos humanos e na medida que meu profissional cresce, o meu ser também cresce. (PROFISSIONAL 2)

ENORME. (PROFISSIONAL 3)

Contribuiu em muito pois, me fez pensar mais nos outros e ainda as desigualdades que ainda existem neste mundo. (PROFISSIONAL 4)

Digo sempre que a primeira pessoa a se beneficiar com esse projeto sou EU mesma. Os desafios são muitos, o aprendizado constante. Importância total em minha vida. (PROFISSIONAL 5)

Muito importante, me fez ter outro olhar sobre a pandemia. (PROFISSIONAL 6)

Tem total importância na minha vida, pois olhar o outro além do que nos é apresentado pelas biografias é necessária na construção de caráter, na motivação de lutas pessoais e coletivas como as lutas sanitárias, que possibilitem a população uma vida digna e de importância, já as famílias atendidas são pobres. (PROFISSIONAL 8)

Me faz me tornar uma pessoa melhor. (PROFISSIONAL 9)

Profissional: Reafirmou meu compromisso ético e político em defesa da vida, da democracia, da liberdade, dos direitos humanos e a busca de uma sociedade mais justa e igualitária diante de tantas propostas de retrocessos. Posso fazer a diferença na vida dessas pessoas, auxiliando para que tenham acesso aos seus direitos e a mudarem as suas vidas. Pessoal: Destaco o sentimento de gratidão que muitos têm em relação ao trabalho do assistente social é, sem dúvidas, um reconhecimento que não tem preço. (PROFISSIONAL 11)

Profissionalmente eu aprendo um pouco a cada dia, pessoalmente eu evoluo enquanto ser humano, costumo dizer que existe a pessoa antes e depois do Fordan, o Fordan mudou a minha vida. (PROFISSIONAL 12)

Enriquece meu currículo por ser um trabalho extensivo ao que eu pesquiso dentro do contexto dos meus estudos acadêmicos. (PROFISSIONAL 13)

Estou cada dia experienciando, com muito trabalho e persistência, nós podemos colaborar com um mundo melhor, não mudando o mundo, mas mostrando para as pessoas que possamos ter um mundo melhor, primeiro dentro de nós, depois ao nosso redor. (PROFISSIONAL 14)

A importância da participação em grupo, o contato com as famílias que foi recíproco, e o amor pelo trabalho como pessoal na minha vida. (PROFISSIONAL 15)

Aprendizado imensurável. (PROFISSIONAL 16)

Contribui para a construção do meu arcabouço teórico-prático e na construção de novos espaços para a minha categoria de atuação. (PROFISSIONAL 17)

Foi uma experiência única, onde tive vários aprendizados. (PROFISSIONAL 18)

2.1.7 Qual foi o maior aprendizado da equipe neste um ano de pandemia

Por fim, quando perguntados sobre qual foi o maior aprendizado ao longo deste um ano de pandemia ao participarem deste trabalho multidisciplinar, as respostas foram:

Aprendi o quanto é forte o trabalho em equipe... ninguém sabe de tudo, ou pode dar conta de tudo, somente em equipe explorando o melhor de cada um que o trabalho funciona. (PROFISSIONAL 1)

Que as pessoas têm demandas diferentes mesmo estando na mesma pandemia e no mesmo país. Portanto, um trabalho multidisciplinar é imprescindível para lidar com a saúde do outro pois essa pessoa possui diversas demandas que precisam ser atendidas. (PROFISSIONAL 2)

Reforçou a existência dos meus privilégio, da importância em ser solidária ao outro, da importância do acesso a justiça. (PROFISSIONAL 3)

A interação com os outros grupos de trabalho que até então eu tinha mais contato com o meu que é cultura, e tenho aprendido muito. (PROFISSIONAL 4)

Aprendi a ouvir mais. (PROFISSIONAL 5)

A lidar com as pessoas. (PROFISSIONAL 6)

Que nada é tão fácil quanto parece, dentro de cada particularidade há uma singularidade de acontecimentos e história. Que dentro que cada sorriso, mora muita dor e luta e somente o trabalho multidisciplinar pode contribuir positivamente na vida dos indivíduos. (PROFISSIONAL 8)

Por mais humilde que seja, um bom trabalho inspira uma sensação de vitória. (PROFISSIONAL 9)

Aprendi que com união e trabalho é possível não só ajudar os outros, mas também se ajudar. Covid. (PROFISSIONAL 10)

O trabalho multidisciplinar foi fundamental, pois, juntos nos fortalecemos, cuidamos da nossa saúde física e mental, para podermos cuidar dos demais. E também, a ter mais empatia, ver e compreender a realidade através dos olhos dos outros. (PROFISSIONAL 11)

A ter paciência, a olhar o outro mais profundamente antes de emitir qualquer julgamento ou opinião. (PROFISSIONAL 12)

Aprendi a ter mais esperança no ser humano, apesar de alguns não se encaixarem de maneira nenhuma neste quesito. Aprendi também a cobrar mais, e melhor, as políticas públicas que são direcionadas à periferia. Aprendi que sororidade feminina ainda não rima com acolhimento à próxima, mas que pode ser trabalhada dentro dos vários seguimentos sociais cujas pastas estão voltadas às questões do coletivo feminino. (PROFISSIONAL 13)

O que eu mais aprendi e ainda continua aprendendo que, no trabalho não precisamos mostrar apenas o que aprendemos nas faculdades e sim colocar no lugar do outro (empatia), e tentar sentir o que o outro senti quando alguém nos procura para pedir a nossa ajuda. (PROFISSIONAL 14)

O amor em trabalhar em grupo, fundamental para o crescimento não só pessoal, mas também profissional. (PROFISSIONAL 15)

As circunstâncias desafiadoras nos tornam melhores. (PROFISSIONAL 16)

A importância do cuidado e acolhimento, fazendo todo o diferencial não só para os assistidos pelo o projeto, mas também para os extensionistas. (PROFISSIONAL 17)

Foi uma oportunidade única de fazer parte dessa equipe, em prou ao enfrentamento no período de pandemia. (PROFISSIONAL 18)

2.1.8 Dados sobre a covid-19

Quantos participantes da equipe tiveram Covid-19?

22,2% da equipe foi infectada, ou seja, 77,8 não tiveram Covid 19

Dos (22,2%) infectados:

a. Quais foram os sintomas?

Dor na barriga e febre (PROFISSIONAL 7)

Febre, cansaço, fadiga (PROFISSIONAL 8)

Dor de cabeça (PROFISSIONAL 10)

Cansaço, dor de cabeça, pressão alta, febre, dificuldade para respirar (PROFISSIONAL 12)

b. Consultaram a unidade de saúde?

Todos que tiveram Covid-19 consultaram uma unidade de saúde.

c. Foram internados?

Nenhum dos que tiveram Covid-19 foram internados.

d. Tiveram sequelas?

5,5% das pessoas não tiveram nenhuma sequela, as outras 16,6% tiveram as seguintes sequelas:

Falta de ar e o esquecimento de coisas com muita facilidade. Mas não posso afirmar já que não tive diagnósticos. (PROFISSIONAL 8)

Perda de paladar e olfato. (PROFISSIONAL 10)

A pressão desestabilizou, antes não tinha esse problema, algumas dores pelo corpo. (PROFISSIONAL 12)

Quantos tiveram outras doenças?

Somente 11,1% das pessoas tiveram outras doenças.

Dengue e Chikungunya (PROFISSIONAL 4)

Rinite e sinusite (PROFISSIONAL 9)

1.1. FORDAN UM ANO NO ACOLHIMENTO E MONITORAMENTO AS FAMILIAS: TODAS AS PESSOAS VIVAS

2.1.9 Como foi realizado o levantamento de dados que estamos disponibilizando aqui?

Entre os dias 17/03 e 27/03 foi realizada uma pesquisa com mulheres, seus filhos e maridos acolhidos pelo projeto, a respeito do enfrentamento à COVID-19 ao longo de mais de 1 ano de pandemia. Junto ao questionário foi enviado um texto explicativo sobre o objetivo da entrevista. Os questionários foram distribuídos no “WhatsApp” individual e alguns por ligação telefônica. Obtivemos no total 34 respostas as quais foram registradas na planilha “Excel” da equipe. O registro dessas respostas foi importante para avaliarmos o nível de contato dessas pessoas com a COVID-19, e compreender os impactos das ações do projeto de extensão Fordan/UFES na atenção a essas famílias. A pesquisa inicial tinha 57 famílias, destas só conseguimos a resposta do questionário de 59,6%, completamos os dados com os relatórios da equipe que realiza o monitoramento e acolhimento as famílias.

BLOCO 1

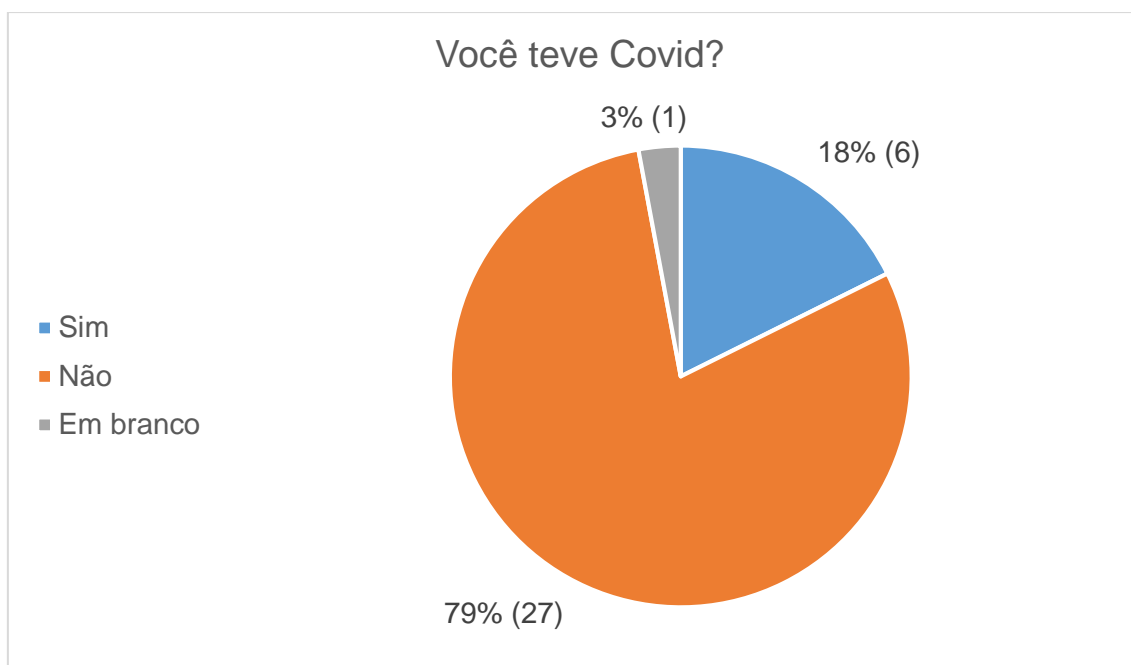


Gráfico 1

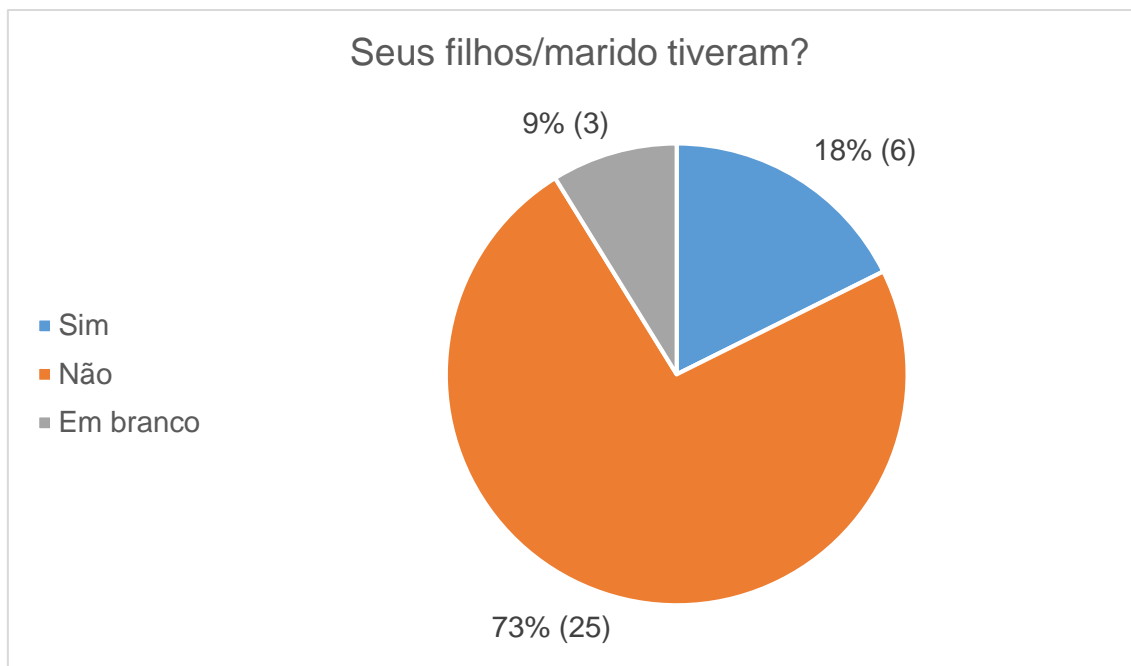


Gráfico 2

De acordo com os gráficos 1 e 2, das 34 respostas obtidas, 79% das mulheres afirmaram que não tiveram COVID-19, 18% afirmaram que tiveram e 3% resposta em branco. Além disso, do total de mulheres, 18% afirmaram que os seus maridos e/ou filhos tiveram COVID-19. Esse dado revela os impactos das orientações de toda a equipe do Fordan no que diz respeito às medidas de proteção contra a disseminação do vírus, visto que durante todo esse ano de pandemia a equipe esteve fazendo monitoramento constante por meio de mensagens e ligações, com o intuito de sempre estar atualizando o grupo sobre novos protocolos de prevenção.

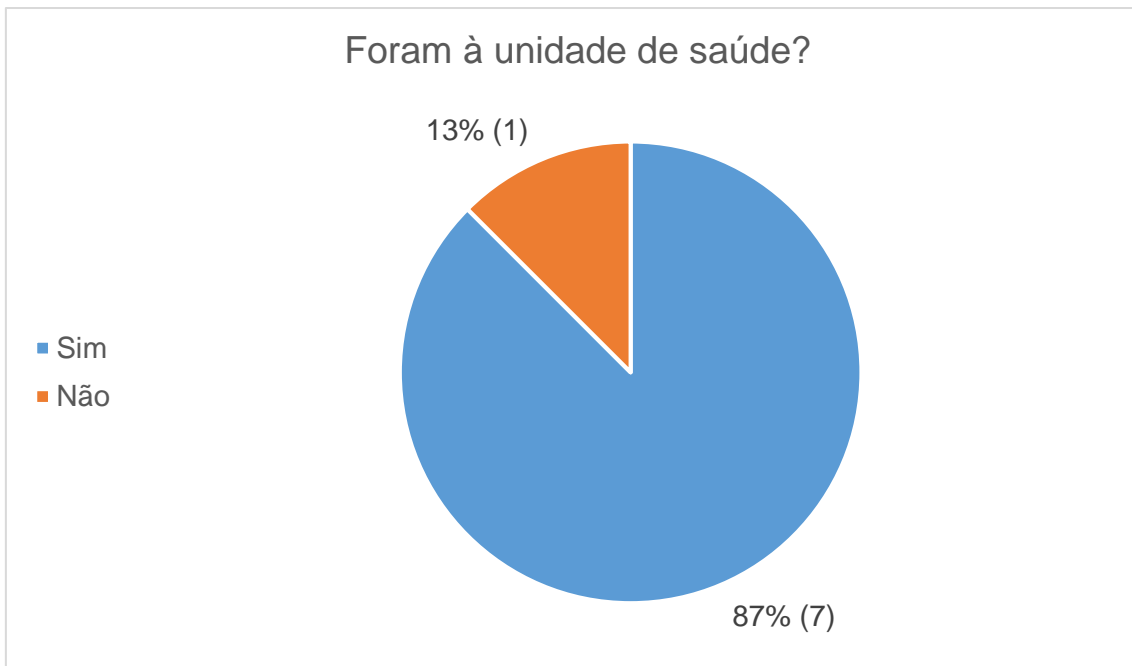


Gráfico 4

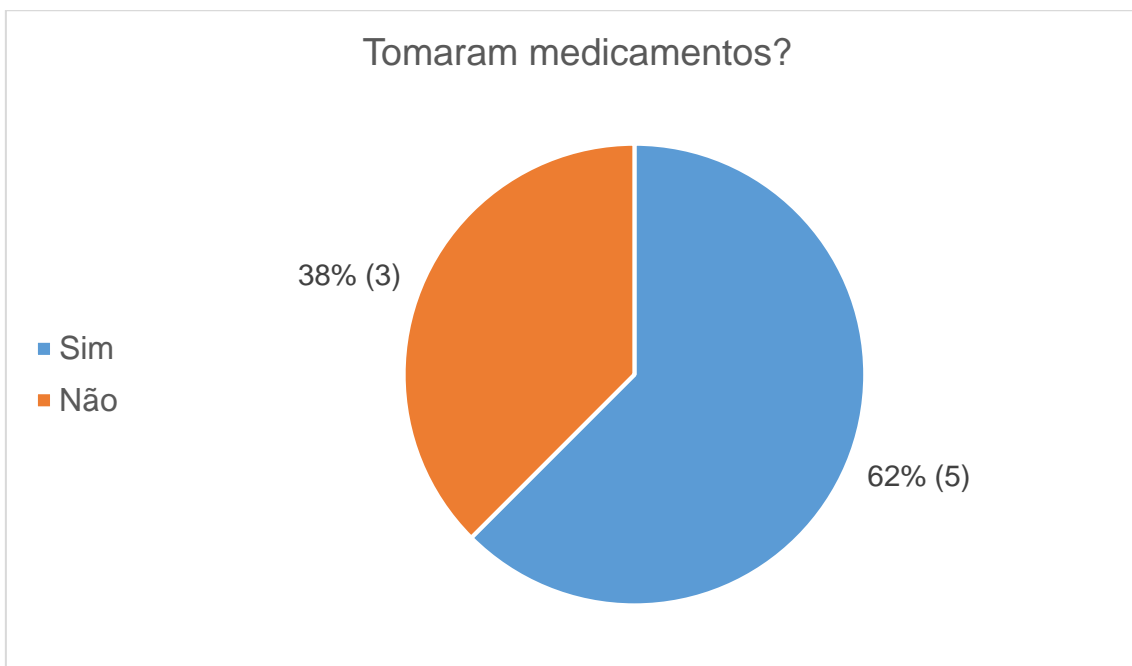


Gráfico 5

O gráfico 4 e 5 demonstra que entre as pessoas que tiveram COVID-19, 87% das pessoas buscaram atendimento em unidades de saúde e 62% tomaram algum medicamento. Esse dado permite dizer que o monitoramento da equipe Fordan esteve presente em todo o processo de adoecimento apoiando na busca pelos serviços públicos de saúde adequados.

Esse acompanhamento mostra-se de suma importância, uma vez que o diagnóstico e atendimento precoce tem aumentado a probabilidade de desfechos favoráveis.

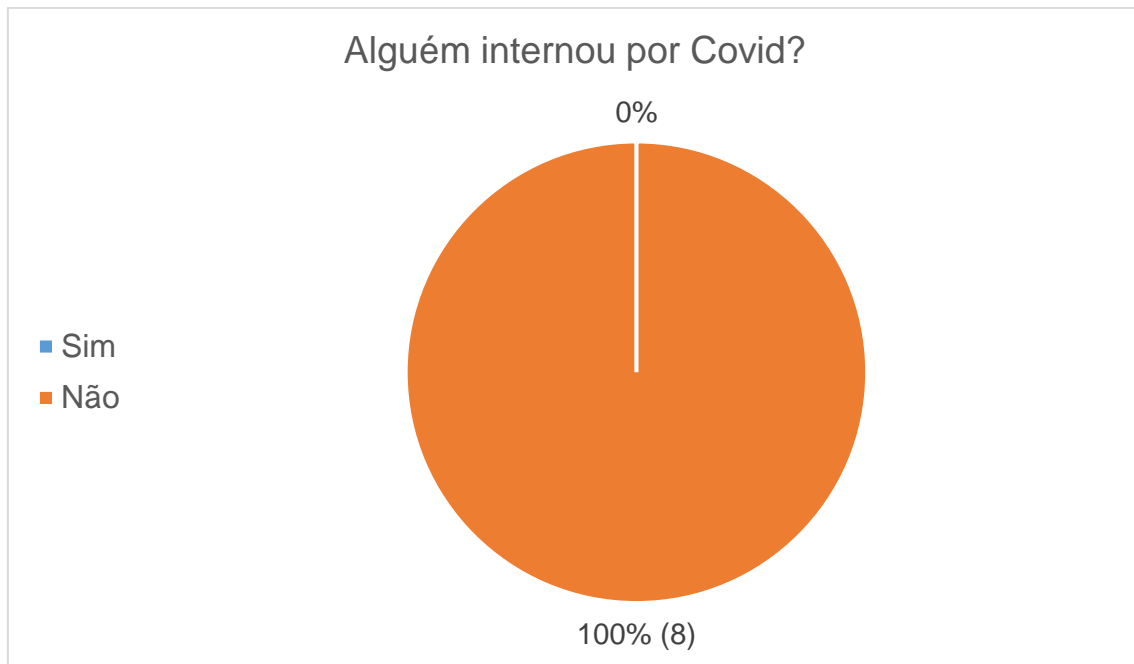


Gráfico 6



Gráfico 7

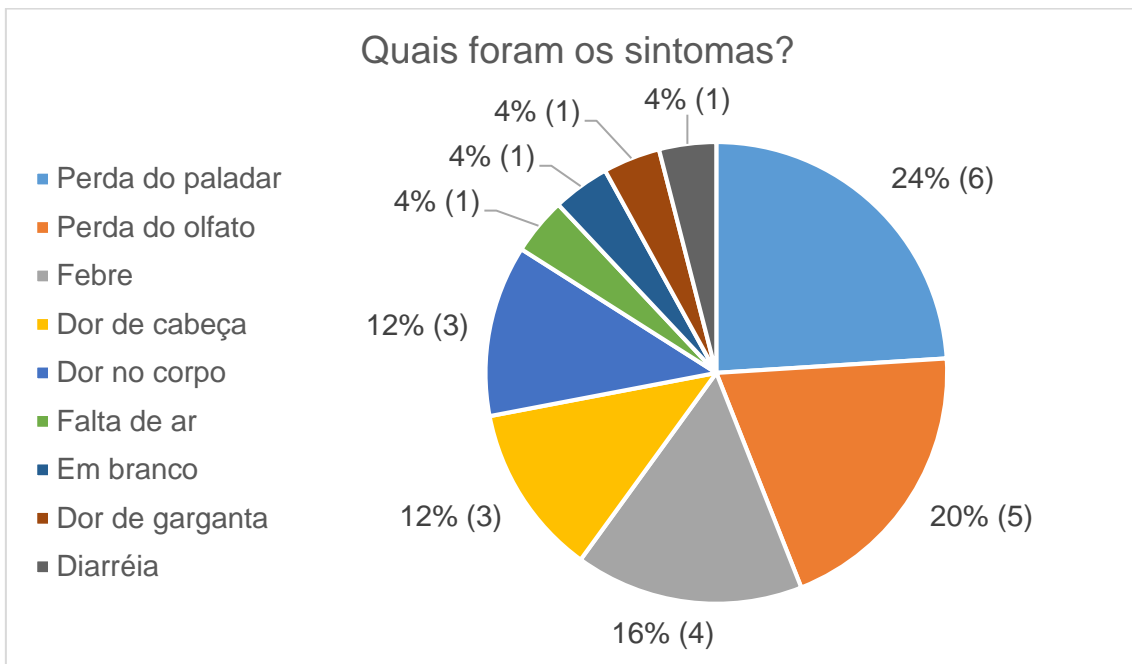


Gráfico 8

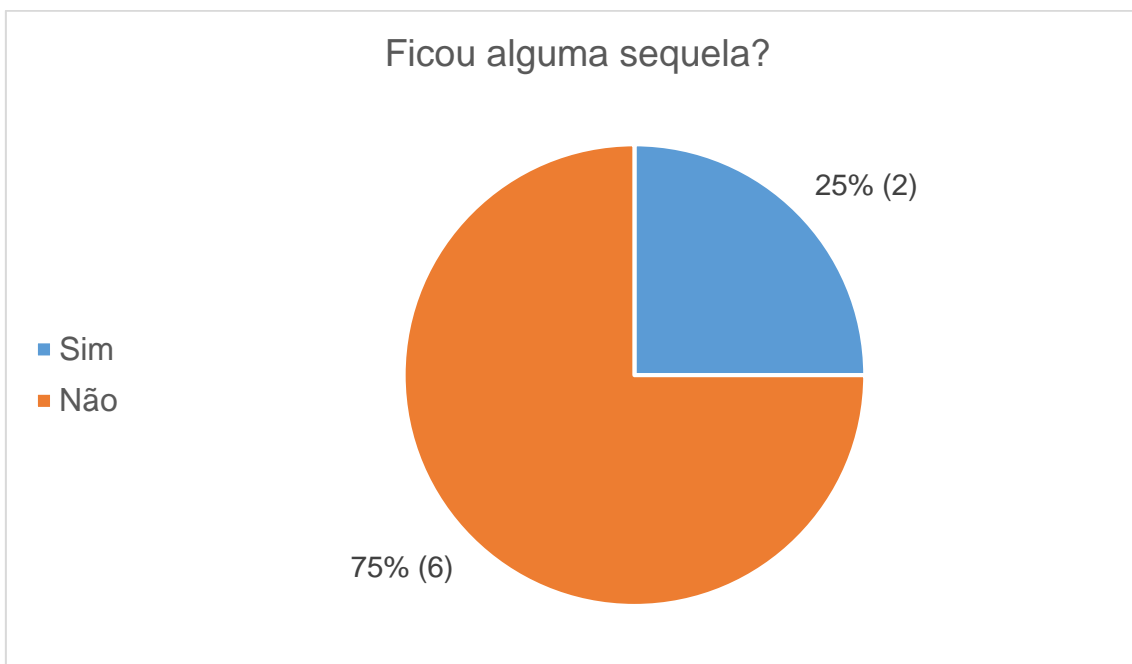


Gráfico 9

De acordo com os gráficos 6 e 7, não houve nenhum relato de internação ou morte por Covid dentre os entrevistados. Mesmo as 40,3% que não responderam ao questionário as equipes de acolhimento, através de suas atividades de acolhimento e monitoramento, afirmam que todos permanecem vivos e sem internações. Nossos relatórios e dados

peçoais como CPF e endereço destas pessoas comprovam a veracidade dos dados sobre 0 internação e 0 mortes.

Além disso, os sintomas apresentados, segundo o gráfico 8, foram: perda do paladar (24%), perda do olfato (20%), febre (16%), dor de cabeça (12%) e dor no corpo (12%), falta de ar (4%), dor de garganta (4%) e diarreia (4%). Dentre os infectados, 25% pessoas relataram ter ficado com sequelas após a infecção, conforme o gráfico 9. Essas informações são importantes na compreensão da evolução da doença. Além disso, considerando que o momento em que estamos carece de atualizações constantes dos bancos de dados sobre a COVID-19, a pesquisa, aqui apresentada, mostra-se de extrema utilidade pública.

BLOCO 2

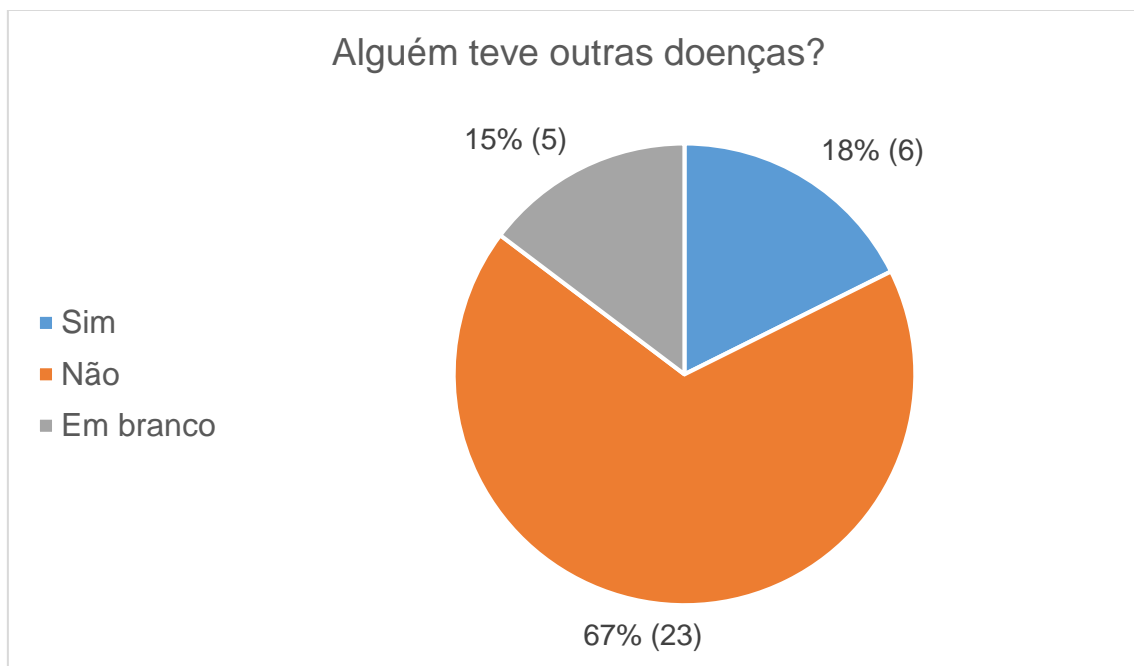


Gráfico 10

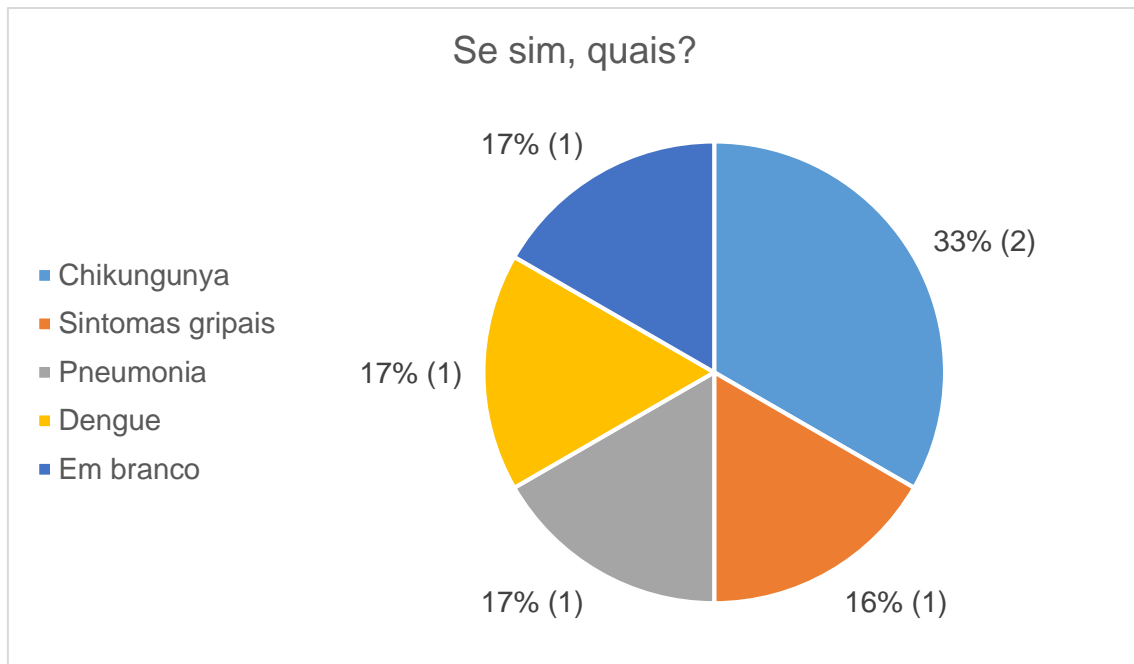


Gráfico 11

Os gráficos 10 e 11 dizem respeito ao questionamento quanto à outras doenças apresentadas durante o período avaliado. 67% das mulheres relataram que alguém em suas casas não tiveram outras doenças e 18% afirmaram que sim. 15% das respostas ficaram em branco. Dentre os relatos de outras doenças, 33% foram de Chikungunya, 17% de sintomas gripais, 17% de pneumonia, 17% de dengue e 17% em branco.

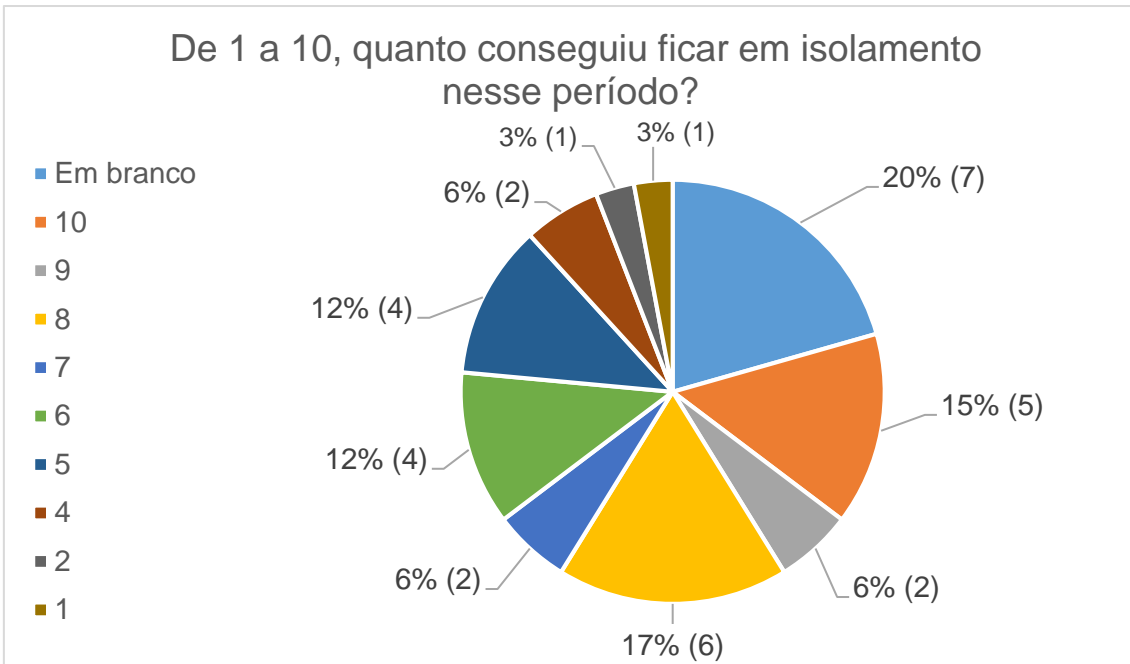


Gráfico 12

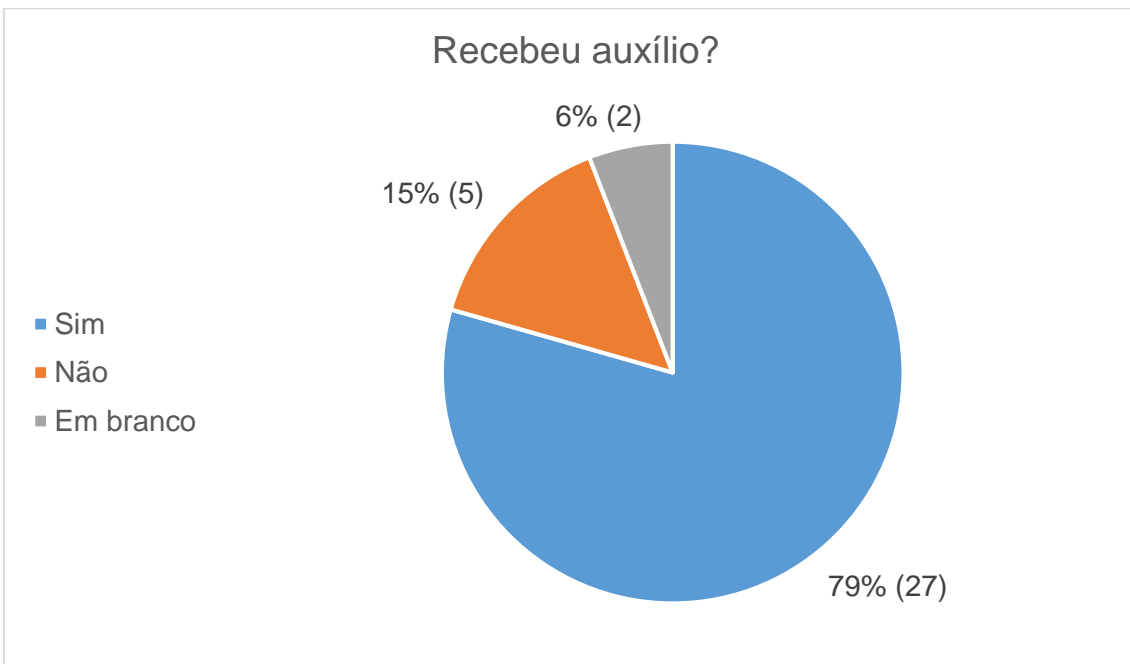


Gráfico 13

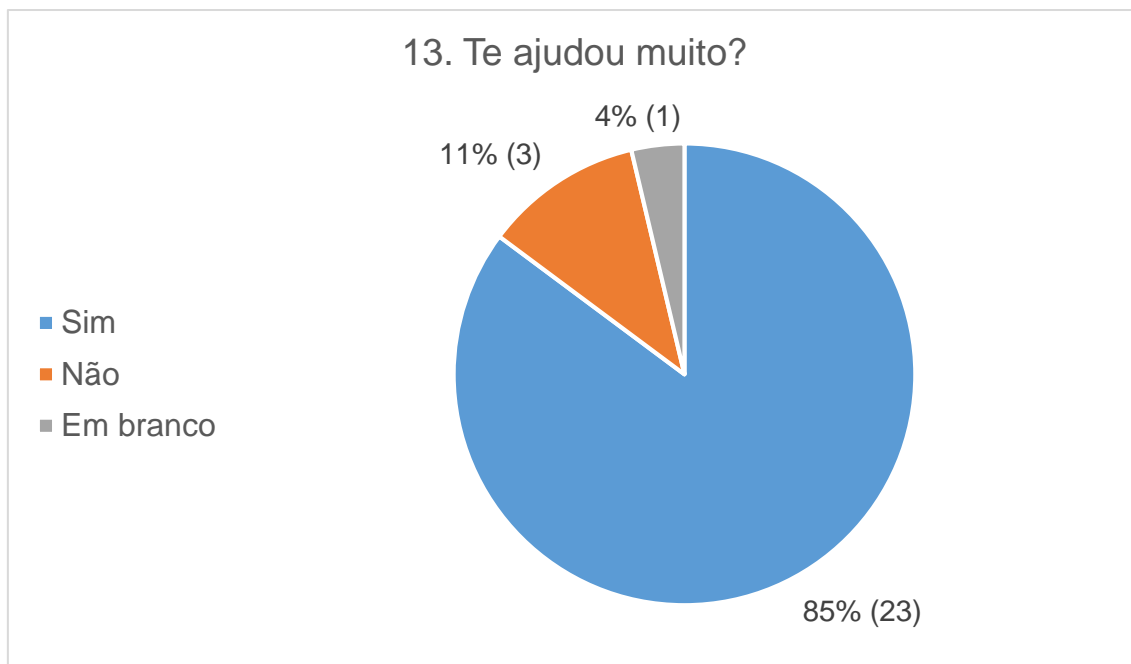


Gráfico 14

O gráfico 12 diz respeito ao grau de isolamento social, percebido pelas mulheres entrevistadas, durante o período da pandemia. 64% das mulheres relataram que ficaram em casa acima de 70%. Tivemos 30% que afirmaram ter ficado em 40% a 60% em isolamento e somente 12% delas consideram que ficaram com o nível abaixo de 40%. Lembramos que infelizmente a média nacional do Brasil, neste um ano de pandemia, variou entre 33,1% e 41%⁶. Mesmo com as dificuldades da periferia o projeto conseguiu manter a média de isolamento social muito acima da média brasileira, isso explica o baixo índice de contaminação, ausência de internação e ausência de morte das famílias monitoradas e acolhidas pelo Fordan.

O gráfico 13 mostra o quantitativo de pessoas que receberam auxílio nesse período. De acordo com ele, 79% mulheres receberam, 15% disseram que não e 6% respostas em branco. O gráfico 14 demonstra que, das mulheres que receberam auxílio, 85% afirmaram que “ajudou muito”, 11% negaram e 4% uma resposta em branco. Os gráficos mostrados acima e as respostas abertas da pergunta 14 nos permitem refletir acerca de alguns aspectos desse período de pandemia.

⁶ <https://veja.abril.com.br/blog/maquiavel/covid-brasil-nunca-fez-o-minimo-de-isolamento-social-para-deter-o-virus/>

2.1.10 Quais os maiores problemas que enfrentou na pandemia?

“Falta de emprego” (Mulher 01)

“dificuldades em casa” (Mulher 02)

“Medo de pegar covid e ficar em casa” (Mulher 03)

“manter as crianças em casa sem sair” (Mulher 04)

“Dificuldades.” (Mulher 06)

“Desemprego” (Mulher 08)

“Dificuldade de manter as crianças em casa e alimento, mais tive ajuda do fordan” (Mulher 09)

“Sintomas do covid” (Mulher 10)

“Financeiro” (Mulher 11)

“Isolamento” (Mulher 12)

“Aqui em casa ninguém teve sintomas graças a Deus” (Mulher 13)

“Problema graças a Deus eu não tive” (Mulher 14)

“Estresse” (Mulher 15)

“Ansiedade das crianças e o aperto financeiro” (Mulher 17)

“Financeiro e falta de atenção das unidades de saúde pra outros tipos de demanda sem ser a covid” (Mulher 18)

“O medo e a dívida sobre a doença” (Mulher 19)

“Financeiro e psicológico” (Mulher 20)

“Nenhum” (Mulher 21)

“meus maio problema foi meu marido perdeu o emprego” (Mulher 22)

“Estresse” (Mulher 23)

“Falta de serviço” (Mulher 24)

“Todos dentro de casa muito estresse” (Mulher 25)

“Eu fico sema minha faxina” (Mulher 26)

“Stresse, ansiedade, preconceito” (Mulher 27)

“Nao ,ter serviço . nem como ser alimentar” (Mulher 28)

“Nenhum” (Mulher 29)

“ Minha filha mais nova e a mais velha ter tido dengue” (Mulher 31)

“Ganhar dinheiro” (Mulher 32)

“por estar com minha filha recém nascida foi muito ruim até consultas de rotina ela Não teve ” (Mulher 33)

“A necessidade de tudo” (Mulher 34)

“Meu maior problema na Pandemia foi a impotência de não poder fazer quase nada. O difícil foi a alimentação das crianças pois tenho muitos filhos!” (Mulher35)

2.1.11 Como o projetou Fordan/UFES te ajudou?.

As respostas para a mesma demonstram agradecimento pelas atividades realizadas pelo projeto e nos direcionam para o entendimento de que o Fordan foi primordial para manter essas famílias isoladas e protegidas durante tanto tempo na pandemia.

“Me ajudou muito mesmo nos alimentos e atividades.” (Mulher 01)

“Sim.” (Mulher 02)

“ajudou muito com apoio emocional e alimentação etc” (Mulher 03)

“Fornecendo alimentos” (Mulher 06)

“O projeto do fordan me ajuda muito

O projeto do fordan me ajuda cm cesta básica apoio psicologico e o guê eu preciso” (Mulher08)

“Ajudou e ajuda Muito ! Muitas pessoas que precisavam de alimentos e oistros, foram atendidas !” (Mulher 09)

“Dando a cesta básica” (Mulher 10)

“sim ajuda de cestas básicas, eles ligaram varias vez para saber se nos estava bem ofereceu todos os recursos que o fordan ,eu só tem agradecer vcs ,no começo vcs ligaram perguntando se tava precisando na aquele momento ã mais depois foi ficando difícil porque trabalho com manicure ate hoje ã trabalhando muito como era mais espero que vai passar” (Mulher 11)

“Com alimentação, jogos para as crinaças, nos auxiliando, entretenimento com atividades.” (Mulher 12)

“Obrigado por tudo, sempre cuidando de nós” (Mulher 13)

“O Fordan foi uma mãe pra mim, mim ajudou em orientação, com alimento, produto d limpeza. Foi muito atenciosos com todos nós, agradeço muito a todos” (Mulher 14)

“em oração, com doações que ajudou muito no momento.” (Mulher 15)

“Me ajudou com as cestas” (Mulher 16)

“Ajudou muito no incio, ganhei cestas, material para crianças, material de higiene, monitoraram minha familia para saber se estavamos bem!” (Mulher 17)

“Muitas coisas, amparo ao psicológico, sextas básicas e munca esqueceram de nós” (Mulher 18)

“O projeto me ajudou , com atendimentos psicológicos, Enfermagem, e um tempo com cesta básica.” (Mulher 19)

“Com alimentação e principalmente com acolhimento psicológico, o projeto fez o que os governantes deveriam ter feito não nós abandonou.” (Mulher 20)

“em oração, com doações que ajudou muito no momento.” (Mulher 21)

“O projeto me ajudou muito e me ajuda até hoje com tudo nas oras que eu mais preciso.” (Mulher 22)

“Em tudo” (Mulher 23)

“Com certeza.” (Mulher 24)

“Em tudo, apoio e alimento e muito força como mulher. Agradecida!” (Mulher 25)

“Sim. Eu agradeço a Deus por vocês me ajudarem.” (Mulher 26)

“Materia de alimentação e na saúde” (Mulher 27)

“Nossa, foi uma benção na. Minha, vida, os alimentos, as palavras de animo, sempre dando incentivo, pra n desanimar?? Tudo muito legal???” (Mulher 28)

“Com cestas e pela compreensão” (Mulher 29)

“Em muita coisa, principalmente em alimentação e tbm em muito atenção. Só tenho q agradecer” (Mulher 30)

“Eles conversarem comigo e minhas filhas no grupo, mandam cestas, presentes, frutas, apostilas e etc...” (Mulher 31)

“Bastante muito” (Mulher 32)

“mim ajudou em tudo com fraldas alimentos cesta básica sou grata.” (Mulher 33)

“O projeto Fordan me ajudou e ainda ajuda com alimentos e agasalhos e agradeço a todos por tudo que deus possa abençoar a cada um de vcs de coração obrigada” (Mulher 34)

“Mas o projeto Fordan tem nós ajudado com Seu apoio com alimentação e apoio da alma! Pois nos ajudam em varias questões e nessa Caminhada nos faz Sentir Bem nesse Momento tão devastador” (Mulher 35).

Referências:

DOLZAN, Márcio. *Monitor acompanha taxas de isolamento social no Brasil*. 2020. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/infograficos/saude,monitor-acompanha-taxas-de-isolamento-social-no-brasil,1093828>. Acesso em: 02 abr. 2021.

3 FORDAN NO ENFRENTAMENTO AS VIOLENCIAS E FORTALECIMENTOS DAS MULHERES EM ISOLAMENTO SOCIAL

A equipe ao longo deste um ano de pandemia foi produzindo artigos e alguns foram publicados em congressos, livros e revistas. Aproveitamos para o boletim os textos que trabalham especificamente os dados do trabalho realizado no projeto Fordan.

3.1 METODOLOGIAS DA EQUIPE SAÚDE DO FORDAN NO COVID-19: O CUIDADO COMO FORMA DE FORTALECIMENTO DE MULHERES E SUAS FAMÍLIAS EM VULNERABILIDADE SOCIAL

João Pedro Oliveira Silva⁷

Luiza Santos Busatto⁸

Danúbia Galvão de Oliveira⁹

Debora Rosa Pereira¹⁰

Mariane Silva da Silva¹¹

Brener Araújo Acker¹²

3.2 INTRODUÇÃO

No fim do ano de 2019, uma série de casos de uma nova pneumonia desconhecida surgiu em Wuhan, Hubei, China. A apresentação clínica desta pneumonia é muito semelhante a pneumonias virais, que se transmite de pessoa para pessoa. Análises realizadas através de amostras coletadas de pessoas infectadas puderam identificar um novo coronavírus, que foi denominado 2019 novel coronavirus (2019-nCoV²) (MATTE, 2020).

⁷ Acadêmico de Enfermagem UFES e pesquisador no projeto de extensão da UFES Fordan: Enfrentamento a Violência. jopsilva99@gmail.com

⁸ Acadêmica de Enfermagem UFES e pesquisadora no projeto de extensão Fordan: Cultura no Enfrentamento às violências. E-mail: luizasantb@hotmail.com

⁹ Fisioterapeuta do FORDAN e pesquisadora no projeto de extensão Fordan: Cultura no Enfrentamento às violências. E-mail: danubiagalvaos22@hotmail.com

¹⁰ Graduanda em Terapia Ocupacional, pesquisadora do Projeto de Extensão da UFES Fordan: Enfrentamento a Violência. debora97rosa@gmail.com

¹¹ Graduanda em Terapia Ocupacional, pesquisadora do Projeto de Extensão da UFES Fordan: Enfrentamento a Violência

¹² Fisioterapeuta, pesquisador do Projeto de Extensão da UFES Fordan: Enfrentamento a Violência. brener.acker@gmail.com

Desde então, o mundo começou a sofrer com a pandemia causada por esse novo vírus, trazendo consigo a COVID-19, afetando o sistema cardio respiratório da pessoa infectada. A partir desta visão, observou-se a importância do tratamento prestado pelos profissionais da saúde, incluindo Enfermeiros, Fisioterapeutas e Terapeutas Ocupacionais, visto que o mesmo, através de suas competências, tem o objetivo de ajudar na recuperação de pacientes com essas condições.

Segundo a Organização Mundial da Saúde, o grupo de risco para COVID-19 é composto por pessoas com: diabetes, cardiopatias, pneumopatia, doença neurológica, doença renal, imunodepressão, obesidade, asma, doenças hematológicas, doença hepática, período puerpério e síndrome de down, idosos e hipertensos (SOUZA, 2005).

Em abril, período em que o isolamento social já durava mais de um mês, o número de denúncias de violência contra mulher aumentou cerca de 40% em relação ao mesmo mês do ano anterior, segundo o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMDH). Embora esse número tenha aumentado, acredita-se que há ainda muitos casos subnotificados, uma vez que a mulher está isolada do convívio social e, portanto, distante das delegacias, por exemplo (CHIARA, 2020).

Em um estudo transversal realizado no município de Vitória entre março a setembro no ano de 2014, observou-se que a situação conjugal, a escolaridade, o histórico materno de violência por parceiro íntimo, a violência sexual na infância e ter feito uso de drogas são fatores relacionados a violência psicológica. Em contrapartida, a violência física está relacionada à idade, situação conjugal, escolaridade e a história materna de violência por parceiro íntimo. Além disso, a violência sexual é mais comum entre as mulheres de menor renda e que sofreram abuso sexual infantil (Secretaria do Estado da Saúde do Espírito Santo, 2020).

O mesmo estudo aponta, também, que os profissionais de saúde precisam identificar e registrar essas suspeitas de violência durante a consulta na atenção básica, posto que as mulheres não costumam relatar espontaneamente as suas queixas (Secretaria do Estado da Saúde do Espírito Santo, 2020).

O objetivo deste artigo é apresentar as metodologias de trabalho do Fordan no acolhimento a mulheres e suas famílias em vulnerabilidade social em meio a pandemia da covid-19.

Conforme as informações descritas no “Boletim 01”, a Equipe Saúde vem realizando, nesse período de isolamento social, o monitoramento de algumas mulheres,

homens, crianças, adolescentes e jovens que relataram alguma comorbidade que os enquadram como grupo de risco (WALDOW, 1995)

Após a realização do mapeamento das famílias acolhidas pelo projeto, dividimos entre o grupo as que seriam monitoradas e registramos os dados na planilha do “Google Docs” para maior transparência e comunicação entre a equipe. As mulheres e os homens foram monitorados, principalmente, por acadêmicos de enfermagem e profissionais da fisioterapia. Já o grupo de crianças e jovens teve maior contato por acadêmicas da terapia ocupacional.

O monitoramento consiste em fazer a escuta dessas pessoas, registrar suas queixas, orientar quanto a saúde ou possíveis dúvidas, dialogar com outras equipes quando necessário e, acima de tudo, mostrar-se disponível para acolhê-las e buscar facilitar a resolução de conflitos que possam surgir neste período de isolamento.

Vale salientar que o objetivo da equipe de saúde no contexto multidisciplinar do FORDAN é atuar na atenção primária da saúde, dando suporte para os participantes do projeto, a fim de promover saúde, levar informativo e prestar socorro, quando necessário. Até a data de publicação deste boletim, não há notificação de casos do novo coronavírus entre os participantes, mas isso só foi possível de ser observado através do monitoramento realizado semanalmente.

3.3 OS CUIDADOS COM A MULHER EM ISOLAMENTO SOCIAL: A PRODUÇÃO DE UMA METODOLOGIA DA SAÚDE

A atuação do Fordan na Grande São Pedro e o contexto da saúde para essa população em vulnerabilidade social

3.3.1 Dados De Vitória Es/Dados De São Pedro

A Grande São Pedro constitui 10,3% de todo o quantitativo populacional de Vitória, se separada por regiões de saúde, no ano de 2017. A organização da atenção à saúde no município abrange seis regiões, sendo elas Forte de São João, Centro, Santo Antônio, São Pedro, Maruípe e Continental. Para atender essas regiões existem vinte e

nove Unidades Básicas de Saúde (UBS) e dois Pronto Atendimentos que se localizam em São Pedro e Praia do Suá (Prefeitura Municipal de Vitória, 2020).

Os pacientes adultos com sintomas de COVID-19 que são atendidos nas unidades de saúde, no pronto atendimento ou no hospital não especializado são encaminhados para a testagem. Conforme os resultados dos sinais vitais desse paciente e o fluxograma de atendimento disponibilizado pela prefeitura de Vitória, esse paciente pode ficar em leitos para COVID-19 da unidade em que está ou ser encaminhado para o hospital referência. Segundo a secretária municipal de saúde, Cátia Lisboa, o Pronto Atendimento de São Pedro atualmente possui 19 leitos para COVID-19. Porém, existe um projeto de expansão com o objetivo de totalizar 39 leitos no mesmo PA (Prefeitura Municipal de Vitória, 2020).

A região metropolitana de Vitória possui 1.979.337 habitantes, conforme dados lançados pelo IBGE em 2019 (Prefeitura Municipal de Vitória, 2020). O programa “Leitos Para Todos” implementado pelo Secretário de Saúde do Estado prevê a habilitação e expansão de 187 leitos de UTI para a COVID-19. Na região da grande vitória ao todo são 227 leitos distribuídos nos hospitais de referência a Síndrome Respiratória Aguda Grave 2 (SARS-CoV-2) (IBGE, 2020).

3.3.2 O cuidado da equipe saúde com as mulheres como forma de fortalecimento e os desafios de trabalho não presencial

O termo “cuidar” pode ter diversos significados e ser utilizado em diferentes contextos (PIRES, 2020). Porém, considerando o atual cenário e as vivências das equipes, nos apropriamos do conceito de cuidado como proteger, promover e preservar a humanidade do indivíduo, bem como, auxiliar essas pessoas no autoconhecimento e restabelecer o equilíbrio interno (HORTA, 1974).

Cuidar em enfermagem consiste em envidar esforços transpessoais de um ser humano para- outro, visando proteger, promover e preservar a humanidade, ajudando pessoas a encontrar significados na doença, sofrimento e dor, bem como, na existência. É ainda, ajudar outra pessoa a obter auto conhecimento, controle e auto cura, quando então, um sentido de harmonia interna é restaurada, independentemente de circunstâncias externas (SOUZA et al, 2005)

Paralelamente, seguindo a linha teórica de Wanda Horta, o cuidador deve reconhecer aquele que está sendo cuidado como protagonista do seu processo, isto é,

construir juntos as melhores formas para o autocuidado. Nós, no FORDAN, buscamos ajudar essas famílias que se encontram em situação de vulnerabilidade dando ferramentas para que elas possam vencer essas dificuldades, mas, acima de tudo, fortalecendo as suas potencialidades.

Um exemplo vivenciado pela equipe foi quando um dos acolhidos se queixou de não poder se exercitar, pois não tinha o tênis adequado e não podia sair devido o isolamento social recomendado pelos órgãos governamentais. A abordagem feita por nós foi de mostrar a ele que poderia se exercitar em casa, realizando tarefas domésticas como lavar louça, varrer a casa e limpar o banheiro, colaborando com a convivência na casa e realizando algum tipo de atividade física. Quando esse homem colabora em casa, outros aspectos que permeiam aquele lar também são melhorados, como estresse, brigas entre cônjuges e até mesmo comunicação violenta, posto que a colaboração com as tarefas domésticas auxilia na harmonização daquele ambiente.

Seguindo essa linha de cuidado, entende-se que ao estarmos fazendo o monitoramento das mulheres e famílias, mantendo contato constante, percebemos o auxílio na manutenção de suas redes de apoio, uma vez que essas relações encontram-se prejudicadas devido ao isolamento/distanciamento social. A principal interação social dessas mulheres, no período de isolamento, é com a família, isto é, filhos, filhas e/ou parceiro. Esse vínculo, muitas vezes, foi afetado pela violência doméstica e quando nos comunicamos com essa mulher, e estabelecemos vínculo com ela, cria-se uma rede de apoio. Essa rede, quando está bem estruturada, pode influenciar nas ações daquelas pessoas, impedindo atos mais graves como agressão física, uma vez que o agressor percebe que ele e sua família estão sendo monitorados. A partir disso surgem relatos como, por exemplo, “eu me sinto segura” ou “me sinto cuidada por vocês”, comentários feitos por algumas mulheres.

Uma outra teoria relevante é a de Myra Estrin Levine quando diz que as pessoas são seres sociais que precisam de interação humana. Levine aponta ainda que o estado de doença é solitário, por isso as relações interpessoais são fundamentais no enfrentamento desses processos, uma vez que permitem que a mulher esteja envolvida nos problemas de outras pessoas e também os seus problemas podem ser resolvidos pela participação de outros na sua vida. Isso foi observado quando uma pessoa acolhida pelo projeto relatou para a equipe dificuldades quanto a aquisição e uso de EPIs, durante o surto de covid-19, em seu trabalho como agente de saúde de Vitória. Entramos em contato com alguns

profissionais de saúde e conseguimos o número de uma sindicalista da mesma categoria. Foi feita a denúncia e estamos aguardando o retorno desses serviços.

Vale ressaltar que um dos grandes desafios do trabalho não presencial encontrados no processo de conscientização dos participantes é a falta de informação e a dificuldade de entendimento da gravidade do problema que o mundo está vivendo. No Fordan, 86,7% das pessoas acolhidas não fizeram o ensino médio (IBGE, 2020). Portanto, a forma de abordagem trazida pelos profissionais é uma linguagem simples e de fácil compreensão e isto é feito através dos nossos contatos por telefone, mensagens em redes sociais, entre outros.

Portanto, o Fordan assume um papel ímpar em ser parte de uma rede de apoio. Promover saúde e bem estar para esta população se faz extremamente necessário neste momento e através da nossa rede de apoio, o fortalecimento destas pessoas é diariamente encorajado.

3.3.3 O cuidado da equipe saúde com as filhas e filhos das mulheres

Cada fase do desenvolvimento infantil é sempre um novo desafio à família mesmo que algumas tenham mais de um filho, pois cada indivíduo pertence a uma característica biológica própria e as experiências variam. Entendendo que a família é considerada a primeira rede de apoio da criança a partir do nascimento, muitas vezes essas famílias são comandadas apenas por uma mãe que é negligenciada pelo Estado, quando se fala de mães de crianças com alguma doença a taxa pode ser maior. Por isso se faz necessário o trabalho da Terapia Ocupacional no acolhimento de toda a família, buscando juntamente estratégias para a melhoria da convivência, conquistas de benefícios, diminuição da violência dentro de casa e potencializar a aproximação entre os indivíduos.

A terapia ocupacional busca a produção de vida das pessoas, vida composta no cotidiano que é construído nas ações do dia a dia de acordo com a singularidade e a realidade vivida pelo contexto social do sujeito. Assim, compreende-se que a construção e transformação da vida cotidiana pode se apresentar como um objetivo na atenção em terapia ocupacional (SALLES e MATSUKURA, 2013).

Nosso atendimento é voltado para crianças e adolescentes que possuem algum problema emocional ou crônico, trabalhamos atividades lúdicas, artísticas e corporais

para favorecer além de um potencial criativo e intelectual, elas possam ter autonomia e independência, contribuindo para a constituição do sujeito, da linguagem e das interações sociais.

Durante o processo de isolamento social, estamos atendendo 13 crianças e adolescentes que possuem doenças crônicas ou emocionais em diversos níveis de complexibilidade. Tentamos ao máximo ouvir estas crianças e as demandas delas nesse momento, buscando falas do isolamento social, tranquilizá-los e mantê-los ativos enquanto ficam em casa, e dando ideias de atividades lúdicas e artísticas diminuindo potenciais estressores para e eles e suas mães, já que as mulheres nesse momento caótico são mais sobrecarregadas de tarefas domiciliares e de responsabilidade com os filhos do que os parceiros, e seus níveis de estresse aumentam potencializando a flagelação da criança que sofre punições inconsistentes, agressões verbais e físicas, dentre outras práticas negativas de educação parental que adoecem a saúde mental infantil.

Mantermos contato com as mães e suas crianças faz com as relações se maximizem mais, o fato de uma equipe preparada interessada em saber como seus filhos estavam a tranquilizavam de certa maneira.

Recentemente, por exemplo, a equipe saúde foi acionada por uma mãe assistida pelo FORDAN, onde a mesma se encontrava em desespero vendo que sua filha apresentava possível sintoma da COVID-19, que era febre e falta de ar a mesma procurou o pronto atendimento próximo de sua residência. Com isso os acadêmicos de Enfermagem e Terapia Ocupacional entraram em contato com essa mãe, se pondo a disposição da mesma para orientação quanto a saúde e sanar possíveis dúvidas. Após esse contato realizado pela equipe a mesma informou que estava mais tranquila. É importante salientar que essa mãe é assistida pelo FORDAN em São Pedro, porém reside no bairro Romão, tendo em vista que em outras regiões de Vitória, o atendimento não estava sendo de fácil acesso por conta da superlotação. Esta criança após consulta e exames foi diagnosticada com Infecção Urinária.

Com isso entendemos que apesar de a criança não está fazendo parte do público alvo assistido pela Terapia Ocupacional, é de extrema importância que a equipe saúde se ponha a disposição de todas as famílias que são assistidas pelo FORDAN, tendo uma atenção voltada a saúde ou não. Visando o cuidado destas famílias.

3.4 CONCLUSÃO

Este trabalho é de suma importância à medida em que mostra as metodologias de trabalho que a equipe de saúde vem realizando durante o período de pandemia, metodologias essas que têm se mostrado muito eficazes. Pesquisas futuras podem inspirar-se nesses relatos, compreendendo melhor as restrições de acesso à saúde que as famílias da periferia sofrem, não apenas durante o isolamento, mas em seu cotidiano habitual. Além disso, este texto pode embasar a criação de novas estratégias de alcance a essa população.

Para nós, estudantes e profissionais de saúde, o Fordan é um excelente campo de trabalho e aprendizagem pois nos exige lidar com uma realidade de recursos físicos e financeiros limitados, mas rica em experiência, alegrias, oportunidades e pessoas que nos transmitem aprendizados que vão além do âmbito profissional restrito.

No Fordan, também temos contato com o trabalho em equipe multidisciplinar, que nos ensina a observar o paciente sob uma ótica muito mais amplificada, holística, integrando diversos campos de conhecimento das ciências humanas e da saúde. Por esse meio, podemos oferecer cada vez mais o cuidado integral à população seguindo um modelo de saúde alternativo.

Referências

1. MATTE, DARLAN LAURICIO et. al. **O fisioterapeuta e sua relação com o novo betacoronavirus 2019 (2019-nCoV)**. ASSOBRAFIR. Brasil, v.4, n-, p. 1-10, 2020.
2. Souza, M. D. L. D., Sartor, V. V. D. B., Padilha, M. I. C. D. S., & Prado, M. L. D. (2005). **O cuidado em enfermagem: uma aproximação teórica**. *Texto & Contexto-Enfermagem*, 14(2), 266-270.
3. CHIARA, Marcia de. **Violência contra a mulher aumenta em meio à pandemia; denúncias ao 180 sobem 40%**. São Paulo: O Estadão, 2020. Disponível em: <https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,violencia-contra-a-mulher-aumenta-em-meio-a-pandemia-denuncias-ao-180-sobem-40,70003320872>. Acesso em: 01 jun. 2020.

4. Secretaria de Estado da Saúde do Espírito Santo. **Fluxograma de Testagem para COVID-19 para Atenção Básica, Atenção Especializada e Urgência e Emergências.** Vitória, ES: SESA. Recuperado em 02 junho, 2020, de: <https://saude.es.gov.br/Media/sesa/coronavirus/Fluxogramas/Fluxograma%20de%20Testagem%20para%20COVID-19%20para%20Aten%C3%A7%C3%A3o%20B%C3%A1sica,%20Aten%C3%A7%C3%A3o%20Especializada%20e%20Urg%C3%AAcias%20e%20Emerg%C3%AAcias.jpg>
5. Waldow, V. R., Lopes, M. J. M., & Meyer, D. E. (1995). **Maneiras de cuidar, maneiras de ensinar: a enfermagem entre a escola e a prática profissional.** In Maneiras de cuidar, maneiras de ensinar: a enfermagem entre a escola e a prática profissional (pp. 203-203).
6. Prefeitura Municipal de Vitória. **Plano Municipal de Saúde 2018-2021.** Vitória, ES: PMV. Recuperado em 02 junho, 2020, de: http://www.vitoria.es.gov.br/arquivos/20171229_plan_mun_saude_2018-2021.pdf
7. IBGE, C. **Cidades e estados do brasil, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística,** 2020 Disponível: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados.html?view=municipio>. Recuperado em: 02 jun. 2020.
8. PIRES, Rosely Maria da Silva (org.). **Acolhimento e monitoramento de mulheres e suas famílias em vulnerabilidade social da grande São Pedro - Vitória/ES.** Vitória: Fordan, 2020
9. Horta, W. D. A. (1974). **Enfermagem: teoria, conceitos, princípios e processo.** *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 8(1), 7-17.
10. Lima, D. S., Silva, L. R. D., Rocha, C. R. D., Teixeira, S. V. B., & Paiva, M. S. (2020). **Cuidado da mulher grávida cadeirante à luz da teoria de Collière.** *Revista Brasileira de Enfermagem*, 73(4).
11. Secretaria de Estado da Saúde do Espírito Santo. **Fluxograma para Atendimento COVID-19 em Unidades de Pronto Atendimento.** Vitória, ES: Sesa. Recuperado em 02 junho, 2020, de: <https://saude.es.gov.br/Media/sesa/coronavirus/Fluxogramas/Fluxograma%20para%20>

Atendimento%20COVID-

19%20em%20Unidades%20de%20Pronto%20Atendimento.jpg

12. NUNES, Aline (ed.). **Vitória e Serra vão ter 50 novos leitos de emergência para COVID-19**. 2020. Disponível em: <https://www.agazeta.com.br/es/cotidiano/vitoria-e-serra-va-ter-50-novos-leitos-de-emergencia-para-covid-19-0520>. Recuperado em: 02 jun. 2020.

13. Ministério da Saúde; Secretaria de Vigilância em Saúde. **Boletim Epidemiológico 07, Especial: Doença pelo CoronaVírus 2019**. Disponível em: <https://www.saude.gov.br/images/pdf/2020/April/06/2020-04-06-BE7-Boletim-Especial-do-COE-Atualizacao-da-Avaliacao-de-Risco.pdf>. Recuperado em: 02 jun. 2020

14. GALHEIGO, S. M.; ANGELI, A. A. C. de. **Terapia Ocupacional e o cuidado integral a saúde de crianças e adolescentes: a construção do Projeto ACCALANTO**. Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo, v. 19, n. 3, p. 137-143, set./dez. 2008

15. Salles MM, Matsukura TS. **Estudo de revisão sistemática sobre o uso do conceito de cotidiano no campo da terapia ocupacional no Brasil**. Cad Ter Ocup UFSCar, São Carlos. 2013;21(2):265-73.

4 MULHERES EM VULNERABILIDADE SOCIAL DURANTE O ISOLAMENTO PELA COVID-19: A GARANTIA DOS DIREITOS COMO PREVENÇÃO E ENFRENTAMENTO À VIOLENCIA DOMÉSTICA

Sheila da Penha Vasconcelos Ribeiro¹³

Janilce de Souza Lan dos Santos¹⁴

Layla dos Santos Freitas¹⁵

Rosemery Casoli⁴

O trabalho visa apresentar a implementação de ações para a segurança de mulheres, no contexto do isolamento social imposto pelo vírus SARS-Cov2 (responsável pela doença conhecida como COVID-19). As ações estão circunscritas no projeto Fordan: Cultura no Enfrentamento às Violências, que é um projeto de extensão da Universidade Federal do Espírito Santo, criado pela Prof.^a Dr^a Rosely Maria da Silva Pires, em 2005. Atualmente, trata o enfrentamento às violências contra mulheres, LGBTQI+ e juventude em risco social do bairro São Pedro e recebe apoio especializado.

A metodologia indiciária proposta por Carlo Ginzburg é utilizada como norteadora do desenvolvimento da investigação/ação. O objetivo da pesquisa é mapear ações para o monitoramento e acolhimento de 50 (cinquenta) mulheres, 07 (sete) homens e respectivas famílias. Foram analisados dados importantes de pesquisadores(as) do projeto. Em breve revisão de literatura, buscamos estabelecer relações entre o isolamento social e a importância do processo de acolhimento e monitoramento, dando destaque ao

¹³ Assistente social e pesquisadora do Projeto de Extensão da UFES Fordan: Enfrentamento a Violência. sheiladapenha@hotmail.com

¹⁴ Assistente social e pesquisadora do Projeto de Extensão da UFES Fordan: Enfrentamento a Violência.. souza.janilce26@gmail.com.

³ Advogada voluntária e pesquisadora do Projeto de Extensão da UFES Fordan: Enfrentamento a Violência. Pesquisadora do LAPVIM: Laboratório de Pesquisas sobre Violência contra a Mulher.

⁴ Mestra e Professora de Artes. Pesquisadora nos Projetos de Extensão da UFES: LAPVIM: Laboratório de Pesquisas sobre Violência contra a Mulher; NEI: Núcleo de Estudos e Pesquisas Indiciárias; FORDAN: Cultura no Enfrentamento às Violências. rosemerycasoli@gmail.com

fortalecimento emocional como base da segurança da mulher e a garantia de direitos como prevenção e enfrentamento da violência doméstica.

4.1 O FORTALECIMENTO EMOCIONAL COMO BASE DA SEGURANÇA DA MULHER

Organizações voltadas ao enfrentamento da violência contra a mulher observaram aumento significativo nos casos de depressão, ansiedade, dentre outros transtornos mentais. Um estudo realizado pela Universidade do Estado do Rio (UERJ), aponta que durante a pandemia houve aumento de 90% (noventa por cento) os casos de depressão, enquanto os casos de ansiedade e estresse dobraram (UERJ, 2020).

Embora pesquisas assinalem que a pandemia tenha intensificado os problemas para a saúde mental de muitas mulheres, sobretudo devido à sobrecarga, dados do boletim 01 contradizem os oficiais e apontam que apenas 15% (quinze por cento) das mulheres atendidas pelo projeto informaram fazerem as tarefas sozinhas. As demais, dividem com os(as) demais residentes. Esse resultado, possivelmente, decorre do trabalho desenvolvido, já que em momento anterior, foi trabalhado com crianças e jovens a necessidade de colaborar com as tarefas de casa. Portanto, as mulheres estavam em processo de fortalecimento.

4.2 A GARANTIA DE DIREITOS COMO PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA.

Rose Marie Muraro, no livro “O martelo das Feiticeiras”, diz que a sociedade determina o papel dos homens e das mulheres. Para os primeiros, é reservada a função de trabalhar no domínio público. Para as mulheres, são delegadas funções no espaço privado, tornando-as dependentes, do ponto de vista financeiro. Esse fato pode gerar, sob determinado ponto de vista, submissão psicológica.

Para o rompimento dessa dependência, foram utilizadas estratégias para desenvolver formas de fomentar a autonomia e fortalecimento. Atendimentos passaram a ser realizados de forma on-line, por meio de contato telefônico ou videochamada, dando continuidade ao trabalho, buscando possibilitar um isolamento social caracterizado pela garantia de direitos. No projeto, a equipe multidisciplinar atua a partir de uma perspectiva

voltada para autonomia e transformação efetiva, para que mulheres se reconheçam como sujeitos. Nesse sentido, reforçamos a compreensão de que

[...] são direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição” (BRASIL, 1988).

Isso posto, ao questionar o porquê a mulheres se sentem seguras no projeto, foram recebidas as seguintes respostas:

“Porque não estamos sozinhas” (Monitorada 01)

“Temos vocês, que são nossa segunda família” (Monitorada 02)

“Porque vocês estão sempre juntos com a gente no momento mais difícil e nunca nos deixa sozinhos” (Monitorada 03)

“Mesmo nas dificuldades, estão vindo até nós, evitando aglomeração. Cuidando de todos, sempre nos lembrando de nos cuidar. Isso é maravilhoso, saber que tem pessoas que se importam com o próximo” (Monitorada 04)

“Porque mesmo em meio às dificuldades vocês tem trabalhado incansavelmente para ajudar a nos proteger e a nossa família não só com alimento, mas também com nosso bem-estar psicológico e emocional” (Monitorada 05)

“Porque vocês cuidam da gente e das nossas crianças com muito carinho amor e dedicação e sempre procurando oferecer o melhor” (Monitorada 06)

“Porque se importam com a gente e nos dão um carinho sem medida” (Monitorada 07)

A atuação das equipes é orientada e materializada por ações que permitem superar visões estritamente assistencialistas. Por meio do processo de escuta e observação, observa-se evidências de que as pessoas se sentem seguras. A escuta tem se mostrado como um método efetivo para evitar o agravamento da saúde mental. “Ouvir o outro”, a sensação de pertencimento, faz com que os sujeitos se sintam importantes. Outro fato que vale destacar é a sororidade entre as acolhidas. Como descrito por Rose Marie Muraro,

As mulheres camponesas pobres não tinham como cuidar da saúde, a não ser com outras mulheres tão camponesas e tão pobres quanto elas. Elas (as curadoras) eram as cultivadoras ancestrais das ervas que devolviam a saúde, e eram também as melhores anatomistas do seu tempo. Eram as parteiras que viajavam de casa em casa, de aldeia em aldeia, e as médicas populares para todas as doenças.

Quando a escuta é realizada com determinado grupo de mulheres, geralmente é possível obter informações de dificuldades relativas às demais, contribuindo com a compreensão de que desejam que o acolhimento seja recebido pelas colegas.

Referências

BRASIL. **Constituição da república federativa do Brasil:** Redação dada pela Emenda Constitucional nº 90, de 2015 Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em 19 mar. 2021.

MURARO, Rose Marie. Breve introdução histórica. In: KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. O martelo das feiticeiras: Malleus maleficarum. 20. ed. [reimpressão]. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2009. p. 5-17. Disponível em <<https://meridianum.ufsc.br/files/2015/04/MURARO-Rose-Marie-Martelo-das-feiticeiras-Introduc%CC%A7a%CC%83o.pdf>> Acesso em 23 mar. 2021.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Pesquisa da Uerj indica aumento de casos de depressão entre brasileiros durante a quarentena. Disponível em <<https://www.uerj.br/noticia/11028/>> Acesso em 18 mar. 2021.

5 DA ESCUTA AO ENFRENTAMENTO: SER LGBTQ+

Brener Araujo Acker¹⁶

Breno Cabral¹⁷

Debora Rosa Pereira¹⁸

Vinicius Vasconcelos Ribeiro¹⁹

Violência de todos os tipos são cometidas contra a comunidade LGBTQ+ diariamente, devido a um conceito de gênero que reafirma a heterossexualidade e monogamia como padrão de normalidade, contribuindo para a patologização de outros tipos de orientação sexual. Corpos violados e vidas retiradas, consequência de comportamentos e crenças preconceituosas que desrespeitam a vida e delimitam a diversidade sexual e tentam deslegitimar os movimentos favoráveis à comunidade, são práticas prejudiciais à saúde mental que levam à depressão, ansiedade e, muitas vezes, pensamentos suicidas das vítimas.

O Grupo Gay da Bahia contabilizou as mortes documentadas, somando 141 mortes no Brasil entre homicídios e suicídios. Soma-se a esses dados o fato de que o Transgender Europe (TGEU) contabilizou e se somou mortes de transexuais e registrou o maior índice de homicídios também no país.

Serem aceitas – ou não – nos diferentes espaços não repercute ‘apenas’ na inserção ou na restrição da participação e do exercício de direitos e da própria cidadania, mas, sobretudo, reverbera em suas próprias subjetividades, pois acabam por explicitar possibilidades e impossibilidades de ‘ir e vir’ nos espaços privados e/ou públicos, e, especialmente, a possibilidade ou a impossibilidade de existir nesses locais (MONZELI, FERREIRA e LOPES, 2015, p.461).

Com auxílio das ciências médicas e psicológicas contribuíram para os estereótipos negativos da homossexualidade, que antes eram arraigados e firmados pela religião associando-a a doença, perversão ou distúrbio mental, usavam a coerção na busca de

¹⁶ Fisioterapeuta, pesquisador do Projeto de Extensão da UFES Fordan: Enfrentamento a Violência.
brener.acker@gmail.com

¹⁷ Professor, Psicanalista e pesquisador do Projeto de Extensão UFES - FORDAN: Enfrentamento à violência
brenocabral.psi@outlook.com.br

¹⁸ Graduanda em Terapia Ocupacional, pesquisadora do Projeto de Extensão da UFES Fordan: Enfrentamento a Violência. debora97rosa@gmail.com

¹⁹ Cineasta e pesquisador do Projeto de Extensão da UFES Fordan: Enfrentamento à Violência.
viniciusvasconcelosr@gmail.com

“consertar” indivíduos que apresentavam práticas homoafetivas. Choques, pornografia e internação compulsória eram os artifícios utilizados para normatizar quem fugia dos padrões heteronormativos, com a promessa de converter a orientação sexual.

Embora o contexto fosse desfavorável, no decorrer dos anos, o movimento vem ganhando mais visibilidade junto aos movimentos sociais, ganhando espaço e legitimando falas, expressões e relações amorosas. A despatologização da orientação sexual não heteronormativa é debatida constantemente, enquanto a temática LGBTQ+ vem conquistando lugar nas pesquisas científicas, além de a população LGBTQ+ ter seus direitos respaldados por lei como por exemplo permissão de casamento entre pessoas do mesmo sexo em 26 países, sendo a homofobia considerada como crime em mais de 40 países.

No Brasil, em 2002, o processo de redesignação sexual, popularmente conhecido como “mudança de sexo”, passou a ser permitido pelo Conselho Federal de Medicina, e a partir de 2008, ofertado pelo Sistema Único de Saúde (SUS). No ano de 2018 foi determinado pelo Supremo Tribunal Federal que transgêneros possam alterar seu registro civil em cartório, atualizando seu nome e sexo.

O projeto Fordan é atuante há 15 anos na periferia, com a proposta de utilizar a cultura no enfrentamento à violência. Inicialmente o foco estava em crianças e, posteriormente, foram realizados o acolhimento das mulheres que também eram mães, jovens e homens pais, na busca de fortalecer a família e as relações para formar uma rede de apoio necessária para o desenvolvimento da criança e do jovem. Atualmente, o projeto fornece acompanhamento educacional, psicológico, terapêutico, jurídico, além de contar com profissionais da saúde.

Lutas e vitórias se somam aos resultados quando se fala de vidas que foram salvas e transformadas durante todo o processo, não somente dos usuários, mas também dos profissionais que hoje, mesmo distantes, seguem o caminho da garantia dos direitos humanos.

Contudo, até o momento, nossos braços não conseguiam alcançar a todos(as) e, infelizmente, nunca tínhamos executado projetos voltados para a população LGBTQ+, também muito presente na periferia dos bairros e, por diversas vezes, silenciada. Esse é o objetivo deste texto: fazer a escuta sensível sobre o processo de enfrentamento às violências vivenciadas por pessoas LGBTQ+.

De todas as formas de vivência, no contexto de violência e preconceito, pode-se dizer que a LGBTQfobia é a que atravessa todas as formas e posições de vulnerabilidade e hipossuficiência e que, quando aliada a outras formas de violência, como racismo e misoginia, a discriminação da qual as pessoas LGBTQ+ são alvo se torna ainda mais potencializada e devastadora. É necessário considerar que o amparo às pessoas desse grupo de vulnerabilidade possui caráter de urgência, pois o perigo e o sofrimento a que pessoas LGBTQ+ estão constantemente expostas, encontram-se tanto nas ruas quanto dentro de suas próprias casas. Nesse sentido, é retirado delas qualquer contexto de segurança, visto que a violência da qual são alvos, muitas vezes se instala dentro de seus lares.

Importante dizer que é necessário dedicar uma ótica diferenciada e específica para cada uma das letras que formam a sigla designada a este grupo de vulnerabilidade. A letra “L” que ocupava a segunda posição da antiga sigla GLS, figura em primeiro lugar devido ao entendimento de que mulheres lésbicas enfrentam um contexto de violência que se alia ao machismo, muitas vezes de forma a terem suas pautas e necessidades invisibilizadas pelo excesso de enfoque que é dado ao público composto por homens gays, contemplados na letra “G”. Mesmo entre os homoafetivos, existem segmentos mais visibilizados e “toleráveis” do que outros, especialmente no que diz respeito a questões que evidenciam racismo, classismo, misoginia e a própria homofobia internalizada.

As pessoas bissexuais ou biafetivas, contempladas na letra “B”, encontram um contexto específico de exclusão e invisibilidade, pois não são aceitos em meio à própria comunidade LGBTQ+, tampouco o são na comunidade heteronormativa.

Nos últimos anos, é possível perceber maior enfoque quanto às pautas da comunidade Trans, cujos sujeitos são representados pela letra “T”, que vem iniciando suas conquistas. Porém, é a vivência que mais sofre risco de vida, considerando que nosso país lidera o ranking mundial de assassinatos contra transexuais, segundo pesquisa divulgada pela ONG (Organização Não-Governamental) *Transgender Europe*, em 2016.

Quanto ao gênero *Queer*, representada pela última letra da sigla LGBTQ+, refere-se às mais variadas formas de se direcionar e vivenciar a sexualidade. Atualmente já se conhece sobre pessoas não-binárias, interssexo, gênero flúido, entre outras tantas formas plurais de se manifestar a sexualidade humana. É de vital importância que a comunidade

LGBTQ+ também reconheça e englobe a existência e resistência de outras formas de sexualidade, com o objetivo de diversificar e fortalecer a própria comunidade.

A partir desse panorama objetiva-se, por meio dos depoimentos a seguir, dar voz àqueles(as) que trazem em sua trajetória particular diferentes formas e marcas de violência, enfrentamento e superação, no que diz respeito à vivência LGBTQ+.

5.1 EXPERIÊNCIAS PESSOAIS

5.1.1 Debora Rosa Pereira

Ser LGBTQ+ nos leva a ter duas revelações: primeiro para si e depois para a família. Até que isso aconteça, passamos por uma “montanha russa” de sentimentos, uma vez que desconstruímos toda uma educação sociocultural a respeito do mundo e das relações heterossexuais e heteronormativas. Dessa forma, é necessário, também, entender a dificuldade da família em lidar com essas questões que, por muitas vezes, advém do medo. Nunca é fácil contar à família, principalmente aos pais, nossa orientação sexual, uma vez que são alicerce para nossa auto afirmação enquanto LGBTQ+. Se não tivermos uma rede de apoio em casa, nos fragilizamos com a condenação social muito mais facilmente, conseqüentemente nos causando depressão, pensamentos suicidas, ansiedades, pânico, dentre outros fatores que violentam-nos, não somente fisicamente, mas também mentalmente.

Nós, mulheres, somos violentadas constantemente, e isso se agrava quando falamos de mulheres lésbicas, trans e bissexuais. Nossos corpos e relações são desrespeitados a todo momento quando nos chamam de nojentas; quando sofremos abusos corretivos por acreditarem que precisamos de um homem de verdade; quando nossas interações sentimentais servem de objeto erótico em vias públicas ou residências, como se todos(as) tivessem direito a nós, exceto nós mesmas.

Desde criança, escondia até mesmo de mim minha orientação sexual, pois de acordo com as linhas religiosas nas quais fui criada, eram coisas que Deus não permitia e o castigo seria o inferno. Dessa forma, comecei a frequentar igrejas do meu bairro, muitas vezes incentivada pelos meus irmãos, com algumas outras amigas e sempre pedia que esse “mal” fosse retirado de mim e quando eu não seguia mais os padrões ditos “cristãos”

e voltava a pensar na possibilidade de gostar de pessoas do gênero masculino e feminino, me sentia culpada.

Na adolescência comecei a descobrir mais sobre as orientações sexuais e fui entendendo aos poucos que sentir atração por homens e mulheres não era tão anormal quanto eu imaginava, mas havia um processo de negação muito forte formado em mim do qual me desvincular era difícil. Em casa, eu tentava defender a comunidade LGBTQ+ e sempre havia rigidez ao me corrigir, até que uma vez meus irmãos mais velhos se reuniram para conversar sobre meus posicionamentos e um deles veio até minha casa dizendo que “Deus não concordava com isso”; que estavam preocupados comigo pois eu apresentava comportamento inadequado por defender o amor entre duas pessoas; que somos pessoas tristes pois não temos santidade no coração, dentre outras falas. Desde o momento narrado, comecei a me julgar mais a cada dia; não entendia porque a vida me permitia ser assim se eu somente sofria, até que entrei em depressão e me deixei levar pelas maldades/violências plantadas.

Com os avanços que tivemos na contemporaneidade, muitas religiões permitiram nossas frequências em seus templos, porém você dificilmente verá alguém LGBTQ+ atuando dentro da instituição, principalmente de denominação cristã. A sensação é como se servíssemos para ocupação das cadeiras e doação financeira, mas que não nos é atribuído o direito de gozar da fé.

O conservadorismo dito cristão que se percebe disseminado no Brasil, demonstra que estamos longe de um conceito de laicidade constitucional do país e essa dificuldade influencia socioculturalmente as tomadas de decisões legais no país. Consequentemente, reforçam nossa destruição em massa e os pensamentos estereotipados e negativos, moldando como nos veem socialmente e até mesmo como nos vemos.

Depois de muito trabalho, ajuda profissional, amigos que me apoiaram e pesquisas, fui me aceitando aos poucos, me fortalecendo enquanto mulher cisgênero bissexual; aprendendo a me defender e aos poucos tentando me preparar para revelar aos meus pais. Aos 18 anos, decidi contar para minha mãe que foi super compreensiva e acolhedora. Um ano depois, contei ao meu pai que mesmo sendo um homem “forte” e “durão” mostrou a sensibilidade de entender a filha.

Meus irmãos mais velhos ainda não sabem mas, com o apoio dos meus pais, fui me expondo mais a cada dia e permitindo, indiretamente, que eles soubessem da minha decisão. Meu maior medo era o de que se afastassem de mim e que não me permitissem ver meus sobrinhos que tanto amo, por compararem a homossexualidade a perversão,

maldade e a pedofilia, como tentam mostrar sempre quando saem matérias em jornais e outros meios de comunicação envolvendo homossexuais. Entretanto atualmente estou mais fortalecida por essa rede de apoio que me cerca e meu medo vai se desfazendo aos poucos, ao tempo que vou evoluindo e me construindo como ser dotado de direitos e merecedora de respeito.

5.1.2 Vinicius Vasconcelos Ribeiro

Estamos inaugurando esse núcleo do Fordan com quatro pessoas e, apesar de todas as diferenças entre elas – que vão de cor de pele e religião a idade e condição financeira – todas já passaram por alguma situação desconfortável pelo simples fato de amar alguém do mesmo sexo. Olhares tortos, represálias, agressões verbais e até físicas são exemplos de violências que LGBTQ+’s podem passar diariamente nesse país. A cada 23 horas é registrada, no Brasil, uma morte por homofobia. Quando você é preto e LGBTQ+, precisa se lembrar também de que a cada 23 minutos morre um jovem negro, só por ser negro. Resumidamente: ir ao mercado e voltar vivo é uma vitória.

Enquanto as estatísticas sobem, as crises também aumentam de forma gradual. Foi assim que adoeci. Sou um jovem de 27 anos e me vi como bissexual faz pouco mais de 4 anos. Durante a minha vida, só havia me relacionado com pessoas do sexo feminino. Porém, apesar de já ter uma atração também por pessoas do sexo masculino, nunca havia tentado, pois havia em mim um preconceito. A sociedade patriarcal molda o jovem masculino para ser “macho alfa” e “forte” e frases como “homem não chora” ou “não seja uma menininha”, são comuns em diversos locais. Quem as diz, não têm a menor noção do quão nocivo isso é para a educação de uma criança e/ou adolescente que ainda está se desenvolvendo.

Quando me assumi, estava longe de casa. Morava no Rio de Janeiro e lá tive minha primeira relação homoafetiva. A primeira pessoa para quem contei foi minha melhor amiga. Senti que havia tirado uma tonelada das minhas costas. Algum tempo depois, iniciei um namoro que durou quase 3 anos, cujo todo o tempo escondi do meu pai.

Uma depressão me forçou a voltar para casa e tudo mudou. Estava frágil. O relacionamento havia sido abusivo e sugado todas as minhas forças possíveis. Eu, que sempre tentei da melhor forma ajudar as pessoas e principalmente alertá-las sobre o perigo de relacionamentos abusivos, estava em um e não conseguia me enxergar nele. Tinha

perdido a vontade de viver, estava com medo de andar na rua e havia emagrecido. Crises de ansiedade e pânico me acompanhavam toda noite.

A violência do Rio de Janeiro me assustou completamente e o processo eleitoral de 2016 já havia me desestabilizado, sendo o de 2018 ainda pior. Mas algo maior ainda me deixava triste: não conseguia contar para o meu pai sobre minha orientação sexual. Na grande maioria do tempo eu conseguia relevar isso e tentar esquecer, mas quando o tema vinha à tona na minha mente, eu desabava.

Foi preciso uma depressão para eu contar para ele o quão mal me fazia ter que esconder do meu próprio pai com quem eu me relacionava. Muitos jovens como eu passam por isso todos os dias e quando contam, são rejeitados pela família. Eu tive a sorte de ser amparado. Minha mãe, para quem eu já havia contado, foi meu braço direito para enfrentar a depressão; e meu pai, o braço esquerdo. Não mudou nada em sua forma de me amar e me respeitar. Todo o medo que havia minha mente, devido à construção social, caiu por terra.

5.1.3 Breno Moreira Cabral

“São dois meninos”

Essa foi a frase que minha mãe provavelmente ouviu com maior clareza ao fim do seu trabalho de parto, que veio de forma prematura em seu sétimo mês de gravidez. Sim, éramos, de fato, dois meninos. Eu e meu irmão gêmeo viemos ao mundo em uma manhã ensolarada de quinta-feira, em pleno verão guarapariense.

É claro, meus pais fizeram tudo aquilo que qualquer pai e mãe fariam quando descobrem o sexo do bebê: sonharam; criaram planos, expectativas; traçaram a linha de tudo aquilo que era esperado em relação a ter um filho menino.

Pode-se dizer que meu irmão sempre teve mais facilidade ou naturalidade para corresponder ao que era esperado. Era craque em futebol, ficava facilmente vidrado na frente da TV enquanto passavam os jogos do campeonato e parecia ter muito mais disposição para discutir com nossos amigos sobre qual era o melhor time ou o melhor jogador. Passei bastante tempo tentando gostar de futebol e ser bom nisso. Afinal, eu só queria aquilo que geralmente qualquer criança quer: ser aceito no grupo de amigos e fazer

aquilo que nosso pai (que foi goleiro no passado) também adorava. Então, por um tempo, lá estava eu, indo pra escolinhas de futebol junto com meu irmão que, naturalmente, jogava muito melhor.

Bom, eu também era fã de esportes, especialmente artes marciais. Passei pelo Judô, Tae Kwon Do, Karatê... mas ainda ia levar um tempo pra eu entender que eu gostava, de fato, era também do tipo de contato que as lutas permitiam que eu tivesse com os outros garotos.

É difícil dizer qual foi o momento em que percebi que era diferente, mas a gente sempre sabe que é. Mas no meu caso tentei, de fato, ignorar que eu era diferente. Uma das questões de quando se é gay, mas não existe nenhum sinal evidente sobre isso na sua maneira de falar, vestir ou gesticular, é que você pensa que pode esconder isso até de si mesmo.

Quando vieram as primeiras experiências de carícias, toques, e curiosidade junto com um amigo de infância aos doze anos de idade, achávamos que “tudo bem”, porque sabíamos que só precisávamos tomar cuidado para que ninguém visse. Afinal, nenhum de nós dois parecíamos gay. O toque, a masturbação mútua, e a exploração de nossos corpos provocavam grande prazer e o fato de ser secreto adicionava uma dose extra de adrenalina em tudo.

Por mais que fosse bom, eu acreditava que seria algo passageiro. Na minha cabeça, fazíamos pela “molecagem”, pela aventura, mas obviamente depois que crescêssemos, cada um teria sua namorada e naturalmente perderíamos a vontade de continuar com nossas diversões secretas. Pelo menos era isso que eu torcia para que acontecesse.

Bom... para o meu amigo, assim ocorreu. Para mim, não. Embora eu tenha passado a adolescência ora beijando garotas, porque era o que todo mundo esperava, ora ficando secretamente com meu amigo de infância; ser gay não tinha sido uma preocupação grave ainda, pelo menos até os meus dezessete anos, quando percebi que estava crescendo e o desejo por garotos não passava. Então, comecei a esperar que, pelo menos eventualmente, eu passaria a sentir atração de verdade por mulheres também e que elas fossem chamar a minha atenção da mesma forma que eu admirava alguns homens. Mas esse dia nunca chegou.

Era legal namorar meninas, principalmente quando eram muito bonitas. Os outros meninos me admiravam; meus pais achavam o máximo; as pessoas paravam de perguntar por que meu irmão sempre estava com alguém, e eu não. Então, me via novamente como aquela criança, que estava na escolinha de futebol tentando se encaixar. Gostar mesmo, eu não gostava, mas sentir que todo mundo aprovava, aquilo era prazeroso demais e fazia até com que o fato de eu não gostar de ficar com meninas fosse irrelevante. Bastava ser visto em casal com alguma menina, pronto. Era o suficiente para dar alguma “satisfação” para minha família e para sociedade. Acho que foi nessa época que descobri, de fato, o quanto eu podia ser bom em ignorar quem eu realmente era, para agradar aos outros.

Então, assim foi, dos meus dezessete aos vinte e poucos anos. Começava a namorar alguma garota e, após uns meses, inventava alguma desculpa pra terminar a relação, antes que ficasse estranho demais o fato de eu ainda não ter nem tentado transar com ela.

Mas, aos vinte e um anos, conheci um garoto e acabei me apaixonando demais. Ele me encantava de um modo que me deixava vidrado e era assumido para família dele. Foi então que aquele menino mais jovem que eu, apresentou-me uma liberdade que eu não sabia que era possível viver. Quando ele me apresentou para sua mãe, apenas disse: “mãe, esse é o Breno, ele me pediu em namoro ontem”. Fui recebido com um abraço muito simpático de uma mulher que dizia “que bom finalmente te conhecer. Meu filho só fala de você há dias.”

É interessante quando sua primeira experiência de aceitação genuína vem de uma pessoa estranha. Pela primeira vez, eu era apresentado a alguém e a pessoa sabia que eu era gay antes mesmo de saber meu nome. Característica essa que vivia escondida “a sete chaves”, como se eu precisasse camuflar uma espécie de crime toda vez que alguém desconfiava que eu não me atraía por mulheres.

Acredito que o que me deu força e estímulo para começar a me aceitar, foi ser apresentado a uma aceitação natural, vinda de uma pessoa estranha. Levou um tempo ainda para aos poucos eu ir contando para mais amigos próximos sobre mim. A cada pessoa nova para quem eu decidia contar, o medo da reação delas, do julgamento, o receio do que elas pensariam e de que aquilo afetaria nossa amizade, vinha sempre à tona. Foi quando percebi que estava vivenciando um processo de homofobia internalizada.

Eu julgava que me aceitava como gay, mas ainda me culpava muito por isso. Comecei a estabelecer um tipo de relação com as pessoas como se eu precisasse compensar pelo fato de eu ser gay. Tentava compensar isso sendo um excelente profissional, um excelente amigo, sendo prestativo, inteligente, engraçado..., com medo de que em determinado momento, alguém chegaria e apontaria o fato de eu ser gay ou me chamasse de “viado”, e todas as qualidades que eu tentava mostrar pra compensar isso seriam irrelevantes. Afinal, “não pode ser viado. Viado é ruim”. Todas as vezes que eu percebia essa voz na minha cabeça, ela se fazia ouvir com a voz do meu pai. Foi então que, através de um processo terapêutico pessoal que levou certo tempo, eu percebi que eu tentava compensar a todo mundo pelo fato de eu ser gay... porque eu queria compensar meu pai por eu ser gay.

Em todos os níveis de consciência, sabia que meu pai nunca aceitaria. Então eu queria fazer o mundo gostar de mim “apesar” de eu ser gay, porque em algum momento isso pareceu mais fácil do que fazer meu pai me aceitar sendo gay. É como se eu quisesse voltar para casa no fim do dia dizendo “tá vendo pai? Todo mundo gosta de mim do jeito que sou. Por que você não pode gostar também?”.

Levou ainda mais um tempo pra eu perceber que eu não tinha que fazer ninguém gostar de mim, “apesar” da minha sexualidade. Aliás, acredito que serei mais verdadeiro se eu disser que ainda estou nesse tempo. Esse processo não finalizou. Eu percebo que ainda estou nesse processo toda vez que um estranho pergunta “e sua esposa, como está?” e eu acabo hesitando em dizer “não, é namorado”, e em seguida desconverso.

Hoje, tenho uma vida pública em relação à minha sexualidade. Sou sim, professor, psicanalista, espírita, vice-presidente de casa espírita gay e quem tiver que saber, vai saber, naturalmente. Mas devo confessar que ainda não consigo ser seguro assim cem por cento do tempo.

Vivi relações que me fizeram bem, que me fizeram mal; tive namorados muito bons e outros nem tanto; casei e fiz festa, separei, saí de casa, voltei; e reencontrei um velho amigo que hoje é meu atual namorado (católico, compõe o ministério de louvor da igreja dele e abertamente gay também) que amo muito. Percebi que a vida é assim mesmo. Apesar dos erros, de uma forma ou de outra, eu encontrava coragem pra tentar.

Acredito que aquela coragem começou quando vi que meus melhores amigos não mudaram comigo por eu ser quem sou e que, na verdade, nunca perdi uma amizade sequer por ser gay – apenas ganhei ainda mais.

E a aceitação do meu pai? Bem, talvez nem venha nessa vida. Mas aos poucos vou internalizando que quem perde é quem não aceita o outro como ele realmente é.

5.1.4 Brener Araújo Acker

“A BIXA”

Ser LGBTQ+ hoje em dia é um grande desafio. Mostrar para a sociedade o que realmente somos é difícil. Mas afinal, o que nós somos? Somos pessoas comuns, somos seres humanos. Sentimos dor, frio, fome, emoções. O que nos difere das demais pessoas, até hoje, com meus 24 anos de vida vividos, confesso que não sei. Mas para deixar claro: não pretendo aqui explicar nada disso. Eu simplesmente quero expor um pouco de mim. Um homem, que desde sempre gostou de outros homens. Um homem que carrega valores, princípios, moral e ética que lhes foram dados durante toda sua criação.

Comenta-se entre os meus familiares, e até vizinhos e conhecidos próximos, que desde quando eu era criança, já apresentava sinais de uma criança incomum e esses sinais cada vez ficavam mais visíveis ao longo da minha infância e juventude.

A sociedade tem uma pequena curiosidade. Eles já conseguem rotular a orientação sexual das crianças, logo que ela começa a falar e ter interação com outras crianças. Acho isso um tanto quanto equivocado. De certa forma, para um menino que foi criado pelos avós, que sempre foi mimado e que sempre teve tudo o que quis, o mínimo que poderia se esperar é que ele viraria “bixa”. Sim, eu já ouvi isso. Quantas vezes eu chorei, me machuquei, me maltratei, me martirizei por ser bixa. Dói muito saber que seus familiares te abominam tanto.

Com o tempo, a gente acaba nem ligando. De fato, construímos uma armadura, ou melhor, uma proteção contra tudo isso. Enfrentar nossos medos, nossos desejos, nossa natureza, às vezes pode ser desafiador. Uma vez eu fiquei parado no espelho me olhando, e tentando procurar em algum lugar de mim o que estava tão errado. Mas foi preciso

mergulhar no meu eu mais profundo para descobrir que a única coisa que eu tinha de errado era o próprio preconceito que eu tinha sobre mim.

Graças ao universo, eu tive a honra de poder ter tido duas pessoas incríveis como avós. O vovô Gabriel, que desencarnou há dois anos, e minha querida e amada vovó Neusa. Como eu fui privilegiado!! Tenho tanto orgulho deles. Fizeram de tudo para me proporcionar a melhor criação possível. Sempre carinhosos, me deram tanto amor, que hoje em dia, por onde passo, eu deixo um pouco desse amor que eles me deram para as pessoas. Em toda a minha infância, juventude e vida adulta, os dois me amaram, me respeitaram, e me apoiaram incondicionalmente. Vale ressaltar que nem todos que estão inseridos na comunidade LGBTQIA+ puderam ter a sorte que eu tive, e isso para mim é extremamente doloroso. Mas o fato de ter tido os meus avós durante a minha jornada, não significa que não sofri preconceito.

É difícil para uma criança entender o que se passa em sua mente. Na verdade, eu já entendia o que eu era, mas não conseguia aceitar. Sim. Sou gay! Nos dias atuais eu tenho tanto orgulho de mim, que nada que as pessoas digam ao meu respeito me afeta. Uma vez eu li que se eu levasse tudo que as pessoas fazem para o lado pessoal eu ia acabar enlouquecendo. Eu tenho que entender que as pessoas fazem coisas. Cabe a mim ou não, saber se essas coisas irão interferir na minha vida. É com esse lema que eu continuo minha jornada. A cada dia que passo eu enxergo um homem magnífico dentro de mim. Sei que ainda não cheguei aonde quero estar, mas tenho absoluta convicção que estou no caminho certo.

Hoje, me apresento como Fisioterapeuta e essa conquista é um misto de medo e, ao mesmo tempo, alegria. Escolhi essa profissão que, desde a minha formatura, me mostrou o quão grato eu devo ser com a vida. Ajudar pessoas, salvar vidas, colocar-se no lugar do outro, é um dos sentimentos que sinto todos os dias como fisioterapeuta. Graças aos deuses, pude conhecer um lindo projeto chamado Fordan. Lá, conheci o verdadeiro significado de solidariedade. Agradeço ao universo por me proporcionar experiências extraordinárias neste lugar. O Fordan abriu em mim algo que sempre esteve adormecido. “A BIXA”. Que saudade que eu estava dela. O fortalecimento que nos é dado por toda a equipe me fez entender que eu não preciso ter vergonha ou medo de quem eu sou. Eu sou assim, e não posso lutar contra minha natureza. Eu devo me aceitar, me amar, me valorizar.

“Eu sinto muito, me perdoe, eu te amo, sou grato”

5.2 DA ESCUTA AO ENFRENTAMENTO

Quando falamos sobre vivência LGBTQ+, logo se instala em nossas mentes o cenário de uma vida sofrida e nos preparamos para a história triste de discriminação e violência que virá a seguir. Temos esse sintoma porque bem sabemos o que significa se identificar com qualquer uma das letras que compõem essa sigla.

Na escuta de muitos pais e de muitas famílias, é relatada a não aceitação, a intolerância, a violência, e muitas vezes o quanto esses sentimentos são ainda mais enfatizados com base em dogmas religiosos.

Isso faz com que qualquer LGBTQ+ cresça com a profunda sensação de que é errado ser quem é, para o mundo. A sensação de não ser bem vindo(a), não ser desejado(a), não ser compreendido(a), é algo que faz com que se tenha certeza de que existe algo de errado, algo quebrado, defeituoso, dentro dessas pessoas. Isso cria o complexo da LGBTQfobia internalizada.

A saída que muitos homens gays encontram para lidar com isso é viver uma vida dupla. No livro “O Armário”, o autor Fabrício Viana assevera que se a sociedade não fosse tão preconceituosa e os homossexuais não aprendessem desde cedo que os seus desejos são errados, muitos problemas seriam poupados. Porém, quanto maior o desejo e quanto mais ele for reprimido pelos pais ou pela sociedade, mais fortes esses sentimentos de inferioridade e insuficiência se tornam.

O que falta para muitos jovens que acabam se descobrindo LGBTQ+ é a segurança e a crença de que eles continuarão sendo aceitos e amados por ser quem são. Por isso é importantíssimo o papel do acolhimento, da escuta, da segurança e, também, da representatividade que esses jovens precisam ter.

Ter contato com esses depoimentos, essas histórias, sabendo que após as horas mais difíceis as circunstâncias se tornaram melhores do que antes, pode dar esperança para quem estiver passando por um processo intenso de repressão, auto culpa e violência de qualquer natureza.

Encontrar essa aceitação e senti-la como vitória é parte do processo. Pode levar muito tempo e, às vezes, mesmo quando somos aceitos por pessoas que conhecemos, ainda vivemos internamente um conflito muito grande para aceitar quem realmente somos. Por isso não basta apenas sair do armário – é necessário se livrar da LGBTQfobia internalizada, que muitas pessoas homoafetivas, mesmo assumidas, carregam consigo.

Em 1978 a bandeira LGBTQ+ foi desenvolvida pelo designer Gilbert Baker, um símbolo da união de forças, lutas, autoafirmação e representatividade. Isso não significa que antes não houvesse esse apoio coletivo entre os LGBTQ+, porém a visibilidade estava caminhando a passos curtos, pelo fato de as pessoas estarem saindo de vários processos de adoecimento mental causado por fatores religiosos, familiares, socioculturais.

Mundialmente conhecida, ela faz nosso grito no enfrentamento às violências e violações serem ecoados por cantos diversos e adversos do mundo, ganhando mais força a cada dia.

Ao longo dos anos, foram criadas outras bandeiras que identificavam a luta particular de cada grupo da sigla LGBTQ+, não com o propósito de desunificar nossas batalhas, mas entendendo que cada movimento tende a demandar de suas próprias narrativas e protagonismos frente ao cruel, que não necessariamente sejam os mesmos de outros.

A unificação de forças nos fez ser vistos(as) e respeitados(as), perante leis específicas, mas as lutas individuais também trouxeram o protagonismo de outros(as) como os(as) transgêneros(as) que conquistaram a vitória da redesignação sexual ser aprovada no país e ofertada pelo SUS, os(as) de gênero fluido são reconhecidos em alguns processos com a possibilidade de colocarem alguma descrição ou não.

6 REFERÊNCIAS

MENDES, Wallace Góes; SILVA, Cosme Marcelo Furtado Passos da. Homicídios da População de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais ou Transgêneros (LGBT) no Brasil: uma Análise Espacial. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, p. 1709-1722, 2020.

MONZELI, Gustavo Artur; FERREIRA, Vítor Sérgio; ESQUERDO LOPES, Roseli. Entre proteção, exposição e admissões condicionadas: travestilidades e espaços de sociabilidade. **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar**, v. 23, n. 3, 2015.

NASCIMENTO, Geysa Cristina Marcelino; SCORSOLINI-COMIN, Fabio. A Revelação da homossexualidade na família: revisão integrativa da literatura científica. **Trends in Psychology**, v. 26, n. 3, p. 1527-1541, 2018.

VEZZOSI, Jean Ícaro Pujol et al. Crenças e Atitudes Corretivas de Profissionais de Psicologia sobre a Homossexualidade. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 39, n. SPE3, 2019.

VIANA, Fabrício. O Armário, Vida e Pensamento do Desejo Proibido. 4ª Edição, 2015. Pg. 98.

6 A ARTE COMO CONTEXTO DO DIA-A-DIA: PROCESSOS DE FORTALECIMENTO INTRAFAMILIAR EM MOMENTOS DE ISOLAMENTO SOCIAL

Rosemary Casoli²⁰

Arletth Boone²¹

Gislene Tschaen²²

6.1 INTRODUÇÃO

Os enfrentamentos diários das famílias que moram nas periferias são pautados em resistência, uma vez que estão expostas a vários tipos de questões inerentes à precariedade social imposta a esses espaços territoriais. Por vivenciarmos junto com elas esses enfrentamentos, entendemos a necessidade de buscar por alternativas que sejam capazes de minimizar os sentimentos negativos que essa precariedade causa.

Ao entendermos que o contexto atual, devido ao isolamento causado pela pandemia de Covid 19, traria consequências danosas, principalmente para a população periférica, criamos, para as famílias acolhidas pelo Projeto de Extensão FORDAN: Cultura no Enfrentamento às Violências, propostas de enfrentamento a partir do nosso conhecimento artístico, pois, acreditamos nos benefícios que as atividades desenvolvidas a partir das linguagens da arte podem fazer pelas pessoas.

Vigotski (1999) afirma que a arte transforma a vida de quem a vivencia, pois ela é um instrumento de transformação, o que nos possibilita defender todas as manifestações artísticas como conteúdos pedagógicos transformadores de emoções. Ressaltamos que, neste momento de pandemia, independente da atividade artística escolhida, o fazer criativo é uma necessidade inerente a todos, pois ele promove o bem estar que é essencial para a manutenção da saúde psicológica de que necessitamos para a manutenção e permanência da saúde física. Consideramos, então, que atividades desenvolvidas a partir da arte possam auxiliar na manutenção da autoimunidade que precisamos ter, principalmente neste momento crítico.

²⁰ Mestra em Artes/UFES. Licenciada em Artes Visuais/UFES. Pesquisadora, professora, coreógrafa e dançarina.

²¹ Bacharel em Educação Física/UFES. Bailarina, dançarina e professora de balé.

²² Bacharel em Educação Física/UFES. Bailarina, dançarina e professora de balé.

Os nossos estudos, como pesquisadoras, nos mostraram que a arte pode ajudar na expressividade de pensamentos e emoções em pessoas que se encontram com dificuldades emocionais diversas. Pode ajudar na diminuição da ansiedade e, também, do estresse; proporcionar momentos de relaxamento, calma e felicidade; ajudar na conexão interna de cada sujeito, o que, neste momento de isolamento, fortalece para o enfrentamento dos medos advindos das ameaças de contaminação e mortes causadas pela disseminação do vírus; pode auxiliar na lida com a perda de alguém próximo; pode auxiliar na mudança de foco em pensamentos doloridos e negativos ao ajudar na concentração de atividades divertidas e agradáveis.

No livro “Criatividade e Processos de criação”, escrito em 1978 pela artista e professora de artes Fayga Ostrower, a autora nos fala que a arte é trabalho que precisa ser sentido para ser produzido. A partir desse diálogo, nos propomos elaborar as atividades artísticas usadas para o fortalecimento das mulheres, dos jovens e das crianças acolhidas pelo FORDAN, a partir da dança, da música, da pintura e criações artesanais.

6.2 A METODOLOGIA DA PESQUISA-INTERVENÇÃO COMO AUXILIAR NA ELABORAÇÃO DAS ATIVIDADES CRIATIVAS

Para as psicólogas Marisa Lopes da Rocha e Kátia Faria de Aguiar:

Na pesquisa-intervenção, a relação pesquisador/objeto pesquisado é dinâmica e determinará os próprios caminhos da pesquisa, sendo uma produção do grupo envolvido. (AGUIAR e ROCHA, 1997, p.97).

Neste momento de isolamento o nosso objetivo como pesquisadoras e desenvolvedoras de atividades artísticas no projeto FORDAN é o de auxiliar na ampliação do fazer artístico autotransformador e terapêutico, cuja finalidade maior é auxiliar as possibilidades de alcance do equilíbrio e da harmonização interna das pessoas acolhidas pelo projeto neste momento de enfrentamento à Covid 19.

Porém, para que essa relação do pesquisador com o objeto pesquisado aconteça, utilizamos-nos do método/paradigma indiciário proposto por Carlo Ginzburg no início da década de 1980 - cuja estrutura metodológica investigativa tem como base os sinais, as pistas e os indícios - que nos auxilia na percepção e no entendimento das questões não verbalizadas explicitamente, porém, observadas nas atividades artísticas realizadas pelas pessoas que acolhemos. Para o autor, esta metodologia de pesquisa “pressupõe o minucioso reconhecimento de uma realidade talvez ínfima, para descobrir pistas de

eventos não diretamente experimentáveis pelo observador” (GINZBURG. 1990, p.152-153). Mediante este reconhecimento, o pesquisador compreende a realidade do sujeito e é possível observar fatos que podem vir a acontecer ou que já aconteceram.

A partir dessa metodologia, desenvolvemos o nosso saber e trabalhamos com a pesquisa-intervenção, o que nos permite ir moldando os nossos planos de oficina de acordo com as pistas e indícios que vamos colhendo durante o processo dialógico-reflexivo que utilizamos no desenvolvimento do nosso trabalho. Sendo que “o que caracteriza esse saber é a capacidade de, a partir de dados aparentemente negligenciáveis, remontar a uma realidade complexa não experimentável diretamente”. (GINZBURG. 1990, p.152).

Segundo Soares “a arte humaniza, e se ela humaniza, precisamos mais do que nunca, da sua utilização no meio educacional e mais ainda na sociedade de modo geral” (SOARES, 2007, p.4). Temos como procedimento de humanização fazer uma consulta às crianças, aos jovens e às mulheres sobre as atividades que serão ofertadas e os incentivamos a opinar sobre elas, o que dentro da nossa percepção de pesquisadoras auxilia no processo de fortalecimento e satisfação pessoal, pois eles não participam somente no momento do fazer artístico, mas também na escolha das atividades que irão fazer.

6.3 O DIÁLOGO DA ARTE COM O UNIVERSO DE MULHERES DA GRANDE SÃO PEDRO ACOLHIDAS PELO PROJETO FORDAN NO CONTEXTO DO ISOLAMENTO SOCIAL

Mesmo com o acolhimento à distância por causa do isolamento social, desenvolvemos atividades para que as mulheres que acolhemos tenham momentos de relaxamento e descontração; criamos, junto com as outras equipes que fazem os acolhimentos no projeto, uma apostila voltada para elas. Essa apostila²³ foi criada com vários objetivos, dentre eles, o de conscientizar as mulheres acolhidas de que a sua permanência e a dos seus familiares dentro de casa durante o isolamento social devido à pandemia causada pela Covid 19 é extremamente necessária. Por trabalharmos como uma equipe multidisciplinar nos enfrentamentos e acolhimentos foram inseridas na “Apostila

²³ Neste mesmo contexto de intervenção pedagógica foram criadas também, apostilas para os homens, os jovens e as crianças acolhidas pelo Projeto de Extensão FORDAM: Cultura no Enfrentamento às Violências.

das Mulheres”, informações e atividades desenvolvidas por cada equipe. Tais atividades objetivam também instigá-las a terem uma reflexão própria do momento que estamos vivenciando, uma vez que, trabalhamos a importância do ato de reflexão como um ato possível a todos.

Durante o processo de criação da apostila, as equipes dialogaram²⁴ com as mulheres sobre a importância da quarentena e do isolamento social para o bem de todos e sobre questões de necessidades básicas que são inerentes a todo ser humano. Esses diálogos serviram como base de dados para a criação de planilhas informativas, através das quais nos foi possível perceber a relevância em propor momentos de criação artística para as mulheres. Todas se encontravam num contexto de insegurança e medo devido à possibilidade do caos que estava se aproximando. Neste primeiro momento, foi sugerido a elas que produzissem junto com seus filhos e familiares (que convivem dentro dos mesmos espaços) desenhos das suas casas. Respeitando a subjetividade de cada mulher, não foi demarcado como esse desenho deveria ser feito especificamente. A criação era livre para que pudessem desfrutar junto com seus familiares momentos leves e relaxantes.

O resultado foi surpreendente, tivemos diversas narrativas pictóricas: algumas desenharam o que viam das suas janelas, outras desenharam o que acontecia no seu dia-a-dia. Teve algumas que desenharam como estava a convivência de todos dentro de casa. Teve aquelas também que desenharam a própria casa, e outras, que ainda desenharam como elas gostariam que fossem as suas casas. Ao criar algo que saiu inteiramente dos seus interiores, de forma inconsciente, as mulheres afirmaram a sua individualidade, valorizando a si mesmas e os momentos de convívio familiar.

Esses desenhos nos foram enviados através do *WhatsApp* (por aquelas que possuem esse recurso tecnológico) e se tornaram as ilustrações que compõe a capa da apostila que elas receberam junto com outros materiais necessários para desenvolverem as atividades propostas pelas equipes do FORDAN. Grande parte das mulheres acolhidas pelo projeto não acreditavam ser capazes de fazer arte, trabalhamos com elas o entendimento de que não é preciso ter o “famoso talento artístico” para criar a sua arte, e, as incentivamos se permitirem conhecer o prazer e os benefícios que o fazer artístico pode proporcionar.

Neste contexto, consideramos que ao instigar as vivências através de processos criativos, instigamos também o processo de ressignificação dessas mulheres, uma vez que

²⁴ Este diálogo também foi feito com as crianças, os jovens e os homens acolhidos pelo projeto.

o fazer artístico pode auxiliá-las na exteriorização dos sentimentos e emoções negativas acumulados neste período de isolamento, além de estimular o desenvolvimento da autoestima e do autocuidado.

Por entendermos que o trabalho com arte abre oportunidades para um ensino-aprendizagem que pode ser pautado por atividades específicas, criamos o projeto artístico “juntando os pedaços com arte”, no qual elaboramos atividades artesanais que, posteriormente, possam vir a auxiliar o grupo de mulheres acolhidas pelo projeto a criarem uma fonte de renda para si. Como são oficinas a distância, podem possibilitar o aprendizado de uma atividade sem colocar em risco a manutenção dos cuidados necessários que o momento exige. Inicialmente, trabalhamos com a técnica da papietagem²⁵ sobre material reciclado e a técnica do crochê. Ambas são atividades que proporcionam um bem-estar no momento criativo e ao mesmo tempo trabalha a concentração sensorial e a coordenação motora.

Os resultados obtidos têm sido motivo de comemoração, o que pode ser demonstrado pela satisfação que muitas delas fazem questão de expressar. Uma das frases mais usadas por algumas delas é esta: “acho muito legal, mesmo quando estou cansada ou com preguiça de fazer, sei que o resultado vai ser interessante e aí vem a vontade de fazer”. Outra frase marcante foi dita por uma delas quando conseguiu terminar o trabalho com papietagem: “consegui, que venha o próximo, eu adorei e esse é só o primeiro. Vou me aperfeiçoar”. Como havíamos presumido anteriormente, algumas delas podem estar descobrindo agora as suas capacidades e os relatos das suas descobertas também fazem parte do processo criativo pois, ao externalizar as suas emoções, estão trabalhando a percepção das suas subjetividades.

6.4 O DIÁLOGO DA ARTE COM O UNIVERSO DE JOVENS DA GRANDE SÃO PEDRO ACOLHIDOS PELO PROJETO FORDAN NO CONTEXTO DO ISOLAMENTO SOCIAL

Neste momento de isolamento as relações do dia a dia tiveram mudanças drásticas. Se lembrarmos como era antes da pandemia de Covid 19, vamos perceber que os jovens

²⁵ Papietagem ou empapelamento é um termo que pode parecer estranho, mas papietar ou empapelar quer dizer revestir de papel, e consiste em transformar objetos em esculturas, brinquedos, etc. Disponível em: <https://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/empapelamento-ou-papel-mache/>. Acessado em: 05 out. 2020.

tinham muitas atividades e/ou compromissos que os mantinham muito tempo fora de casa. Agora, porém, essas rotinas mudaram e, mesmo não sendo considerados do grupo de risco, precisam ficar em casa e se manterem o mais longe possível dos ciclos de contaminação pelo vírus causador da Covid 19, para não contaminarem seus familiares que estão no grupo de risco. Para os jovens, tão cheios de energia e de curiosidade pela vida, essa mudança brusca pode trazer consequências danosas tanto para a saúde física quanto para a saúde mental.

É natural que todos sintam dificuldades de convivência; as crianças podem até se adaptarem mais facilmente a este momento de isolamento, pois convivem de forma mais assídua com seus responsáveis, mas os jovens, por já exercerem atividades fora de casa e muitas vezes junto com outros jovens, acabam tendo uma maior dificuldade em se adaptarem às normas da nova convivência.

Como o nosso trabalho com os jovens acolhidos pelo FORDAN também é pautado na pesquisa-intervenção, buscamos primeiramente um diálogo franco e honesto sobre o momento que todos estamos vivenciando. Após esse diálogo, elaboramos dinâmicas que incluem a dança, e com isso objetivamos fortalecer neles a conscientização da colaboração de todos no enfrentamento desse momento de pandemia.

Segundo Kunz (2003), a dança pode ser dividida em três seguimentos: a dança lazer, a dança saúde e a dança socialização. Como lazer, a dança proporciona prazer, alívio e alegria. Como saúde, a dança é praticada como uma atividade física e traz benefícios para o corpo e mente de quem a pratica. Como socialização, a dança auxilia nas questões de convivência com as outras pessoas e auxilia também no desenvolvimento da expressividade.

Escolhemos a dança por ser uma área que dominamos e, portanto, ter mais segurança nas nossas propostas de intervenção. As autoras Alves, Boeno e Dantas (1999), nos dizem que

A dança é uma atividade que pode desempenhar um papel relevante na formação de crianças e adolescentes, pois contribui para a melhoria das capacidades motoras, afetivas e relacionais e, ao mesmo tempo amplia as possibilidades de assimilação e produção cultural. (ALVES et.al. 1999).

A nossa proposta é justamente essa: trazer a cultura, explicitada em forma de dança, para trabalhar com os jovens que acolhemos. Estamos elaborando atividades que

serão desenvolvidas a partir do *funk*, que é um movimento cultural ao qual a maioria dos jovens de periferia tem acesso, porém, nem todos conhecem a sua origem. Para trabalhar o processo criativo desses jovens, vamos juntar escrita e dança e incluir a música como elemento de ligação entre essas duas linguagens. Segundo Tavares, dentro do contexto da dança “a música funciona como elemento de ligação e integração entre os dançarinos [...] O estímulo sonoro normalmente determina o ritmo e a mudança nas sequências de movimento de uma dança”. (TAVARES, 2006, p. 49)

O *Funk* tem um estilo de dança e música próprios e talvez, devido a essa liberdade de movimentos expressada pelos movimentos, seja recriminado em muitos lugares. Porém, a nossa experiência como pesquisadoras que trabalham diretamente com o sujeito, nos mostra que não podemos desmerecer os saberes advindos das vivências desses sujeitos, pois elas são os processos formativos que os compõe. Temos aqui um desafio, que é o de trabalhar o *funk* como movimento cultural num processo de fortalecimento e enfrentamento neste momento de pandemia.

6.5 O DIÁLOGO DA ARTE COM O UNIVERSO DE CRIANÇAS DA GRANDE SÃO PEDRO ACOLHIDAS PELO PROJETO FORDAN NO CONTEXTO DO ISOLAMENTO SOCIAL

As autoras Andrea Pedroni Falsarella e Danielle Bernardes-Amorim, que versam sobre os efeitos da dança para o desenvolvimento psicomotor de crianças e adolescentes, nos dizem que

Por ser uma atividade coletiva e lúdica, acredita-se que a dança seja um instrumento de facilitação dos relacionamentos interpessoais, no desenvolvimento da autoestima, da autoconfiança e do senso de responsabilidade. Também proporciona benefícios físicos como: aumento da resistência corporal, estética, postura e flexibilidade; além de contribuir para o equilíbrio emocional dentro de um desenvolvimento do indivíduo como um todo. (FALSARELLA E AMORIM, 2008, p. 308).

Durante nossa formação como pesquisadoras, buscamos sempre por bases que nos auxiliem na teorização das nossas propostas de trabalho, este entendimento. Concordamos com as autoras citadas, pois usamos a nossa dança como uma forma de resistência pessoal, neste momento de isolamento. Por experienciarmos os benefícios advindos dessa

prática, entendemos a importância em desenvolver atividades com o balé para as crianças que acolhemos no projeto FORDAN.

As nossas experiências como professoras de balé nos auxiliam a verbalizar sobre os benefícios que essa arte produz sobre as crianças que a praticam. Os movimentos, por necessitarem de uma prática constante, auxiliam no desenvolvimento psicomotor das crianças. Esse desenvolvimento é extremamente relevante para que elas desenvolvam, também, uma melhor consciência de si e do que acontece à sua volta. Mesmo elas não estando no grupo de risco de contaminação pela Covid 19, elas precisam participar do isolamento social, e nós, buscamos de uma lúdica e criativa despertar nelas essa consciência, que não vamos chamar de responsabilidade por ser esta uma palavra “pesada” para uma criança carregar. Assim, pesquisamos e desenvolvemos um diálogo com a dança para explicitar a importância das crianças dentro desse momento.

Criamos o projeto “dança em casa” e iniciamos no mês de maio o atendimento a 12 crianças com idade entre 8 e 13 anos. O nosso objetivo é o de, através do balé, proporcionar momentos de aprendizagem nos quais as crianças possam vivenciar, junto com a sua família, uma melhor interação neste período de isolamento social; promover um bem-estar físico e mental, para que elas possam de uma maneira mais leve lidar com as emoções que esse momento propaga. A dança, segundo Marques (1998), pode ser considerada uma forma de liberdade, na qual os seus praticantes também podem relaxar a mente e movimentar o corpo e conquistar diversos benefícios em seus interiores. Criamos também um grupo no *WhatsApp*, para termos contato com os responsáveis e com as crianças e, através dele, passarmos as atividades e mantermos um diálogo com seus responsáveis para sabermos se estão conseguindo realizá-las, neste período de isolamento social. Para que essas crianças tenham estes momentos de ludicidade, enviamos semanalmente atividades através dos vídeos que fazemos para elas.

6.5 CONSIDERAÇÕES

A arte, em geral, tem um poder transformador no ser humano. O fazer artístico é um processo no qual o indivíduo exterioriza seus sentimentos e emoções, mesmo que inconscientes, oferecendo canais de expressão e escape, reduzindo o estresse resultante dos processos experienciados. Ao iniciar uma atividade criativa, geralmente, a pessoa vivencia uma tensão psíquica que é muito produtiva, visto que este conflito favorece o

crescimento pessoal. No andamento da atividade, naturalmente, vence a insegurança, ousa experimentar determinados materiais, cores, formas e movimentos, e sem que perceba, flui uma irreversível liberdade. Essa possibilidade de vivenciar momentos de ludicidade e criação contribui, de maneira expressiva, na melhoria da qualidade de vida, reduzindo o estresse resultante do estado de isolamento atual.

Usamos esse mesmo conceito, pautado nos benefícios do fazer artístico, para fortalecer a própria equipe, afinal, estamos todos vivenciando esse momento de isolamento. Todo esse processo de fortalecimento foi desenvolvido a partir da metodologia da pesquisa-intervenção, sendo esta ferramenta extremamente auxiliar na elaboração das atividades de fortalecimento. Novamente, citamos Aguiar e Rocha (1997), pois “a relação pesquisador/objeto pesquisado é dinâmica e determinará os próprios caminhos da pesquisa, sendo uma produção do grupo envolvido” (AGUIAR e ROCHA, 1997, p.97), o que nos auxiliou manter também um contato de proximidade, mesmo à distância, com as pessoas que trabalham de forma voluntária no projeto.

Para legitimar a integração de todos e, também, compartilhar com o público o trabalho que desenvolvemos com arte, foi organizada por várias equipes do projeto o primeiro Festival Cultural Virtual do Fordan, sendo este exibido através da Live Solidária do Fordan, na data de 07 de maio de 2020. Este evento contou com a participação de vários artistas brasileiros, renomados nacional e internacionalmente, e possibilitou ao público conhecer os artistas que trabalham como voluntários no projeto.

REFERENCIAS

AGUIAR, K. F. e ROCHA, M. L. Práticas Universitárias e a Formação Sócio-política. **Anuário do Laboratório de Subjetividade e Política**, nº 3/4,1997, pp. 87-102.

ALVES, Márcia; BOENO, Andressa; DANTAS, Mônica. Dança corpo e representações. **Revista Conexões: educação, esporte, lazer**. Campinas, v.1, n.2, p.97-107, jun. 1999.

FALSARELLA, A.P.; AMORIM, D. B. A importância da dança no desenvolvimento psicomotor de crianças e adolescentes. **Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP**, Campinas, v.6, ed. especial, p. 306-317, julho. 2008.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: **Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História**. 1ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

KUNZ, Maria do Carmo Saraiva. **Dança e Gênero na escola: forma de ser e viver mediadas pela Educação Estética**. Tese de doutorado apresentada ao curso Motricidade Humana na especialidade de Dança da Universidade Técnica de Lisboa. 2003.

MARQUES, I. Corpo, dança e educação contemporânea. **Pro-Posições**, v. 9, n. 2, 26 de Junho de 1998.

OSTROWER; Fayga. **Criatividade e Processos de Criação**. 2^a ED. Petrópolis: Vozes, 1978.

SOARES; Alexsandro Rosa. A Importância da Arte para a Socialização. **Revista Ibero Americana**. Disponível em: <http://www.rieoei.org/opinion42.htm>. Acessado em 05 OUT. 2020.

TAVARES, ISIS MOURA. **Educação, corpo e arte**. Curitiba: IESDE, 2006.

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia da arte**. São Paulo: Martins Fontes. 1999. (Originalmente publicado em 1925).

7 ENTREVISTAS COM PARCEIRAS E PARCEIROS QUE FIZERAM A ACESSORIA À EQUIPE E COORDENAÇÃO DO FORDAN

Uma das bases fundamentais do Fordan é o trabalho em rede, o que se faz possível porque temos parceiros e parceiras fundamentais. Alguns destes se tornaram assessores do Fordan dando orientações à equipe e à coordenação, auxiliando no encaminhamento de denúncias ou de acolhimento às demandas das famílias de São Pedro.

7.1 ETHEL LEONOR NOIA MACIEL²⁶

Esse ano foi um ano em que tivemos que enfrentar muitas dificuldades. Um vírus desconhecido, causando uma doença que nós não compreendemos. Um ano depois, ainda há muitas incertezas. A ciência, nesse primeiro ano, foi fundamental para que pudéssemos ter condições de, pelo menos, proteger um grupo importante de pessoas através da vacinação. A gente aprendeu muita coisa sobre o manejo clínico da doença; aprendemos como cuidar melhor das pessoas doentes; e a observar os sinais e sintomas de alerta. Tudo isso ajudou muito. Hoje temos protocolos para cuidar melhor das pessoas, ainda que hoje não tenhamos medicamentos antivirais que curem a Covid. Temos vacina para prevenir a doença, principalmente a mais grave. Então, nesse 1 ano, conseguimos essa importante descoberta da ciência, que é a vacina contra a COVID-19.

Temos, no Brasil, ainda poucas doses mas esperamos, no próximo mês, um cronograma de vacina para que possamos ter um programa de vacinação com mais doses e que cubra e atinja mais pessoas. Precisamos atingir 70% da população brasileira. O que me preocupa é que estamos na maior crise sanitária no Brasil de todos os tempos. Temos todos os sistemas de saúde colapsados, gravíssimos, com possibilidades de pessoas ficarem sem possibilidade de leito. Pessoas morrem por não ter leito, medicamentos. O que mais me preocupa, nesse primeiro momento, são pessoas morrendo por falta de atendimento, na beira do hospital. Infelizmente, já temos algumas cidades que

²⁶ Professora da UFES. Doutorado em Saúde Coletiva/Epidemiologia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2004) e Pós-doutorado em Epidemiologia pela Johns Hopkins University (2008). Mestrado em Enfermagem de Saúde Pública pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1999). Representa o Brasil na Rede Governamental de Pesquisa em Tuberculose dos países do BRICS. Desenvolve suas atividades no Campo da Saúde Coletiva, com ênfase em Epidemiologia, atuando principalmente nos seguintes temas: métodos epidemiológicos, epidemiologia de doenças infecciosas, análise de controle de epidemias (COVID-19, Zika vírus, febre amarela) e em especial- o estudo da Tuberculose.

vivenciaram essa realidade. Contudo, os cientistas avisaram, desde dezembro, que esse momento dramático chegaria. Infelizmente, as autoridades demoraram muito para tomar uma medida. Vamos esperar para que ainda dê tempo e consigamos salvar vidas, enquanto a vacinação não vem.

Eu vejo o projeto Fordan como uma potência muito grande. O projeto conseguiu apoiar e monitorar tantas famílias nesse momento tão difícil. Esse apoio das famílias, através de informação adequada – porque informação salva vidas – através do apoio às necessidades básicas, através do apoio emocional – porque nesse momento a saúde mental está abalada, as pessoas perderam pessoas queridas. Infelizmente, todo mundo conhece alguém ou tem alguém querido que teve sua vida perdida nesse momento de pandemia. Então, considero o projeto Fordan como essa grande potência. Nós chegamos até esse momento sem mortes, sem pessoas internadas. É um sucesso e mostra o vigor e a necessidade de que nós tenhamos, na extensão da universidade, projetos que possam ter essa capilaridade e essa relevância na sociedade como o Fordan.

Nós precisamos ainda nos cuidar; a pandemia ainda está entre nós; o vírus tem novas mutações, ficando mais transmissível, causando doenças mais graves e em pessoas novas. O vírus mudou e nós precisamos lembrar disso. Precisamos redobrar nossas práticas de cuidados e seguir cuidando das nossas vidas e fazendo ações necessárias para que o projeto continue nessa trajetória de sucesso na sociedade capixaba.

7.2 ALOIZIO CARLOS DA SILVA²⁷

Os psicanalistas da Sociedade Brasileira de Psicanálise foram convidados para participar do Fordan na função de atendimento e acolhimento às mulheres e suas famílias em vulnerabilidade social

Essa parceria surge, no primeiro momento, a partir de um Seminário sobre Violência contra mulher realizado na UFES. As análises foram realizadas com objetivos de compreender a complexidade da violência contra mulher

²⁷ Mestrando em Sociologia e Direito/UFF. Mestre em Educação pelo IPLAC. Diretor e Psicanalista na empresa CPAS Editora e SBP - Sociedade Brasileira de Psicanálise. Escritor e Conferencista Internacional, realizou palestras , em países da Europa como Portugal, Itália, Suíça, Estados Unidos da América e outros. Ativista político e social com dissertação sobre racismo institucional.

O seminário tinha como base a análise de relatos produzidos pelas próprias mulheres. Elas escreveram depoimentos relatando as violências que viveram ao longo da vida. Os relatos eram sobre como elas estavam e como se constituiu a relação de violência com maridos, patrões, pais e namorados, e elas contaram o processo em que elas estavam vivendo de violência e como foi a infância delas com o pai e a mãe.

A partir dessa experiência, nós resolvemos criar o trabalho, para atender as mulheres e suas famílias acolhidas pelo projeto de extensão Fordan. O trabalho atenderia à metodologia do projeto com acolhimento/socorro de orientação, dentro do campo da psicanálise. Como a demanda era grande, ofereci o convite para colegas da Associação da Sociedade Brasileira de Psicanálise, onde temos mais de 200 associados. Então, alguns desses associados aceitaram desafio e até hoje atuam no trabalho do Fordan com essas mães/mulheres/crianças e homens.

Qual a importância do projeto para este um ano de enfrentamento a pandemia considerando as principais demandas da sua equipe?

Então... com o isolamento social, sem poder ir trabalhar, começou-se a ter conflitos dentro de casa, ansiedade, a preocupação com amanhã muito comum em todos nós. A Sociedade Brasileira de Psicanálise saem em socorro as pessoas, atendendo via telefone, *WhatsApp*, chamada de vídeo ou até mesmo ligação convencional para que a pessoa pudesse falar de si, das próprias dores. Então, essa é a nossa parceria com o FORDAN/UFES a qual agradecemos muito a participação.

7.3 HELOISA IVONE DA SILVA DE CARVALHO²⁸

Qual a importância da sua assessoria no projeto?

Primeiro, é importante destacar o quanto aprendemos, fortalecermos e nos formamos nas relações vividas nessa importante parceria com o FORDAN/UFES. As histórias e memórias dessas ações conjuntas entre os movimentos sociais nesse período

²⁸ Mestra em Educação Física no PPGEF/ UFES (2014). Pós graduada em Gestão Pública pelo Instituto Federal do Espírito Santo. Coordenadora da Comissão de Educação em Direitos Humanos da SEME/Vitória-ES; Coordenadora do Fórum Nacional de Mulheres Negras. Vice presidenta da UNEGRO (União dos Negros pela Igualdade). Ativista e Militante no Movimento Negro, Direitos Humanos e Relações de Gênero. Pesquisadora no grupo GESESC/UFES e do LAPVIM/UFES.

de pandemia tem potencializado reflexões, nos tornando mais fortes e solidificadas para pautarmos junto ao poder público (legislativo e judiciário) a garantia de efetivação das necessidades do diálogo, que apontam para um desenrolar de compreensão da valorização do conhecimento e entendimento dos direitos de cada pessoa; a necessidade da escuta; a reflexão para uma prática em defesa dos direitos humanos, na medida em que trataram de atendimentos a população de São Pedro, de forma transversal. A parceria com as redes de atendimentos para ações como essas, fortalecem as ações do movimento de Mulheres Negras e Movimento Negro, o repensar do quanto precisamos nos fortalecer nesse período de tantos retrocessos políticos e dos direitos historicamente conquistados por movimentos de lutas.

Desta forma, percebemos, ao longo do ano de 2020 e início de 2021, que algumas demandas que chegam da comunidade requerem ações imediatas. Para além de denúncias, apontamentos que chegam requerem debates, espaços e processos formativos, para maior fortalecimento nos campos da Educação em Direitos Humanos. Nesse processo, nossa aposta tem sido os diálogos sobre a importância e necessidade das ações em Redes de Proteção para a atenção às crianças, adolescentes, mulheres, bem como a implementação de políticas públicas nas periferias, que respeitem as diferenças, que proporcionem a construção e afirmação das identidades negras.

Nesse processo de assessoria construída entre o Fórum Nacional de Mulheres Negras e o Fordan/UFES, contribuímos com problematizações/reflexões sobre as Mulheres em diferentes espaços nas realizações de *lives*, debates, contatos e assessorias educacionais, mas caminhamos cientes que há muito mais a fazer.

Tem alguma experiência que gostaria de destacar?

O nosso processo identitário racial e de gênero tem sido constituído nos cotidianos da vida com/na comunidade periférica, o que nos provoca inquietações e questionamentos quanto às relações/conexões entre o racismo estrutural, as violências vividas pelas comunidades nas periferias no período da pandemia de Covid19. Destacamos que tivemos significativas experiências nos movimentos circulares de escutas no projeto “Conexões entre Mulheres de Periferia”, o qual realizamos aos sábados (uma vez por mês) na modalidade on-line, com vítimas de violência doméstica, mães de estudantes de escolas públicas. Por meio dessa ação, mesmo sendo realizada em outro território, foi possível identificar afinidades com as demandas oriundas da Comunidade São Pedro. Sendo

assim, a partir das escutas, das subjetividades de ser mulheres e inquietações como militante, feminista e defensora dos Direitos Humanos, acreditamos que é necessário avançarmos nas problematizações e investigações para pautarmos ações e serviços emergenciais para atendimentos as mulheres vítimas de violências, no contexto dos direitos humanos, do trabalho, da justiça social, da desigualdade e da democracia, bem como pesquisarmos os processos para produzirmos dados sobretudo nas ausências de políticas públicas de educação, assistência e saúde.

Acreditamos, assim, que é preciso evidenciar as narrativas produzidas por essas mulheres, trabalho já bem solidificado pelo Fordan/UFES, principalmente no interior da comunidade onde essas forças coercitivas se fazem presentes.

Qual a importância do projeto para esse 1 ano de enfrentamento à pandemia, considerando as principais demandas.

Conforme atlas de violência do ano 2019, as mulheres negras são as que mais sofrem violência doméstica no Brasil; são as que mais denunciam agressões; são as maiores vítimas de homicídio e feminicídio. As vítimas dessas agressões têm duas coisas em comum: gênero e raça. O que a frieza dos números deixa evidente é que a raça é determinante para as histórias dessas mulheres que sofrem violência. Nesse primeiro ano de trabalho em parceria com o Fordan/UFES e demais movimentos sociais, foi possível problematizar na nossa capital, Vitória, junto ao poder público, sociedade civil e judiciário os elementos potentes para nos mostrar possíveis caminhos para a desconstrução do machismo e de atitudes discriminatórias e violentas que cercam as vidas das mulheres nas periferias.

Outro campo importante que é preciso destacar é o Laboratório de Pesquisas contra a Mulher-LAPVIN, as delicadas condições político-epistemológicas que configuram a inserção das pesquisadoras negras que parece forçar tais espaços/tempos a terem que lidar com um diagrama complexo de forças que se articulam em torno das diferentes noções em elaboração sobre o que deveria caracterizar (ou não) o sentido próprio de seu fazer pesquisa.

A herança ocasionada pelo racismo estrutural, o processo de escravização negra e a ausência de políticas no pós-escravidão deixaram “marcas” em toda a sociedade brasileira: negros e negras sempre ficaram à margem dos projetos de governo que se erguiam. É preciso destacar que o campo mais potente de lutas sempre foi a educação

que, mesmo após inúmeras ações, é perceptível a invisibilidade de ações para empoderamento das mulheres negras. Nesse sentido, o Fordan/Ufes e as parcerias com o movimento negro e movimento de mulheres negras tem sido crucial para provocar espaços/tempos e políticas públicas na educação (atendimento as filhas e filhas dessas mulheres no processo de exclusão das aulas online) e principalmente, no campo de acesso às políticas públicas para mulheres negras de São Pedro.

7.4 JULIANE BARROSO²⁹

Qual a importância da sua parceria com o projeto de extensão da UFES Fordan: Cultura no Enfrentamento às violências?

Falo de um lugar muito importante para todas as mulheres, um lugar de conquista que é a Subsecretaria de Políticas para as Mulheres. Este organismo estadual de gestão e promoção de políticas, orientado numa perspectiva de equidade de gênero, no âmbito do governo, tem a missão de assegurar a transversalidade e intersetorialidade no poder público estadual para afirmação dos direitos das mulheres.

Bem... isso exposto, cabe também ressaltar a importância de diálogo entre poder público e sociedade civil para elaboração de respostas, por meio de políticas públicas que atendam, de fato, às necessidades das mulheres compreendendo-as na sua diversidade e pluralidade.

Contar com a colaboração e soma de esforços, por parte de organizações que desenvolvem um trabalho orgânico nos territórios é estratégico e coaduna com um modelo de gestão que acreditamos, que é o democrático e que se traduz em fazeres que tem o diálogo como base para o cumprimento de suas atribuições.

O FORDAN desenvolveu ao longo dos seus 16 anos de existência, uma expertise, sobretudo na atenção às mulheres em situação de vulnerabilidade que o credencia como reconhecida fonte de informação e proposição de respostas para as necessidades que se apresentam na realidade social marcada por tanta desigualdade.

Gostaria de destacar alguma experiência?

²⁹ Subsecretária de Políticas para as Mulheres. Assistente Social, professora universitária, coordenadora da Câmara Técnica do Pacto Estadual pelo Enfretamento à Violência Contra as Mulheres e conselheira titular do Conselho Estadual de Defesa dos Direitos das Mulheres (CEDIMES).

Destacarei “o socorro” concedido em um momento tão difícil e que ainda atravessa a nossa existência que é a pandemia.

Ainda em março ou início de abril de 2020, quando para nós deflagra a crise sanitária de escala mundial, várias medidas tiveram que ser tomadas e uma delas foi a redução de circulação de pessoas que implicou em isolamento e distanciamento social. Como consequência, vários serviços passaram a prestar o atendimento em modalidade remota. Muitos estabeleceram apenas como meio de contato com a população, o telefone.

Tal situação gerou para nossa equipe muita inquietação, sobretudo quando pensávamos naquelas mulheres que estavam sujeitas a violência: Como se daria o acesso? Contavam com estrutura para fazê-lo? Uma vez conseguindo, qual a qualidade desse atendimento? Precisávamos criar um instrumento que norteasse minimamente a oferta de cuidado e assistência para aquelas que demandavam atenção.

Oportunamente, a professora Rosely fez um contato conosco para dialogar sobre a pandemia e seus perversos reflexos na realidade. A insegurança alimentar, a subnotificação de situações de violência e as estratégias que à época o FORDAM estava desenvolvendo para atender as demandas, foram questões que permearam a nossa conversa.

Percebemos, ali, que o projeto poderia contribuir muito para elaboração do instrumento norteador para xs profissionais que passaram a atender de forma remota, assegurando através de dicas e estratégias, uma escuta ativa, um acolhimento sem ser presencial.

Bem... dessa produtiva conversa, nasceu a “Cartilha de Orientações para a realização do atendimento não presencial às mulheres em situação de violência durante o período de isolamento social”. O documento que pode ser acessado no *site* da Secretaria Estadual de Direitos Humanos (SEDH) – (<https://sedh.es.gov.br/Not%C3%ADcia/sedh-lanca-cartilha-sobre-violencia-domestica-durante-pandemia>), foi enviado virtualmente para os CRAS e CREAS e outras organizações que prestam assistência às mulheres.

Destaco, também, a indicação de famílias que foram, pontualmente, contempladas pelo programa ES Solidário com *kits* de higiene e “cestas verdes”, bem como o encaminhamento de situações que demandavam a suporte e atenção do Conselho Estadual

de Defesa dos Direitos das Mulheres (CEDIMES), que contaram com a valiosa intermediação do FORDAN.

Na sua opinião, qual a importância do Fordan para esse 1 ano de enfrentamento à pandemia, considerando as principais demandas do seu campo de atuação?

A importância de ser, reconhecidamente, uma referência de cuidado para aquelas cidadxs que sofreram e sofrem com desigualdade social e, em razão disso, duramente, com as consequências da pandemia. Para aquelas que têm a obrigação de propor respostas para esta realidade, o FORDAN é uma segura fonte de informação e compromisso com metodologias de trabalho que primam pela qualidade. Qualidade essa expressa pelo zelo na oferta de um modelo assistencial que coaduna técnica, proximidade e afetividade.

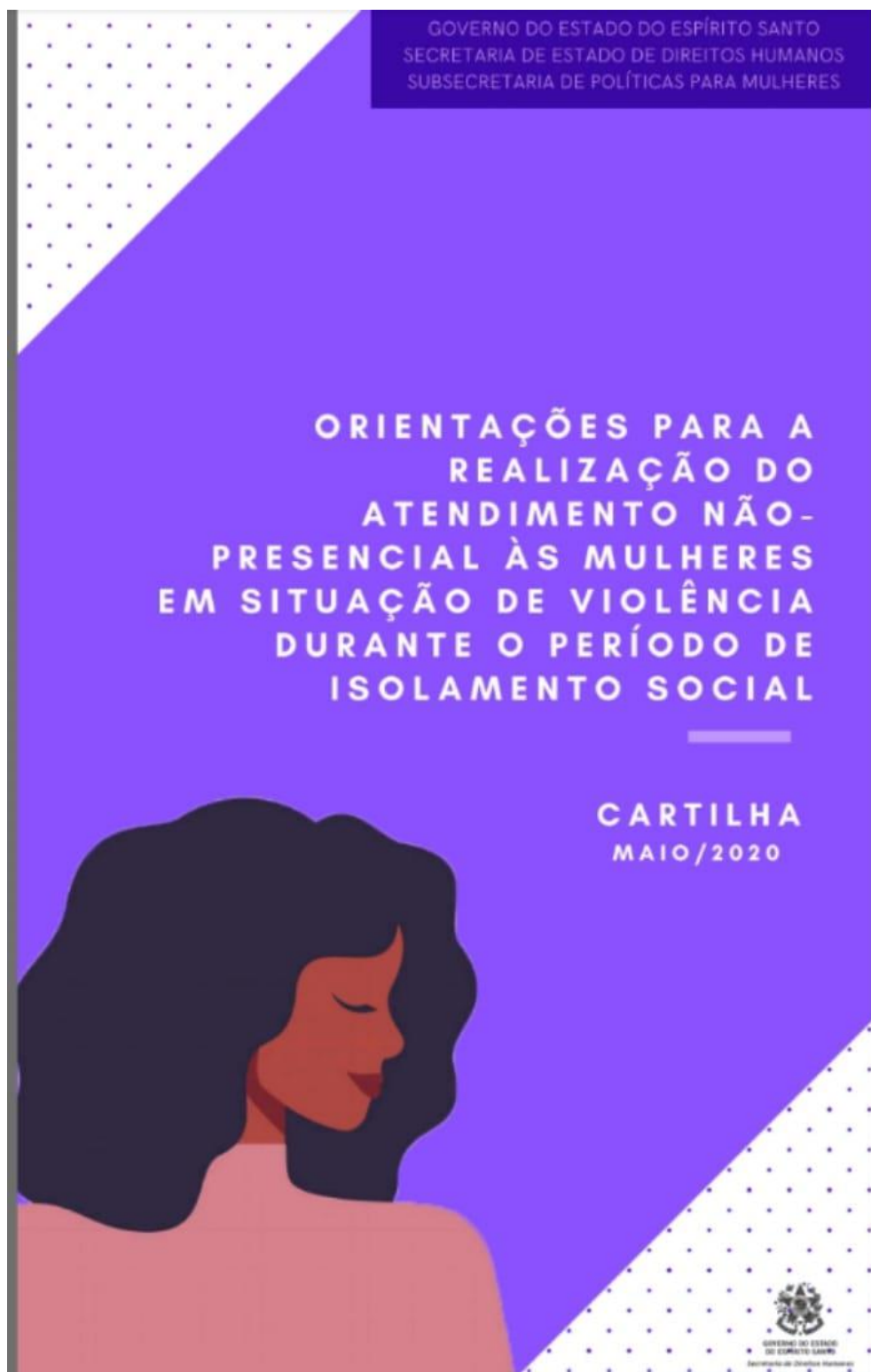
ANEXOS

1. BOLETIM 01. ACOLHIMENTO E MONITORAMENTO DE MULHERES E SUAS FAMÍLIAS EM VULNERABILIDADE SOCIAL DA GRANDE SÃO PEDRO – VITÓRIA/ES



<https://proex.ufes.br/sites/proex.ufes.br/files/field/anexo/fordan - covid19.pdf>

CARTILHA PARA ORIENTAÇÃO AO TENDIMENTO ONLINE DE MULHERES NO PERÍODO DA PANDEMIA PRODUZIDO PELA PARCERIA FORDAN /UFES E SECRETARIA DE POLÍTICAS PARA MULHERES/ES.



ELABORAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

Secretaria de Estado de Direitos Humanos
Subsecretaria de Políticas para as Mulheres

ELABORAÇÃO DA CARTILHA

Subsecretaria de Políticas para as Mulheres
Projeto de extensão Formação em Dança (FORDAN) -
Centro de Educação Física e Desportos (CEFD) / Ufes

DIAGRAMAÇÃO

Assessoria de Comunicação da
Secretaria de Estado de Direitos Humanos



GOVERNO DO ESTADO
DO ESPÍRITO SANTO
Secretaria de Direitos Humanos



Agradecimento

Especial agradecimento à equipe do Projeto de Extensão FORDAN - Cultura no Enfrentamento às Violências, nas pessoas da professora Rosely Pires, Sheila da Penha Vasconcelos Ribeiro, Janilce de Souza Lan dos Santos, Roberta Suzane Gouvêa e Rosemery Casoli, que em muito contribuiu para a elaboração da presente cartilha, a partir das experiências que estão acumulando com o acompanhamento das famílias participantes do projeto, em tempos de pandemia.

O FORDAN é um projeto de extensão ligado ao Centro de Educação Física e Desportos (CEFD) da UFES e realiza suas atividades há 20 anos, voltado para o enfrentamento da violência, na região de São Pedro, em Vitória.

CALENDÁRIO DE LIVES EM COMEMORAÇÃO AOS 15 ANOS DO FORDAN



18h às 20h

29/julho

**Fordan no Covid-19:
Os cuidados para continuar
mantendo viv@s 174
morador@s da periferia**

30/julho

**Violência contra mulher:
avanços e desafios
dos operadores da justiça**

31/julho

**Fordan 15 anos: metodologias
no acolhimento à periferia**

03/agosto

**A escuta Psi no fortalecimento
de famílias em vulnerabili-
dade social: a importância do
trabalho multidisciplinar**

04/agosto

**Políticas sociais no
fortalecimento de famílias em
vulnerabilidade social e no
enfrentamento às violências**

05/agosto

**Cultura: denúncia das
violências e fortalecimento de
famílias em vulnerabilidades
sociais no acolhimento à
periferia**



LIVE

05/08 - 18h às 20h

CULTURA

denúncia das violências e fortalecimento de famílias em vulnerabilidade social



Equipe: Lucas Yuri, Arleth França, Aryadne Silva, Gislene Tschaen, Leonardo Luiz, Lízio Silva, Heloysa Rangel, Pamela Moreira e Douglas Joseph

Convidadas: Claudia Rangel, Nelson Figueiredo e Otavo Tavares





LIVE

03/08 - 18h às 20h

A ESCUTA Psi NO FORTALECIMENTO DE FAMÍLIAS EM VULNERABILIDADE SOCIAL

A importância do trabalho multidisciplinar



Equipe: Maria De Fátima Sodré, Sthéfany Gonçalves, Viviane Pereira, Breno Moreira, Socrates Pereira, Marina Vieira, Suely Fernandes e Luciana Noia





LIVE

31/07 - 18h às 20h

FORDAN 15 ANOS:

Metodologias no acolhimento à periferia



Equipe: Olavo Silva Pires e Paula Melissa Gouvea
Convidadas: Marcia Barros Rodrigues, Mirian Rodrigues
e Karen Calegari





LIVE

29/07 - 18h às 20h

FORDAN NO COVID-19:

Os cuidados para continuar mantendo viv@s
174 morador@s da periferia.



Equipe: Danubia Galvão de Oliveira, Brener Araújo Acker,
João Pedro Oliveira Silva, Luiza Santos Busatto,
Debora Rosa, Mariane Silva, Maria Julia Castello Puppim
Convidada: Ethel Maciel





LIVE

04/08 - 18h às 20h

POLÍTICAS SOCIAIS

no fortalecimento de famílias em vulnerabilidade social e no enfrentamento às violências



Equipe: Rosemary Casoli, Adelaine Rocha e Andréia Gomes
Convidadas: Heloisa Ivone da Silva, Layla dos Santos e
Juliane de Araújo





LIVE

30/07 - 18h às 20h

VIOLÊNCIA CONTRA MULHER:

avanços e desafios dos operadores de justiça



Equipe: Rosely Silva Pires, Roberta Gouvea
e Aloisio Carlos da Silva

Convidadas: Brunela Vicenzi, Claudia Garcia e Catrina Cecin





EM FOCO

LIVES



entrevista:

ROSELY SILVA PIRES

Professora do Centro de Educação Física e coordenadora do projeto Fordan

Tema abordado:

**CUIDANDO DA COMUNIDADE - FORDAN
NO ENFRENTAMENTO À PANDEMIA**

**08 de julho, às 16h.
Instagram: @proex.ufes**



LIVE LAPVIM – ISOLAMENTO SOCIAL E LETALIDADE DA COVID 19 NA POPULAÇÃO PRETA E POBRE



LAPVIM
LABORATÓRIO DE PESQUISAS SOBRE
VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NO ESPÍRITO SANTO



Prof. Rosely Pires



Prof. Jurema Oliveira



Prof. Ethel Maciel



Prof. Gil Vicente

Convida para a
#LIVE
ISOLAMENTO SOCIAL E
LETALIDADE DO COVID-
19 NA POPULAÇÃO
PRETA E POBRE

Sábado
6/6 às 19 horas
<https://www.facebook.com/lapvimes>



Prof. Marcia Barros



Prof. Brunela Vincenzi



PAINEL DE DEBATES, CANAL DA UFES - A IMPORTÂNCIA DE CELEBRARMOS O DIA INTERNACIONAL DOS DIREITOS HUMANOS.

PAINEL DE DEBATES

A importância de celebrarmos o Dia Internacional dos Direitos Humanos

QUINTA • 10/12/2020 • 14H • CANAL UfesOficial 

 **Paulo Vargas** - reitor da Universidade Federal do Espírito Santo

 **Bruno Toledo** - advogado, mestre e doutorando em Política Social pela Ufes. Foi presidente do Conselho Municipal de Direitos Humanos de Vitória e do Conselho Estadual de Direitos Humanos. É professor de Direitos Humanos da Emescam e secretário municipal de Cidadania, Direitos Humanos e Trabalho de Vitória.

 **Rosely Silva Pires** - professora da Ufes, doutoranda em Sociologia e Direito pela UFF com tese sobre cultura, tráfico e exploração sexual de mulheres. Fundadora e coordenadora do Projeto de Extensão da Ufes que atua na periferia da grande São Pedro, Fordan: Cultura no Enfrentamento às Violências. Co-coordenadora do LAPVIM/Ufes. Pesquisadora do Laboratório Cidade e Poder da UFF.

 **Brunela Vieira de Vincenzi** (mediadora) - professora da Ufes, presidente da Comissão de Direitos Humanos da Ufes.

ApoieOsDireitosHumanos

 **PROAECI**
Pro-Reitoria de Assuntos Estudantis e Cidadania

 Comissão Permanente de Direitos Humanos Ufes

 **UFES**
Universidade Federal do Espírito Santo